BR COOP

Uma parceria
Montenegro | Comunicoop | somoscoop
Ano VIII I nº 48 I Out - Nov 2026
www.brcooperativo.com.br



WCM promove a fusão como tema para o coop nos próximos anos

FÓRUM

Coop+Seguro

Novo Horizonte do Mercado Segurador no Setor Cooperativo

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
(AV. GENERAL JUSTO,171 - CENTRO - RIO DE JANEIRO - RJ)

3/12/2026

O MAIOR DEBATE SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DO MERCADO COM A ENTRADA DAS COOPERATIVAS DE SEGUROS E A REGULAMENTAÇÃO DOS GRUPOS DE PROTEÇÃO MUTUALISTA.

PRINCIPAIS TEMAS EM DEBATE

COOPERATIVISMO COMO AGENTE SISTÊMICO, O MARCO LEGAL, NOVA LEI DO CONTRATO DE SEGURO, COOPERATIVAS E O RESSEGURO, DIÁLOGO COM CORRETORES, PRODUTOS, INOVAÇÃO E INCLUSÃO E MUITO MAIS!

NOSSOS PALESTRANTES


CÉSAR SAUT
VICE-PRESIDENTE DA ICATU SEGUROS


EDUARDO DADA
PRESIDENTE DA CENTRAL UNISEG


EDUARDO TOURINHO
SÓCIO DA LTG ADVOGADOS


FABIO IZOTON
COFUNDADOR DA SEGNA CONSULTORIA EM SEGUROS


FABIO LOPES
SUPERINTENDENTE COMERCIAL COOPERATIVAS


FERNANDO TILGER
CHIEF BROKING OFFICER DA MARSH RE NO BRASIL


HÉLIO SIRIMARCO
VICE-PRESIDENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA (SNA)


HELTON FREITAS
PRESIDENTE DA SEGUROS UNIMED


HUGO ANDRADE
COORDENADOR DE RAMOS NO SISTEMA OCB


ÍCARO LEITE
CEO DA GURU SPOC E EX-DIRETOR DA SUSEP


JOÃO ARMANDO SANTOS
PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO SICOOB CREDSEGURO


JOSÉ ALVES DE SOUZA NETO
PRESIDENTE DA ACI-AMÉRICAS


LUIZ LESSE
PRESIDENTE DA CONFEBRAS


MATHEUS FONTANELLI
DIRETOR DO CANAL COOPERATIVAS DA AXA SEGUROS


MARTIN PACHECO
SUPERINTENDENTE DE AGRONEGÓCIOS DA SANCOR SEGUROS


PAULO RENATO FERNANDES
SÓCIO-FUNDADOR DO ESCRITÓRIO F&S ADVOGADOS ASSOCIADOS


RENATA BEIRIZ FURTADO
SÓCIA FUNDADORA DA EUDS ADVOGADOS


RICARDO BALBINOT
PRESIDENTE DO CRESOL-MT


RICARDO FARIA GARRIDO
PRESIDENTE DO SINCOR-RJ


SÉRGIO MELLO
SÓCIO FUNDADOR DA MELLO, MACHADO ADVOGADOS


VINICIUS MESQUITA
PRESIDENTE DO SISTEMA OCB-RJ

INSCREVA-SE

VAGAS LIMITADAS!

WWW.FORUMCOOPSEGURO.COM.BR

(21) 99877-7735

NOSSOS PARCEIROS

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

PARCEIROS TÉCNICOS

ORGANIZAÇÃO, PRODUÇÃO E PROMOÇÃO

MÍDIA OFICIAL

MÍDIA PARCEIRA

O FUTURO
ACONTECE QUANDO É
PENSADO• LIDERADO• CRIADO

Toda grande transformação começa quando pessoas
diferentes se encontram em torno de uma mesma visão.

O **WCM'27** reunirá quem está pensando, criando e liderando o futuro
para colocar o cooperativismo como centro dessa nova era!

Ideias que desafiam o presente. **Conexões** que abrem novos caminhos.
E uma **visão singular** sobre o que podemos construir juntos.

Serão dois dias diferentes de tudo
o que voce já viveu no WCM

2025
CONEXÃO

wcm'27
world coop management

2026
FUSÃO

18 e 19 de outubro
Minascentro – Belo Horizonte

VIVA A SINGULARIDADE.

Inscreva-se em
wcm.coop

Realização
SistemaOcemg · wex · BX Educação Executiva

wcm.coop

Nesta Edição



24 - Capa
Termpo de fusão no coop

6 – Editorial - Cooperativismo: a força humana que constrói o futuro

8 – Circulando - Eleições 2026 redesenham a representação do cooperativismo no Congresso Nacional

11 – Circulando - Livro aponta caminhos para viver em um mundo de sete gerações

12 – Circulando - Legado Coop 2027 anuncia Daniel Ely e Fabíola Nader Motta como palestrantes

13 – Circulando - Iniciativa gratuita da Ailos Únilos capacita gestores da indústria catarinense

14 - Agenda Coop - Legado que se vive em comunidade

16 – Cred Coop - Cooperativismo de crédito enfrenta o desafio de crescer sem perder sua identidade

21 – Cred Coop - Dia Internacional das Cooperativas de Crédito. Finanças em um mundo ruidoso

22 – Cred Coop - FGCoop lança série de entrevistas com lideranças do cooperativismo de crédito

24 – Capa - Tempo de fusão no Coop

26 – Capa - WCM 2026: a fusão da tecnologia com o humano e o futuro do cooperativismo

28 – Capa - Intercooperação viabiliza renovação de frota

30 – Capa - Formar pessoas para sustentar o futuro

32 – Capa - Fabíola Nader Motta e os desafios para a divulgação do cooperativismo

34 – Capa - Comunicar a cooperação é mostrar a vida das pessoas

36 – Capa - Dolores Fernández destaca intercâmbio entre cooperativas como caminho para melhorar serviços

38 – Capa - CoopCafé conecta tecnologia, formação e intercooperação no WCM 2026

40 - Capa - Caravana GENCoop transforma convivência em oportunidades de negócios

42 - Capa - Quanto mais potente a IA, mais valiosa a presença humana

44 – Seção Rio+Coop

46 – Seção Espírito Coop

48 – Seção Minas Coop

50 – Seção SP Coop

52 – Seção Centro-Oeste Coop - MS

74 – Seção Centro-Oeste Coop - MT

56 – Seção DF Coop

60 – Seção Goiás Coop

62 – Seção Sul Coop-PR

70 – Seção Sul Coop-RS

72 – Seção Sul Coop-SC

78 – Seção NE Coop

86 – Seção Amazônia Coop

94 – Artigo - Luis Caversan - Ser nexialista – um comportamento necessário aos profissionais

97 - Artigo - Newton Parahyba - A importância da percepção da força da participação (a base do cooperativismo)

98 - Opinião - Sérgio Cordioli - Equilíbrio entre inovação X preservação da essência cooperativista

100 – Transporte em Pauta - Claudio Rangel

102 – Coop Seguro - Liliana Caldeira

104 – Governança Coop - Marcelo Cárfora

106 – Corrida Certa - Alexandre Burgel

108 – Cooperando com as Finanças - Myrian Lund

110 – Fundamentos Cooperativos - Emanuel Sampaio

112 – Aqui tem Coop - José Flávio Linhares

114 – Rota do Valor - Filipe Pires

118 – Vamos Inovar? - Hélio G. de Carvalho

120 – Empreendedorismo Coop - Renato Regazzi

122 - Destaque Coop - Saúde financeira na terceira idade: o valor de planejar hoje para viver melhor amanhã

BR COOPERATIVO é uma parceria da Comunicoop e Montenegro Grupo de Comunicação. End.: Avenida Embaixador Abelardo Bueno, 1.111, bl. Office 2, sl. 216 - Condomínio Seletto - Barra da Tijuca - CEP 22775039, Rio de Janeiro, RJ. Contatos e Publicidade: (21) 2533-6009/2215-9463; contato@brcooperativo.com. br | www.brcooperativo.com.br. **Editor Executivo**: Cláudio Montenegro (MTB-RJ: 19.027 - presidencia@ comunicoop.com.br). **Redação:** Claudio Rangel, redacao@brcooperativo.com.br; **Produção de Conteúdo**: Comunicoop; **Programação visual e diagramação:** Felipe Amorim; **Administração:** Marcia Fraga (marcia.fraga@comunicoop.com.br); **Mídias digitais:** Ana Jéssica Oliveira. **Colaboração:** Assessorias de Comunicação do Sistema OCB e Unidades Estaduais. **Colunistas:** Alexandre Bürgel, Claudio Rangel, Emanuel Sampaio, Filipe Pires, Jociane Coutinho, José Flávio Linhares, Marcelo Cárfora e Myrian Lund. **Distribuição:** Lideranças cooperativistas, dirigentes, gerentes, cooperados e funcionários de cooperativas de todos os segmentos (agropecuário, consumo, crédito, infraestrutura, produção de bens e serviços, saúde, seguros e transporte), entidades do Sistema 'S', federações de indústria e comércio, empresários, administradores e gestores, assessores jurídicos, auditores, contadores, profissionais de recursos humanos, associações, sindicatos, federações e entidades de classe de forma geral, órgãos e instituições governamentais, universidades, fornecedores de produtos e serviços para cooperativas e demais formadores de opinião. **Artigos:** Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores, não correspondendo necessariamente à opinião dos editores. **Envio de pautas:** redacao@brcooperativo.com.br (as pautas recebidas são avaliadas pelos editores, sem obrigatoriedade de publicação). **Capa desta edição:** Confebras



Claudio Montenegro
Editor Executivo

Cooperativismo: a força humana que constrói o futuro



O cooperativismo brasileiro vive um momento de transformações, no qual a integração, o conhecimento e a inovação ganham importância crescente. Nesta edição da Revista BR Coop, reunimos acontecimentos, experiências e entrevistas que mostram como o movimento cooperativista se prepara para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais tecnológico, sem perder sua essência humana.

Nosso principal destaque é a cobertura do World Coop Management (WCM 2026), realizado em outubro, em Belo Horizonte. Mais uma vez, o evento reuniu lideranças, especialistas e representantes de cooperativas do Brasil e do exterior. Com o conceito Fusão e o convite para Ousar Integrar, o encontro apresentou reflexões sobre o futuro dos negócios, a inovação e a importância das relações humanas.

A palestra de abertura, conduzida pelo filósofo Mário Sérgio Cortella, trouxe uma das questões mais instigantes da atualidade: até que ponto a inteligência artificial poderá transformar as relações humanas, o trabalho e as decisões das organizações? Diante dos avanços tecnológicos, o que deverá prevalecer: a capacidade das máquinas ou os valores que nos tornam humanos?

A reflexão ganha significado especial no cooperativismo, um modelo de organização econômica construído sobre a participação das pessoas, a solidariedade e a responsabilidade coletiva. A inteligência artificial oferece novas possibilidades de desenvolvimento, mas também exige atenção aos limites éticos de sua utilização. Afinal, a tecnologia deve servir às pessoas, e não substituir os princípios que orientam nossas relações.

Nossa equipe acompanhou de perto essas discussões. Por meio do Programa CoopCafé, realizamos entrevistas com importantes lideranças nacionais e internacionais, reunindo opiniões e experiências sobre os caminhos do cooperativismo. As conversas ampliam o conteúdo desta edição e oferecem ao leitor diferentes perspectivas sobre os desafios do setor.

Outro momento importante do WCM foi a apresentação dos resultados da pesquisa de imagem promovida pelo Sistema OCB. O levantamento revelou avanços significativos no conhecimento da sociedade sobre o cooperativismo brasileiro. Segundo os dados apresentados, o índice de pessoas que conhecem o cooperativismo passou de 28%, em 2018, para 67%, em 2026.

Os números representam uma informação especialmente relevante para quem trabalha na comunicação cooperativista. Ampliar o conhecimento da sociedade sobre o cooperativismo é essencial para fortalecer sua identidade, divulgar seus resultados e aproximar o movimento de novos públicos. Ao mesmo tempo, a pesquisa nos convida a refletir sobre os desafios que ainda precisamos superar para transformar conhecimento em reconhecimento, participação e confiança.

A Caravana GENCoop também merece destaque nesta edição. A iniciativa reuniu cooperativas e lideranças em uma experiência marcada pela integração, pelo intercâmbio de conhecimentos e pela aproximação entre organizações de diferentes segmentos. O encontro demonstrou como a intercooperação pode criar oportunidades de negócios e fortalecer os vínculos entre aqueles que compartilham os mesmos princípios.

No cooperativismo financeiro, também registramos o Dia Internacional das Cooperativas de Crédito, celebrado em outubro, reconhecendo a contribuição dessas instituições para a inclusão financeira e o desenvolvimento das comunidades.

Mas construir o futuro exige também conhecer e preservar o passado. Por isso, dedicamos duas matérias ao Legado Coop 2027, iniciativa que valoriza a memória, a identidade e a trajetória do cooperativismo. A entrevista com Heloísa Helena Lopes, da Casa Cooperativa, destaca a importância de preservar essa história e transmiti-la às novas gerações.

A educação também encontra espaço em nossas páginas, especialmente na participação da professora Ronise Figueiredo, que aborda a formação e a qualificação de profissionais e lideranças cooperativistas. História e educação caminham juntas quando o objetivo é preparar organizações capazes de responder às transformações da sociedade.

E, como já se tornou uma característica da Revista BR Coop, realizamos mais um giro pelo cooperativismo brasileiro. De Norte a Sul, apresentamos iniciativas relacionadas à sustentabilidade, à saúde, ao agronegócio, à educação, à geração de trabalho e renda e ao desenvolvimento regional. São experiências que demonstram a diversidade do modelo cooperativista e sua presença em diferentes atividades econômicas.

Esta edição reúne, portanto, três dimensões que consideramos fundamentais: a inovação que transforma, o conhecimento que prepara e os valores humanos que sustentam a cooperação.

Mais que registrar acontecimentos, nosso compromisso é aproximar pessoas, compartilhar experiências e mostrar como o cooperativismo contribui para o desenvolvimento econômico e social.

Afinal, em um mundo no qual a tecnologia avança rapidamente, talvez a maior força do cooperativismo esteja justamente naquilo que nenhuma máquina pode substituir por completo: a capacidade humana de confiar, compartilhar, participar e construir coletivamente.

Boa leitura e saudações cooperativistas!

Eleições 2026 redesenham a representação do cooperativismo no Congresso Nacional



Com 80 parlamentares eleitos que assumiram compromisso com o setor, a Frente Parlamentar do Cooperativismo prepara uma nova etapa de atuação. A Frencoop preserva lideranças experientes, ganha novos nomes no Senado e terá o desafio de transformar a representação política em avanços legislativos.

Um novo cenário para a representação do cooperativismo no Congresso Nacional chega a 2027 com o resultado das urnas. Dos 174 candidatos que assinaram o Termo de Compromisso com o Cooperativismo, 80 conquistaram mandatos para a legislatura que começa em fevereiro de 2027. O número representa aproximadamente 46% dos signatários e oferece ao setor uma base de interlocução parlamentar distribuída por diferentes partidos e estados brasileiros.

O Sistema OCB fez um levantamento e identificou a reeleição de 15 integrantes da atual diretoria da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop) para o próximo Congresso. Desse total, 11 deputados federais foram reeleitos, enquanto dois parlamentares com experiência na articulação cooperativista, Evair de Melo (Republicanos-ES) e Domingos Sávio (PL-MG), conquistaram vagas no Senado. Eles se juntarão a Tereza Cristina (PP-MS) e Efraim Filho (PL-PB), que permanecem na Casa.

Mais do que uma contagem de parlamentares, o resultado representa uma oportunidade de reorganização das relações institucionais do cooperativismo. A combinação entre a permanência de representantes experientes e a chegada de novos nomes será determinante para a construção da agenda legislativa do setor nos próximos quatro anos.

A Frencoop diante de um novo Congresso

Criada para reunir deputados e senadores em torno das demandas do cooperativismo, a Frencoop constitui um espaço de articulação suprapartidária. A função da Frente envolve o acompanhamento de projetos de lei, a interlocução com o Executivo e a mobilização de parlamentares para discutir propostas que afetam as cooperativas brasileiras.

Na atual legislatura, a Frente é coordenada pelo deputado federal Arnaldo Jardim (Cidadania-SP), cuja liderança esteve associada à discussão de temas como tributação, financiamento, segurança jurídica e desenvolvimento econômico.

O resultado eleitoral preserva parte da experiência acumulada pela organização. Entretanto, a composição formal da Frencoop para 2027 ainda dependerá da reorganização da Frente na nova legislatura. Da mesma forma, é importante distinguir os 80 parlamentares eleitos que assinaram o Termo de Compromisso daqueles que efetivamente integrarão a Frente após sua instalação.

Para a presidente executiva do Sistema OCB, Tania Zanella, o desempenho dos candidatos comprometidos com o cooperativismo demonstra a importância de manter a interlocução institucional com representantes de diferentes correntes políticas.

"É um resultado importante para o cooperativismo porque mantém no Congresso parlamentares que já conhecem nossas pautas e amplia esse grupo com novos representantes comprometidos com o setor. Essa combinação entre experiência e renovação fortalece nossa capacidade de diálogo e nos permite continuar apresentando propostas que contribuam para o desenvolvimento do país."

A avaliação da dirigente reforça uma característica da representação cooperativista: a atuação em torno de interesses econômicos e sociais compartilhados, independentemente das diferenças partidárias.

Senado recebe duas lideranças da Frencoop



Eleito pelo Espírito Santo com 982.978 votos, Evair de Melo encerrará três mandatos consecutivos na Câmara dos Deputados para assumir uma das cadeiras do Senado Federal. Sua trajetória inclui a presidência da Frencoop na legislatura iniciada em 2019 e a participação em debates sobre a modernização da legislação cooperativista.

Em 2020, foi reconhecido entre os influenciadores do cooperativismo brasileiro na premiação SomosCoop Melhores do Ano, episódio registrado pelo portal BR Cooperativo.



Eleito senador por Minas Gerais, Domingos Sávio também levará ao Senado sua experiência nas discussões relacionadas ao cooperativismo. Na atual diretoria da Frencoop, o parlamentar exerce a coordenação do ramo crédito, área de importância para o financiamento das atividades produtivas e a inclusão financeira.

Sua passagem para o Senado amplia a presença de parlamentares com conhecimento das demandas do cooperativismo financeiro naquela Casa Legislativa.

A permanência de Tereza Cristina e Efraim Filho, somada à chegada dos dois deputados eleitos, estabelece um núcleo de quatro senadores com participação identificada na articulação cooperativista. Essa presença será relevante para o acompanhamento de projetos que dependem de deliberação nas duas Casas do Congresso.

NÚMEROS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

174 eleitos
Candidatos signatários eleitos em 2026

80 de 174
signatários conquistaram mandato

80 diretores
da Frencoop que permanecem no Congresso

15 deputados
da direitoria reeleitos

46%
Eleitos

Fonte: Sistema OCB, levantamento divulgado em 5 de outubro de 2026. Os 80 eleitos não representam necessariamente o total de futuros integrantes da Frencoop.

Uma agenda que vai além dos partidos

O principal desafio do cooperativismo na próxima legislatura será transformar a disposição de diálogo dos parlamentares em resultados concretos para as cooperativas. Isso envolve tanto a aprovação de novas propostas quanto o acompanhamento da regulamentação de leis já sancionadas.

Entre as prioridades identificadas pelo Sistema OCB estão o reconhecimento das particularidades tributárias e jurídicas do ato cooperativo, o acesso ao crédito e ao financiamento, a segurança alimentar, a infraestrutura, a sustentabilidade e a inovação.

Esses temas atravessam diferentes ramos do movimento. No cooperativismo agropecuário, por exemplo, o debate envolve financiamento rural, infraestrutura logística e acesso a mercados. Já no cooperativismo de crédito, as discussões abrangem regulação, segurança jurídica e expansão dos serviços financeiros. Nos demais ramos, as demandas incluem condições adequadas de concorrência, modernização das normas e valorização das especificidades do modelo cooperativo.

A pluralidade partidária da Frencoop pode favorecer a construção de acordos em torno dessas questões. Ao mesmo tempo, a presença de parlamentares comprometidos com o setor não garante, por si só, a aprovação das propostas. O resultado dependerá das negociações políticas, da tramitação legislativa e da capacidade de articulação das organizações cooperativistas.

Tania Zanella considera que essa diversidade é coerente com a presença do cooperativismo em diferentes segmentos da economia brasileira.

“O cooperativismo está presente em diferentes regiões e realidades do Brasil, por isso também precisa estar representado de forma ampla no Congresso.”

A dirigente defende que a interlocução com os parlamentares tenha como referência uma agenda de desenvolvimento que considere o acesso ao crédito, a sustentabilidade, a inovação e a geração de oportunidades.

Educação política e aproximação com os eleitos

A mobilização que antecedeu as eleições foi acompanhada pelo Programa de Educação Política do Cooperativismo Brasileiro e pela campanha Pense no Coop, iniciativas do Sistema OCB destinadas a ampliar o conhecimento dos candidatos sobre o movimento e estimular a participação de cooperativas e cooperados no processo democrático.

Agora, com os resultados das urnas definidos para o Congresso Nacional, o trabalho entra em uma nova etapa. A entidade pretende apresentar aos parlamentares eleitos as prioridades do setor para o período de 2027 a 2030 e fortalecer os canais de interlocução institucional.

O desafio será construir uma base parlamentar que compreenda o cooperativismo não apenas como um segmento econômico, mas também como uma forma de organização capaz de contribuir para o desenvolvimento dos territórios.

Para Tania Zanella, a próxima etapa deve priorizar a aproximação com os representantes eleitos, a apresentação de informações técnicas e o diálogo sobre o impacto das cooperativas na economia e na sociedade.

O que esperar da Frencoop em 2027?

O novo Congresso reunirá parlamentares experientes e representantes que terão seu primeiro contato institucional com a agenda cooperativista. A recomposição da Frencoop dependerá da adesão desses congressistas e da definição de sua estrutura de direção.

A partir de fevereiro de 2027, o movimento cooperativista terá pela frente uma etapa de negociação de prioridades e acompanhamento das iniciativas legislativas.

O resultado das eleições de outubro revela que o cooperativismo continuará presente no debate político nacional por meio de representantes de diferentes estados e partidos. Entretanto, a medida mais concreta dessa representação virá do trabalho parlamentar desenvolvido ao longo da legislatura.

Para as cooperativas brasileiras, o desafio será transformar os compromissos assumidos durante a campanha em políticas públicas e legislação que reconheçam as particularidades do cooperativismo e contribuam para seu desenvolvimento.

Livro aponta caminhos para viver em um mundo de sete gerações

Como viver melhor em um mundo no qual sete gerações convivem simultaneamente? A pergunta é o ponto de partida do livro Você Entre 7 Gerações, de Denise Maidanchen e Marcelo Vieira Martins. A obra aponta o planejamento previdenciário e a cooperação como caminhos para lidar com as mudanças, aproveitar as conquistas e enfrentar as tensões da nova realidade. Com o selo Vigia Editora, o livro teve sessão de autógrafos em 21 de outubro de 2026 no 47º Congresso Brasileiro de Previdência Privada, em São Paulo.



Inédito na história humana, o convívio entre diferentes gerações foi impulsionado pelo aumento da longevidade e aparece em situações comuns como um almoço de domingo em família. Interagindo à mesa, podem estar representantes das gerações Silenciosa (nascidos antes de 1945), Baby Boomer (1946-64), X (1965-80), Millennial (1981-96), Z (1997-2010), Alpha (2010-25) e Sigma (a partir de 2026). São diferentes experiências de vida, visões de mundo e expectativas de futuro que também se manifestam no ambiente profissional e em outros espaços de convivência.

O convívio e as tensões surgidas dessa interação moldam relações com a família, o trabalho e o dinheiro, exigindo novas habilidades para se relacionar e planejar o amanhã. Com trajetórias ligadas aos temas centrais da obra, Denise Maidanchen atua há 25 anos na previdência complementar e é CEO da Quanta Previdência, uma das maiores entidades do segmento no Brasil. Marcelo Vieira Martins é CEO da Unicred União, a maior cooperativa de crédito do Sistema Unicred, e autor de sete livros sobre cooperativismo.

"Se viver mais exige que a gente pense o futuro de forma abrangente, o planejamento previdenciário desponta como um aliado imprescindível", afirma Denise. "É preciso considerar as diferentes etapas da vida, entender os planos e os sonhos de cada um e trabalhar com escolhas factíveis e coerentes. Elas serão decisivas para que cada pessoa mantenha a autonomia no longo prazo ou realize um projeto pessoal ou profissional logo ali à frente", explica a autora.

"Quando gerações diferentes aprendem a cooperar, todo mundo ganha. A experiência de quem viveu mais aprimora as ideias de quem está começando e o entusiasmo de um jovem é a energia propulsora de um projeto ou de uma organização inteira", acrescenta Martins. "O argumento central que defendo no livro é: cooperar é uma habilidade que se aprende e não há escola melhor do que o cooperativismo, cujos resultados são consistentes em escala global", afirma Martins.

Estatísticas e cartuns

Você entre 7 gerações apresenta dados demográficos e socioeconômicos para demonstrar a longevidade, além de trazer a visão de especialistas e representantes das diferentes faixas etárias. Para ilustrar a convivência entre gerações, o cartunista e roteirista Zé Dassilva retrata com humor e inteligência situações do cotidiano, como a filha orgulhosa do pai que está prestando vestibular ou o jovem que usa as novas linguagens da internet para se expressar. Com charges publicadas em grandes jornais do país, Dassilva também assina roteiros de programas de TV e novelas como Três Graças, em parceria com Aguinaldo Silva e Virgílio Silva.

Escrito e diagramado em sete meses, Você entre 7 gerações é o 15º livro publicado pela Vigia Editora, que tem o cooperativismo como uma de suas principais frentes editoriais. A editora já conquistou três prêmios Aberje e foi semifinalista do Prêmio Jabuti Acadêmico. A edição de texto é do jornalista Edgar Gonçalves Jr., que foi editor-chefe dos jornais Diário Catarinense (Florianópolis) e Jornal de Santa Catarina (Blumenau).

Legado Coop 2027 anuncia Daniel Ely e Fabíola Nader Motta como palestrantes

CEO da Unicred do Brasil e superintendente do Sistema OCB integram a programação do evento, que reunirá lideranças do cooperativismo de diferentes regiões do país em Nova Petrópolis/RS



O Legado Coop anuncia dois novos nomes para a programação de sua próxima edição: Daniel Ely, CEO da Unicred do Brasil, e Fabíola Nader Motta, superintendente do Sistema OCB. O evento será realizado entre os dias 12 e 14 de maio de 2027, em Nova Petrópolis/RS, reunindo lideranças, gestores e representantes de cooperativas de diferentes ramos e regiões do Brasil.

Os novos palestrantes reforçam uma programação voltada aos desafios atuais e futuros do cooperativismo, passando por temas como liderança, gestão, inovação, transformação organizacional, desenvolvimento e fortalecimento do movimento cooperativista.

À frente da Unicred do Brasil, Daniel Ely acumula mais de três décadas de experiência em gestão, estratégia, inovação e transformação de organizações. Antes de assumir a liderança executiva da instituição, construiu uma trajetória que inclui posições como vice-presidente executivo da Randoncorp e COO da Rands, além de experiências profissionais nos Estados Unidos e na Argentina. É autor do livro O Líder em Transformação e cofundador do Instituto Hélice de Inovação e do Instituto UniTEA do Autismo.

Já Fabíola Nader Motta construiu sua trajetória profissional dentro do próprio movimento cooperativista. Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB), com especializações em Políticas Públicas e Direito Constitucional e pós-graduação em Gestão Empresarial pela FIA, integra o Sistema OCB desde 2007. Atualmente, como superintendente do Sistema OCB, atua diretamente nas estratégias nacionais de representação e fortalecimento das cooperativas brasileiras.

Os dois nomes se somam a uma programação que já conta com palestrantes como Dado Schneider, José Luiz Tejon, Lala Deheinzelin, Luciano Potter, Alice Bastos Neves, Soraia Schutel e Gilberto de Souza, ampliando a diversidade de experiências e perspectivas presentes no evento.

Um encontro no berço do cooperativismo de crédito da América Latina

O Legado Coop chega à próxima edição com a proposta de conectar lideranças e promover discussões capazes de contribuir para o presente e o futuro das cooperativas. A escolha de Nova Petrópolis como sede também faz parte dessa experiência. O município gaúcho abriga a Linha Imperial, localidade onde, em 1902, foi fundada a primeira cooperativa de crédito da América Latina, sob a liderança do padre Theodor Amstad.

A edição anterior do Legado Coop, realizada em 2025, reuniu mais de 1 mil participantes, representantes de 260 cooperativas, lideranças de 13 estados brasileiros, além do Distrito Federal e de quatro países. O encontro também contou com dezenas de palestrantes, 210 voluntários da comunidade local e gerou um impacto econômico estimado em R$ 2,5 milhões na região.

Sobre o Legado Coop - A iniciativa tem como propósito fortalecer o cooperativismo por meio da troca de conhecimento, articulação de lideranças e geração de impacto econômico e social.

O Legado Coop 2027 é promovido pela Casa Cooperativa e conta com o patrocínio de Icatu Coopera, como Apresentador; Sicredi, na categoria Platinum; Unicred, na categoria Diamante; Sistema Ocergs e Sicoob, na categoria Ouro; e db e Dois na Oito, na categoria Prata.

Iniciativa gratuita da Ailos Únilos capacita gestores de indústria catarinense

Em parceria com a Olsen, na Grande Florianópolis, cooperativa promoveu trilha de três meses voltada à gestão de pessoas, comunicação e cultura organizacional



O que diferencia um bom líder de alguém que apenas ocupa um cargo de chefia? Mais do que dominar processos e conhecimentos técnicos, conduzir equipes exige saber se comunicar, orientar profissionais e construir relações de confiança. Essas competências estiveram no centro de uma capacitação gratuita promovida pela Ailos Cooperativa Únilos, por meio da Ailos Educação, em parceria com a Olsen, indústria de equipamentos médicos e odontológicos de Palhoça, na Grande Florianópolis.

Durante três meses, 25 líderes, coordenadores e gestores da empresa participaram da Trilha de Liderança Olsen, composta por três cursos e 12 módulos. A programação abordou situações do cotidiano das equipes, ferramentas de gestão de pessoas e a influência dos profissionais em cargos de chefia na cultura da empresa. A jornada foi concluída na quarta-feira (11), com a entrega de certificados e um encontro dedicado à reflexão sobre os aprendizados.

A experiência faz parte do Ailos Educação, programa oferecido pelas Cooperativas Ailos desde 2002, com atividades gratuitas financiadas por recursos do Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social (FATES). Entre suas frentes de atuação estão a educação financeira, o empreendedorismo e a qualificação profissional, incluindo ações desenvolvidas em parceria com empresas.

A atuação da Ailos Únilos nessa frente busca aproximar a formação profissional dos desafios vividos dentro das empresas, levando o conhecimento para além dos espaços tradicionais de ensino. "O Ailos Educação nas Empresas atende às necessidades de cada organização. No caso da Olsen, construímos juntos a trilha de liderança, trazendo temas importantes para os gestores, como ferramentas para o dia a dia, liderança e cultura organizacional", explica Adriana Machado Thomé, coordenadora de Gestão de Pessoas e Relacionamento com o Cooperado da Ailos Únilos.

Para Josinei Goulart, líder de pré-montagem da Olsen há três anos, um dos pontos mais relevantes foi a possibilidade de aprimorar a comunicação com os colegas. "Uma parte que me chamou muito a atenção foi a questão dos feedbacks. Conheci várias ferramentas que posso utilizar aqui com os colaboradores da empresa", relata.

A importância de investir no desenvolvimento dos profissionais também foi abordada pelo fundador e presidente da Olsen, Cesar Olsen, durante o encerramento da jornada. À frente de uma indústria familiar com 48 anos de atuação, o empresário conversou com os participantes sobre o papel das empresas na valorização de seus colaboradores. "Tudo que envolve pessoas e a melhoria das relações interpessoais é fundamental. A empresa que não trabalha para fortalecer o relacionamento entre as pessoas está perdendo uma grande oportunidade", afirmou. A reflexão dialogou com a palestra da consultora Ana Paula Platt, que discutiu como as atitudes dos gestores contribuem para a construção da cultura organizacional.

Durante a apresentação, Ana Paula propôs um exercício ao público: recordar lideranças que marcaram positivamente suas trajetórias profissionais e refletir sobre como gostariam de ser lembrados por suas equipes daqui a dez anos. A partir dessas perguntas, discutiu como a maneira de se comunicar, orientar pessoas e tomar decisões pode reforçar, no cotidiano, os valores de uma organização.

A consultora também destacou a relação entre a experiência e os princípios do cooperativismo. "É muito bacana ver o poder e o potencial do cooperativismo atuando na prática, com seus princípios sendo colocados em atitudes, como essa parceria para desenvolver as lideranças internamente", afirma.

Legado que se vive em comunidade



Casa Cooperativa de Nova Petrópolis prepara segunda edição do Legado Coop, que reunirá gestão, inovação e experiências comunitárias no berço do cooperativismo de crédito latino-americano

O cenário transporta todos para o início do cooperativismo. Pessoas acomodadas em mesas compridas, servidas de um almoço compartilhado e moradores trabalhando como voluntários para receber visitantes de diferentes regiões. Este encontro integra o conteúdo do Legado Coop. E a sua segunda edição acontecerá entre os dias 12 a 14 de maio de 2027, com uma programação voltada à gestão, à inovação e ao desenvolvimento das cooperativas.

E a proposta é permitir que os participantes conheçam a cooperação também nos gestos de quem acolhe, serve e preserva uma história construída coletivamente. Esse é o destaque que diferencia o evento, segundo Heloisa Helena Lopes, presidente da Casa Cooperativa Nova Petrópolis e vice-presidente do Conselho de Administração da Sicredi Pioneira, em entrevista a Claudio Rangel durante o WCM 2026. “Lá nós temos um grande diferencial. O almoço, as interações são todas feitas em comunidade”, afirmou Heloísa.

A comunidade também ensina

O evento é uma lição de cooperativismo. Segundo a dirigente, o Legado Coop mobiliza mais de 200 voluntários, entre eles descendentes dos fundadores da cooperativa criada em 1902. Chamados por ela de “DNA Coop”, esses moradores ajudam a aproximar os visitantes da cultura local.

Trata-se da repetição de um espírito cooperativista. A primeira edição também foi marcada pelo trabalho voluntário, em maio de 2025. Conforme dados do Sistema Ocergs, o encontro mobilizou 210 voluntários e reuniu mil participantes, representantes de 260 cooperativas, lideranças de 13 estados e do Distrito Federal, além de participantes de quatro países.

Para Heloisa, essa convivência diferencia o evento. Além das palestras e dos debates, o participante encontra uma comunidade que mantém práticas de ajuda mútua e participação coletiva.

A presidente relaciona o nome do congresso à responsabilidade de dar continuidade ao trabalho iniciado pelo padre Theodor Amstad. Preservar esse legado significa manter seus valores presentes nas decisões e nas iniciativas das novas gerações.

Uma Casa para preservar e disseminar a cooperação

É bom conhecermos onde tudo começou. A data oficial de fundação da Casa Cooperativa Nova Petrópolis é 15 de julho de 2011. Trata-se de uma entidade sem fins lucrativos

dedicada à educação, à cultura e à intercooperação. Em 2026, completa 15 anos de atuação na articulação entre pessoas e organizações e na preservação da memória cooperativista. Entre suas iniciativas estão o Natal Cooperativo e os Diálogos de Intercooperação.

Sua sede ocupa o prédio da antiga Caixa Rural, na localidade conhecida como Linha Imperial. Segundo a Secretaria Municipal de Turismo, o imóvel foi inaugurado em 1954 como a primeira sede própria da atual Sicredi Pioneira. Tombado pelo município em 2013, abriga também o Memorial Padre Amstad e constitui um espaço de memória e cultura da comunidade.

“A Casa é guardiã dessa história”, destacou Heloísa, ao explicar o compromisso da instituição com a disseminação do cooperativismo.

Essa trajetória se conecta a um marco anterior: em 28 de dezembro de 1902, quando vinte fundadores, sob a liderança de Amstad, constituíram em Linha Imperial a cooperativa que deu origem à Sicredi Pioneira, reconhecida como a primeira cooperativa de crédito da América Latina. A importância dessa história contribuiu para que Nova Petrópolis recebesse, em 2010, o título de Capital Nacional do Cooperativismo.

Conhecer os lugares onde a história aconteceu

Durante a entrevista, Heloisa ressaltou que a experiência do Legado Coop se amplia com a possibilidade de conhecer os espaços históricos da região.

O roteiro local inclui as antigas sedes da cooperativa, o Memorial Padre Amstad, a praça dedicada ao sacerdote e o pinheiro multissecular. Esses lugares ajudam a compreender como a organização comunitária se relaciona com a trajetória econômica e social de Linha Imperial.

“Afinal de contas, você vai pisar no mesmo chão que o padre Amstad pisou, que os fundadores pisaram”, afirmou.

A visita oferece uma oportunidade de relacionar os desafios atuais às necessidades que motivaram os pioneiros. O acesso ao crédito, a organização das atividades econômicas e a busca por melhores condições de vida nasceram de problemas concretos. Revisitar essa origem pode estimular novas respostas coletivas.

Gestão e inovação com raízes cooperativas

A edição de 2027 ampliará o encontro para três dias. Entre os nomes anunciados no site oficial estão Daniel Ely, CEO da Unicred do Brasil; Fabíola Nader Motta, superintendente do Sistema OCB; Soraia Schutel, CEO e cofundadora da Sonata Brasil; e Gilberto de Souza, sócio-fundador da Nortus.

Na entrevista, Heloisa destacou a participação de especialistas, lideranças e representantes de cooperativas, além da preparação de novidades internacionais. O convite se estende a todos os ramos e sistemas cooperativos.

A expectativa apresentada pela dirigente é receber 1.500 participantes. Ao reunir conteúdo de gestão e inovação com o acolhimento comunitário, a Casa Cooperativa pretende aproximar o debate sobre o futuro das práticas que sustentam o movimento.

Em Linha Imperial, o legado ganha continuidade quando a memória inspira novas iniciativas — e quando a cooperação pode ser reconhecida tanto no palco quanto à mesa.

Cooperativismo de crédito enfrenta o desafio de crescer sem perder sua identidade



Em encontro promovido pela Confebras, em celebração ao Dia Internacional das Cooperativas de Crédito (DICC), Fabíola Nader Motta e Cledir Magri discutem os rumos do setor, que já reúne cerca de 23 milhões de cooperados no Brasil. Regulação, inovação, governança e intercooperação estão entre as prioridades para um crescimento sustentável.

O cooperativismo de crédito brasileiro vive um momento de expansão, mas enfrenta uma questão decisiva para seu futuro: como continuar crescendo, incorporar novas tecnologias e competir no mercado financeiro sem perder os princípios que o diferenciam dos bancos tradicionais? A resposta passa pela valorização da cultura cooperativista, pelo fortalecimento da governança e pela ampliação da intercooperação.

Esses desafios estiveram no centro do debate promovido pela Confederação Brasileira das Cooperativas de Crédito (Confebras), em 15 de outubro, durante a live de celebração do Dia Internacional das Cooperativas de Crédito (DICC). O encontro no youtube reuniu Fabíola Nader Motta, superintendente do Sistema OCB, e Cledir Magri, presidente da Confederação Cresol e coordenador do Conselho Consultivo Nacional do Ramo Crédito (Ceco) do Sistema OCB. Contou também com a participação de Luiz Lesse e Thomas Belekevich. O evento foi mediado por Vera Taíes.

Modelo cooperativista

Com o tema "Cooperativas de crédito: um símbolo de estabilidade em um mundo de oportunidades", o evento destacou a importância do modelo cooperativista em um cenário de transformações tecnológicas, exigências regulatórias e mudanças econômicas.

Mais do que celebrar os resultados alcançados, as lideranças defenderam a necessidade de preparar o setor para uma nova etapa de desenvolvimento, na qual a competitividade deverá caminhar ao lado da participação democrática, da proximidade com os cooperados e do compromisso com as comunidades.

De 10 milhões para 23 milhões de cooperados

Os números apresentados por Fabíola Nader Motta demonstram a dimensão do avanço das cooperativas financeiras brasileiras. Em 2019, o segmento reunia aproximadamente 10 milhões de cooperados. Atualmente, são cerca de 23 milhões, distribuídos por aproximadamente 680 cooperativas.

Além disso, o setor ultrapassou R$ 1 trilhão em ativos e responde por mais de 8% do crédito concedido no país, conforme os indicadores mencionados pela superintendente.

A expansão também se reflete na interiorização dos serviços financeiros. Segundo Fabíola, dados do Banco Central mostram que, em mais de mil municípios brasileiros, as cooperativas de crédito são as únicas instituições financeiras com atendimento presencial.

Esse alcance representa um diferencial importante, especialmente nas pequenas cidades e nas regiões onde a presença dos bancos tradicionais diminuiu.

Para a superintendente, entretanto, a principal característica do cooperativismo não está apenas nos números, mas na relação entre a instituição e as pessoas que utilizam seus serviços.

"A cooperativa pertence às pessoas que utilizam os seus serviços."

Ao ingressar em uma cooperativa, o associado não assume somente a condição de usuário de produtos financeiros. Ele também participa das decisões, compartilha responsabilidades e tem direito aos resultados, conforme as regras da organização.

Essa relação de pertencimento, segundo Fabíola, fortalece a confiança e estimula uma visão de longo prazo.

A dirigente também mencionou um estudo realizado pelo Sistema OCB em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), que identificou indicadores econômicos mais favoráveis em municípios com presença de cooperativas de crédito, incluindo PIB por habitante, geração de empregos, atividade empresarial e arrecadação.

O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO EM NÚMEROS

23 milhões
de cooperados

R$ 1 trilhão
em ativos, marca superada

680
cooperativas, aproximadamente

Mais de 1.000
municípios com atendimento presencial exclusivo de cooperativas

Indicadores apresentados pela superintendente do Sistema OCB durante a transmissão.

Crescimento exige preservar a cultura cooperativista

Embora o crescimento do número de associados seja considerado uma conquista, Fabíola Nader Motta chamou a atenção para um risco: a expansão das cooperativas sem o correspondente fortalecimento da consciência cooperativista.

O desafio consiste em garantir que os novos associados compreendam seus direitos, deveres e responsabilidades, além das diferenças entre uma cooperativa e uma instituição financeira convencional.

Segundo a dirigente, o ramo crédito concentra aproximadamente oito em cada dez cooperados brasileiros. Ao mesmo tempo, o ingresso de milhares de novos associados diariamente exige investimentos permanentes em educação e formação.

A preocupação está diretamente relacionada à decisão do Sistema OCB de estabelecer 2026 como o Ano da Cultura Cooperativista.

"A gente precisa crescer sem perder a nossa identidade."

Fabíola destacou que uma pesquisa sobre cultura cooperativista, realizada pelo Sistema OCB, apontou educação, formação e informação como o princípio mais valorizado pelos associados.

O resultado reforça a necessidade de ampliar

o conhecimento sobre o funcionamento das cooperativas e incentivar a participação nas assembleias e nos processos decisórios.

A superintendente apresentou três condições para o crescimento sustentável do setor: um ambiente regulatório que respeite as especificidades cooperativistas, a preservação da identidade do movimento e o fortalecimento da intercooperação e da comunicação.

Reforma tributária e regulação estão entre as prioridades

A defesa de um tratamento regulatório adequado ao cooperativismo também ocupou espaço importante no debate.

Fabíola argumentou que as cooperativas financeiras precisam cumprir exigências de segurança, governança e gestão de riscos, mas essas regras devem considerar as características do modelo societário cooperativista.

De acordo com a dirigente, a proporcionalidade regulatória não representa a defesa de menor rigor na fiscalização. Trata-se de reconhecer diferenças de porte, complexidade e natureza jurídica entre as instituições que integram o sistema financeiro.

Entre os temas que exigem acompanhamento estão as regras de capital mínimo, a segurança cibernética e a regulamentação da reforma tributária, especialmente os dispositivos relacionados ao ato cooperativo.

Cledir Magri reforçou que essas questões integram a agenda estratégica do Ceco, responsável por articular demandas comuns dos diferentes sistemas de cooperativas de crédito.

O conselho atua em discussões regulatórias, tributárias, jurídicas, institucionais e relacionadas ao crédito rural, além de temas como educação financeira, comunicação e acesso a recursos.

Magri destacou, ainda, a importância de ampliar a participação das cooperativas nos fundos constitucionais de financiamento e de fortalecer o relacionamento institucional com o Banco Central, o governo e outras organizações.

Para ele, a capacidade de diálogo construída pelo cooperativismo financeiro brasileiro representa um patrimônio institucional reco-



nhecido internacionalmente.

Intercooperação pode reduzir custos e ampliar a competitividade

O sexto princípio cooperativista, a intercooperação, surgiu como um dos caminhos mais importantes para enfrentar os desafios comuns do segmento financeiro.

Na avaliação de Cledir Magri, compartilhar conhecimentos, estruturas, tecnologias e serviços pode contribuir para melhorar a eficiência operacional e reduzir despesas administrativas.

O dirigente reconheceu, entretanto, que a aplicação prática desse princípio ainda precisa avançar.

Embora a intercooperação esteja presente na identidade do movimento, nem sempre as iniciativas conjuntas acontecem com a velocidade e a abrangência necessárias.

O Sistema OCB mantém grupos de trabalho voltados à identificação de oportunidades de atuação compartilhada, incluindo iniciativas relacionadas à tecnologia, à inovação e à segurança cibernética.

Magri resumiu a importância dessa atuação coletiva ao defender que problemas comuns precisam ser enfrentados por meio de soluções construídas em conjunto.

A estratégia também pode beneficiar cooperativas de diferentes portes, permitindo que organizações menores tenham acesso a conhecimentos e estruturas que, isoladamente, exigiriam investimentos elevados.

Inteligência artificial e inovação desafiam as cooperativas

A transformação digital foi outro tema central da discussão.

Cledir Magri observou que a inteligência artificial ganhou protagonismo nas estratégias empresariais e passou a ser apresentada, muitas vezes, como solução para diferentes problemas organizacionais.

Contudo, o dirigente alertou que a incorporação de novas tecnologias precisa estar acompanhada de planejamento, governança e melhoria efetiva da eficiência.

Para Fabíola Nader Motta, a tecnologia pode ampliar o alcance das cooperativas, reduzir custos e melhorar a experiência dos associados. Entretanto, o segmento enfrenta uma questão particular: como transportar para o ambiente digital o sentimento de pertencimento que caracteriza a relação entre cooperativa e cooperado?

Diferentemente de outras instituições financeiras, uma cooperativa precisa garantir que a experiência digital também expresse a condição do associado como participante e proprietário do negócio.

A dirigente mencionou uma pesquisa de inovação do Sistema OCB, cujos resultados seriam divulgados na semana seguinte ao encontro. Segundo sua avaliação preliminar, embora muitas cooperativas manifestem interesse em inovar, apenas cerca de 13% haviam incorporado essa prioridade ao planejamento e ao orçamento.

O dado, apresentado com ressalva pela própria dirigente, revela a distância entre a intenção de inovar e a definição de investimentos concretos.

O programa InovaCoop, do Sistema OCB, foi apontado como uma das iniciativas destinadas a reduzir essa diferença e estimular uma cultura de inovação nas organizações.

O futuro será digital, mas também humano

Um dos momentos mais significativos do de-



bate ocorreu quando Cledir Magri abordou a necessidade de equilibrar a transformação tecnológica com o relacionamento pessoal.

Segundo ele, o cooperativismo financeiro brasileiro possui uma oportunidade diferenciada: oferecer aos associados soluções digitais modernas sem abandonar completamente os espaços físicos de atendimento e a proximidade com as comunidades.

“O nosso futuro é menos transacional e mais relacional.”

A afirmação sintetiza a visão de que o avanço da tecnologia não precisa eliminar as relações humanas.

Enquanto plataformas digitais tornam as operações mais rápidas e acessíveis, o atendimento pessoal permanece como um elemento estratégico para fortalecer a confiança e compreender as necessidades individuais dos cooperados.

Magri defendeu que o equilíbrio entre tecnologia e relacionamento será decisivo para o futuro das cooperativas.

Nesse contexto, a governança assume uma responsabilidade fundamental. Cabe aos dirigentes e conselhos transformar a inovação em decisões concretas, estabelecer prioridades e assegurar que os investimentos estejam alinhados à identidade cooperativista.

O presidente da Cresol também mencionou três recomendações que recebeu em um encontro anterior com representantes do Sistema OCB, do Banco Central e do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop): cuidar da cultura cooperativista, fortalecer a governança e preservar a humildade.

Para ele, esses elementos devem orientar as deci-

sões em um mercado cada vez mais competitivo.

Cooperativismo brasileiro ganha reconhecimento internacional

A transmissão também contou com uma mensagem de Thomas Belekevich, diretor de Serviços aos Membros do Conselho Mundial das Cooperativas de Crédito (WOCCU).

Falando da Tanzânia, onde participava de um congresso africano com representantes de 23 países, ele destacou a contribuição brasileira para o desenvolvimento do cooperativismo financeiro internacional.

O dirigente lembrou que o movimento global reúne mais de 420 milhões de cooperados e apontou o Brasil como referência em inovação, crescimento e preservação dos vínculos comunitários.

Belekevich também mencionou intercâmbios recentes com cooperativas brasileiras e a intenção de retornar ao país em novembro para dar continuidade à troca de experiências.

A mensagem reforçou uma característica destacada pelos participantes do encontro: a capacidade do cooperativismo brasileiro de combinar expansão econômica, articulação institucional e compromisso com o desenvolvimento local.

Qualificação profissional ganha importância estratégica

A abertura do evento foi conduzida por Luiz Lesse, presidente da Confebras, que destacou a importância da formação profissional para garantir a estabilidade das instituições cooperativas.

Segundo ele, governança responsável, processos eficientes e decisões consistentes dependem de pessoas preparadas para administrar riscos, atender cooperados e transformar os princípios cooperativistas em resultados.

A programação também apresentou a Certificadora Confebras e a certificação CoopBen, voltada ao reconhecimento de competências fundamentais para a atuação no cooperativismo financeiro.

A iniciativa busca estabelecer critérios de qualificação que contemplem não apenas os conhecimentos sobre produtos e serviços financeiros, mas também a compreensão das particularidades do modelo cooperativista.



Dessa forma, a formação profissional passa a integrar a estratégia de fortalecimento institucional do setor.

O desafio é transformar expansão em desenvolvimento

Ao final do encontro, Fabíola Nader Motta e Cledir Magri convergiram em uma mensagem: o cooperativismo financeiro precisa continuar crescendo, mas seu futuro dependerá da capacidade de preservar os valores que justificam sua existência.

A ampliação do número de associados, o aumento dos ativos e a presença em novos mercados são indicadores relevantes. Entretanto, não são suficientes para assegurar que as cooperativas mantenham seu diferencial.

Para isso, será necessário investir em educação cooperativista, fortalecer a participação dos associados, aprimorar a governança e ampliar o trabalho conjunto entre as organizações.

A transformação digital, por sua vez, deverá ser incorporada como instrumento de desenvolvimento, e não como substituta das relações de confiança que sustentam o movimento.

Em um ambiente de mudanças econômicas e tecnológicas, a principal oportunidade do cooperativismo financeiro brasileiro pode estar justamente naquilo que o distingue: a capacidade de combinar resultados econômicos com participação democrática e compromisso social.

Afinal, crescer é importante. Mas continuar sendo cooperativa enquanto cresce será o verdadeiro teste de maturidade do setor.

Dia Internacional das Cooperativas de Crédito. Finanças em um mundo ruidoso



O Dia Internacional das Cooperativas de Crédito, celebrado em 15 de outubro – sempre na terceira quinta-feira do mês –, traz este ano o tema: "Finanças Cooperativas – um sinal firme em um mundo ruidoso". A escolha é do Conselho Mundial de Cooperativas de Crédito (Woccu) e da Fundação Mundial para Cooperativas de Crédito (WFCU), que reforçam o papel das cooperativas financeiras como instituições comprometidas com as comunidades onde estão inseridas.

Num momento em que o mundo passa por rápidas transformações econômicas, políticas, sociais e tecnológicas, o modelo cooperativista se mantém atual, pois oferece soluções pautadas em uma gestão humanizada e democrática, "na proximidade com as pessoas, na estabilidade institucional e no compromisso de gerar benefícios para seus cooperados, priorizando o desenvolvimento coletivo em vez do lucro", como acentua o Woccu.

As cooperativas de crédito, como comprovam dados do Banco Central do Brasil, mantiveram uma trajetória de crescimento expressiva ao longo de 2025, superando R$ 1 trilhão em ativos. O Sistema Nacional de Crédito Cooperativo expandiu a sua presença no país para 59% dos municípios, totalizando mais de 21 milhões de cooperados – 17,8 milhões de pessoas físicas e 3,4 milhões de pessoas jurídicas.

No cooperativismo de crédito, cada associado possui voz e voto, sem depender do capital investido. As decisões são participativas e promovem o desenvolvimento local, com taxas de juros menores do que a média do mercado e prazos mais flexíveis. E os lucros, conhecidos como sobras, são distribuídos entre os cooperados.

Em recente conferência mundial que reuniu 2.400 participantes de 39 países, o cooperativismo de crédito reafirmou a sua convicção de que inovação e identidade não são conceitos opostos. Ao contrário, caminham juntos numa poderosa estratégia que garante sustentabilidade e perenidade em um cenário geopolítico de profundas e aceleradas transformações.

O desafio das cooperativas financeiras será prosseguir nesta trilha que a tornou firme e forte ao longo de quase dois séculos de história, que é colocar as pessoas no centro das decisões e utilizar a inovação para ampliar o seu impacto positivo nas comunidades.

FGCoop lança série de entrevistas com lideranças do cooperativismo de crédito



O FGCoop lançou neste mês a série especial “Confiança que Fortalece”, uma iniciativa que reúne entrevistas com importantes lideranças do cooperativismo de crédito brasileiro para destacar a relevância do Fundo na construção de um sistema cada vez mais sólido, seguro e confiável.

A série conta com a participação de representantes dos sistemas Sicoob, Sicredi, Cresol, Unicred, Credisis, entre outros, além de diretores do Banco Central do Brasil, que compartilham suas percepções sobre o papel desempenhado pelo FGCoop no fortalecimento do cooperativismo de crédito.

Ao longo dos episódios, os convidados abordam temas como confiança, segurança, estabilidade e os desafios e oportunidades para o desenvolvimento contínuo do setor. A proposta é dar voz a quem está à frente das instituições e vivencia, diariamente, a realidade do cooperativismo de crédito em todo o país.

Para o FGCoop, ouvir diferentes perspectivas é fundamental para aprimorar sua atuação e contribuir de forma cada vez mais efetiva para o fortalecimento do sistema.

Os vídeos estão sendo publicados no Instagram do FGCoop e apresentam reflexões relevantes sobre a importância da confiança como um dos principais pilares do cooperativismo de crédito.



Tempo de fusão no Coop

WCM 2026: a fusão da tecnologia com o humano e o futuro do cooperativismo



O cooperativismo brasileiro enfrenta desafios modernos. Incorporar a inteligência artificial ao tipo de gestão cooperativista, ou seja, sem perder a conexão com as pessoas, é um desses desafios. E a questão esteve no centro dos debates do World Coop Management (WCM 2026), realizado nos dias 19 e 20 de outubro, no Minascentro, em Belo Horizonte.

Foram 2.500 participantes distribuídos em oito palcos. E coube ao filósofo Mario Sergio Cortella abrir o evento na presença de 2.500 cooperativistas, iniciando a apresentação dos 120 palestrantes que tornaram claro o conceito da "Fusão", a ideia-base da edição 2026. Ou seja, "Ouse Integrar", pensamento que traz à tona a necessidade de unir os avanços tecnológicos ao ser humano.

Ao ser perguntado sobre o contexto do evento, Luiz Branco revelou que a proposta foi mostrar como a inteligência artificial pode trabalhar em conjunto com as pessoas e contribuir para o desenvolvimento do cooperativismo.

Assim, a proposta da 12ª edição do WCM foi promover a aproximação da cultura das pessoas com a cultura da inovação. O objetivo foi estimular organizações a incorporar novas ferramentas, desenvolver lideranças e fortalecer a colaboração entre cooperativas, ramos e países.

Cortella coloca a ética no debate sobre inteligência artificial

E o objetivo ficou claro quando na manhã do dia 19 de outubro, Cortella apresentou a palestra "A Ética na Era das Máquinas Inteligentes". Caminhando com o auxílio de uma bengala, o filósofo colocou em discussão a responsabilidade humana diante das tecnologias e o risco que corremos ao transferirmos para as máquinas o próprio exercício de pensar.

"Ser antigo é diferente de ser velho", disse Cortella. Com analogias bem-humoradas, o palestrante mostrou a sutileza escondida no cooperativismo em momentos diversos. Em um desses momentos, destacou: "se duas pessoas se encontrarem com cada um um pão na mão, quando elas seguem seus caminhos, cada uma fica com um pão. Mas se elas cruzarem seus caminhos cada uma com uma ideia, ao final, cada um sai com duas ideias". O resultado da união.

O filósofo ressaltou a necessidade da ética em uma era em que a tecnologia avança a passos consideráveis. E não poupou nem o uso de sua própria bengala. Cortella a usou para demonstrar que é o ser humano que deve conduzir, e não, ser conduzido pelas próteses modernas e tecnológicas.

Sua reflexão trouxe ao debate essa responsabilidade e o risco de delegar às máquinas o próprio exercício de pensar. Para as cooperativas, a discussão ajuda a formular uma pergunta que acompanha a busca por eficiência: a quem os avanços tecnológicos devem beneficiar?

Dois dias de imersão cooperativista

Após Cortella abrir as atividades do Palco Mundo, uma série de debates e palestras apresentaram a atual situação do cooperativismo moderno. O WCM 2026 foi dividido em três eixos principais: inteligência artificial aplicada à gestão, preservação da identidade cooperativista e integração entre organizações.

Representando o Sistema OCB, Fabíola Nader Motta, superintendente da organização, a apresentou dados do Anuário Coop 2026:

- 29 milhões de cooperados;
- aproximadamente 4,4 mil cooperativas;
- 613,4 mil empregos diretos;
- R$ 848,4 bilhões em ingressos em 2025.

A presidente executiva, Tania Zanella, também participou da programação. Também estiveram presentes os representantes das áreas de comunicação e inovação da OCB. Como a gerente de Comunicação e Marketing, Samara Araujo. Ela participou do palco Coop Talks Comunica. Já Guilherme Costa, gerente do Núcleo de Inteligência e Inovação, participa do palco Coop-Tech, voltado à tecnologia, à inovação e à inteligência artificial.

Delegações dos Estados

Já as OCBs estaduais também participaram do evento de várias maneiras. E o número de participantes foi grande. Do Rio de Janeiro, o Sistema OCB/RJ marcou presença com uma comitiva liderada por seu presidente Vinícius Mesquita. Foram representantes de 20 cooperativas de diversos ramos.

Mesquita também participou de um painel com os presidentes dos Sistemas OCB/MS e OCERN sobre o papel das organizações estaduais no fortalecimento das cooperativas e no desenvolvimento dos territórios. Entre elas Sicoob Fluminense, Unimed Petrópolis, Uniodonto Ferjes, Librecode e Coop Drone.

Outra delegação bastante numerosa foi a do Mato Grosso do Sul, liderada pelo presidente do Sistema OCB/MS, Celso Ramos Régis. Composta por 49 pessoas, entre representantes de 19 cooperativas e colaboradores.

De Pernambuco, 34 participantes, sob a liderança de Malaquias Ancelmo de Oliveira, presidente do Sistema OCB/PE prestigiaram o evento. Entre eles, integrantes da governança, comissões de ramos e vencedores do Coop Story.

O Sistema OCERN esteve presente no WCM com 50 pessoas representando 31 cooperativas. O presidente Eduardo Gatto participou do painel com os dirigentes do Rio e de Mato Grosso do Sul.

Outros estados também mandaram representantes. Aureliana Rodrigues Luz, presidente do Sistema OCB/MA, participou da gravação do programa CoopCafé. Do Rio Grande do Sul, o evento contou com a presença de representantes, como Heloísa Helena Lopes, presidente da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis, e Tiago Luiz Schmidt, presidente do Conselho de Administração da Sicredi Pioneira.

Outros estados anunciaram participação, como o Sistema OCBMT , que apoiou cooperativas pelo programa Cooperativas que Aprendem.

Cocatrel levou protagonismo feminino e sucessão ao debate

Além dos palcos temáticos,coube às cooperativas a apresentação de conteúdos diversos. Como a cooperativa Cocatrel, que participou com um estande e três palestras. O presidente do Conselho de Administração, Jacques Fagundes Miari, apresentou a contribuição das cooperativas para o fortalecimento do agro. Já o diretor de Marketing e Relacionamento, Lúcio Caldeira revelou o protagonismo feminino por meio com o exemplo do Cafeína

Cocatrel, destacando a importância da participação das mulheres na produção, na gestão e nas decisões que movimentam a cadeia do café. Por último, Rafael Ananias, gerente de Comunicação e Marketing, focou na preparação das novas gerações e na construção da cooperativa do futuro.

Inteligência artificial: integração com as pessoas

Dessa forma, o WCM 2026 buscou mostrar como a IA pode apoiar o trabalho das cooperativas e atuar em conjunto com as pessoas. O CEO Luiz Branco, explicou que o conceito "Fusão", associado ao posicionamento "Ouse Integrar", corresponde à segunda etapa da trilogia do evento: Conexão, em 2025; Fusão, em 2026; e terminará em 2027, com o conceito Singularidade. E que já tem data marcada: dias 18 e 19 de outubro do próximo ano.

Intercooperação viabiliza renovação de frota



Em entrevista ao BR Coop durante o WCM 2026, Evaldo Matos defende a integração entre os ramos e mostra como a parceria entre transporte, agro e crédito pode viabilizar negócios sustentáveis

O transportador tem experiência e trabalho, mas encontra dificuldades para financiar um caminhão novo. A cooperativa agroindustrial precisa de veículos adequados para manter suas entregas. A cooperativa de crédito dispõe de recursos, mas precisa avaliar a segurança da operação. Quando essas necessidades se encontram, a intercooperação pode transformar obstáculos individuais em uma solução compartilhada.

Foi com essa perspectiva que Evaldo Matos, coordenador nacional do Ramo Transporte do Sistema OCB e diretor da Coopmetro, apresentou sua visão sobre a integração entre cooperativas. Em entrevista a Claudio Rangel durante o WCM 2026, em Belo Horizonte, o dirigente defendeu que o movimento amplie os negócios entre diferentes ramos.

“Não dá para trabalhar encapsulado”, afirmou.

Para Matos, o sexto princípio cooperativista ganha força quando as organizações reconhecem suas conexões e constroem soluções capazes de beneficiar todos os participantes.

Uma cadeia, diferentes competências

O dirigente recorreu à produção de leite para explicar essa relação. A atividade agropecuária depende do transporte para movimentar a produção e do crédito para financiar investimentos. Cada etapa tem suas particularidades, mas o funcionamento da cadeia exige articulação.

Essa complementaridade abre oportunidades para que cooperativas ofereçam produtos e serviços de maneira integrada. Em vez de concentrar as relações comerciais apenas dentro de seu próprio ramo, cada organização pode identificar necessidades que outras cooperativas têm condições de atender.

“Nós temos que ter essa mistura das cooperativas para que possamos oferecer produtos e serviços de maneira integrada”, destacou.

A proposta envolve conhecer melhor as competências existentes no próprio movimento. Transporte, agropecuária, crédito, saúde e trabalho podem estabelecer relações que ampliem a capacidade de atendimento e fortalecem os negócios.

Renovar a frota para manter o trabalho

Matos apresentou como exemplo a parceria entre a Coopmetro, a Aurora Coop e o Sicoob para renovar veículos utilizados na operação da cooperativa agroindustrial em Arujá, São Paulo.

Segundo seu relato, os transportadores enfrentavam dificuldades de acesso ao crédito para substituir os caminhões. A articulação reuniu a demanda logística da Aurora, a organização dos profissionais pela Coopmetro e o financiamento cooperativo.

O projeto também aparece entre as boas práticas divulgadas pelo Sistema OCB. No registro publicado em 2025, o Programa de Renovação de Frota contou com R$ 17,35 milhões em crédito do Sicoob Centro-Sul Mineiro e viabilizou a substituição de 30 caminhões em 60 dias. A Aurora assegurou o contrato logístico, enquanto a Coopmetro mobilizou os transportadores e viabilizou a aquisição dos veículos.

Na entrevista, Matos acrescentou que cooperativas dos sistemas Unimed e Uniodonto também contribuíram com a iniciativa, aproximando o ramo Saúde do projeto.

O exemplo mostra como necessidades distintas podem convergir. O transportador melhora suas condições de operação; a contratante amplia a capacidade de atendimento; e o crédito encontra uma aplicação ligada à atividade produtiva.

Sustentabilidade econômica para gerar benefícios sociais

Para o dirigente, a intercooperação precisa apresentar viabilidade e resultados para as organizações envolvidas. A afinidade entre cooperativas ajuda a construir o relacionamento, mas o negócio exige planejamento e condições para se sustentar.

“Nós acreditamos que a intercooperação precisa ser um trabalho sustentável, não simplesmente porque somos amigos, mas porque queremos fazer negócios sustentáveis”, afirmou.

Matos ressaltou a natureza econômica e social das cooperativas. Em sua avaliação, fortalecer a atividade econômica cria condições para ampliar os benefícios destinados aos cooperados.

Na renovação de frota, essa relação se manifesta na possibilidade de manter o profissional trabalhando com equipamentos adequados. O investimento atende à operação e, ao mesmo tempo, contribui para a continuidade da atividade do transportador.

Os negócios também começam nos corredores

O WCM foi apontado por Matos como um ambiente favorável à aproximação entre cooperativas. Para ele, o encontro amplia as oportunidades de apresentar experiências, conversar sobre necessidades e identificar parceiros.

Além dos conteúdos dos palcos, o dirigente destacou o valor das conversas informais. Nos corredores, representantes de diferentes organizações podem descobrir interesses comuns e iniciar relações que terão continuidade depois do evento.

A percepção reforça a importância de participar desses espaços com disposição para ouvir e conhecer. Uma oportunidade pode surgir quando uma cooperativa apresenta um problema que outra já aprendeu a resolver.

Relacionamento, confiança e cooperação

Ao encerrar a entrevista, Matos organizou seu recado em três etapas. A primeira é o relacionamento: aproximar pessoas e organizações. A segunda é a confiança, construída nessa convivência. A terceira é a cooperação, que encontra uma base mais sólida quando as duas anteriores estão presentes.

“Se tivermos confiança, a cooperação é a consequência”, resumiu.

A reflexão coloca a intercooperação no cotidiano da gestão. Antes de uma parceria comercial, existem pessoas que precisam se conhecer, compreender suas responsabilidades e acreditar na capacidade de entrega umas das outras.

Para o Ramo Transporte, essa construção pode abrir caminhos para integrar serviços, superar limitações de investimento e melhorar as condições de trabalho dos cooperados. O princípio se realiza quando a confiança permite organizar negócios que fazem sentido para todos.

Formar pessoas para sustentar o futuro



Durante o WCM 2026, Ronise Figueiredo aponta a qualificação como um desafio do cooperativismo e defende a integração entre conhecimento técnico, identidade e preparação de sucessores

Uma cooperativa cresce, recebe novos associados, contrata profissionais e amplia suas atividades. Para que esse avanço preserve o sentido da cooperação, as pessoas precisam compreender o negócio do qual participam. Na avaliação de Ronise de Magalhães Figueiredo, a formação é uma das condições para transformar a expansão em desenvolvimento duradouro.

Em entrevista durante o WCM 2026, em Belo Horizonte, a coordenadora de programas de pós-graduação em cooperativismo da PUC Minas destacou a ligação entre educação, cultura organizacional e sucessão. Para ela, preparar profissionais e cooperados exige combinar competências técnicas com conhecimento sobre as particularidades das sociedades cooperativas.

“As pessoas têm que entender qual o negócio em que estão entrando, os cooperados também”, ressaltou.

Sua reflexão coloca a educação no centro da gestão: formar pessoas ajuda a qualificar decisões, fortalecer a participação e preparar quem dará continuidade às organizações.

Crescer com identidade

Ao comentar os debates acompanhados no WCM, Ronise apontou o desconhecimento sobre o modelo cooperativo como uma barreira. Na sua avaliação, a qualificação precisa alcançar tanto os profissionais que trabalham nas organizações quanto os associados que participam de sua vida econômica e institucional.

O domínio de ferramentas de administração, contabilidade, auditoria ou Direito deve caminhar junto com a compreensão da identidade cooperativista. Essa combinação permite relacionar decisões operacionais aos princípios e às responsabilidades que orientam o negócio.

A formação também ajuda a construir uma linguagem comum entre dirigentes, equipes e cooperados. Quando as pessoas entendem suas funções e o funcionamento da organização, encontram melhores condições para participar, acompanhar resultados e contribuir com propostas.

Sucessão começa antes da troca de lideranças

Para Ronise, a preparação de sucessores depende desse processo contínuo de aprendizagem. Preservar a cultura cooperativista exige que o conhecimento circule e que novas pessoas tenham oportunidades de desenvolver competências.

A sucessão, nessa perspectiva, começa muito antes da escolha de quem ocupará um cargo. Ela envolve aproximar profissionais e associados das decisões, explicar a organização e criar condições para o exercício de responsabilidades.

A preocupação apresentada pela entrevistada alcança o futuro das cooperativas: como assegurar continuidade se quem chega desconhece sua história, suas características e seu propósito?

Educação e sucessão se encontram justamente nesse ponto. A formação oferece referências para que as próximas lideranças possam responder a novos desafios sem perder a compreensão do modelo que representam.

Conhecimento especializado para diferentes áreas

Durante a entrevista, Ronise apresentou iniciativas de pós-graduação da PUC Minas voltadas ao cooperativismo. Entre as áreas citadas estão Direito Cooperativo, gestão de cooperativas, contabilidade e auditoria, cooperativas financeiras, seguros e Direito do Agronegócio.

A universidade mantém ofertas com aulas on-line ao vivo, formato que permite a participação de profissionais de diferentes regiões. Entre os cursos divulgados estão a especialização em Direito Cooperativo e os MBAs em Gestão Estratégica em Sociedades Cooperativas e em Gestão Estratégica de Cooperativas Financeiras.

Segundo Ronise, a formação interessa a quem já atua no setor e também a profissionais que desejam conhecê-lo. Advogados, administradores, contadores e integrantes de outras áreas podem contribuir com as cooperativas quando compreendem suas particularidades. Para ingresso nas especializações, é necessário observar a exigência de formação superior e os critérios de cada curso.

Talentos e quadro social na mesma agenda

Uma das novidades destacadas foi o MBA em Gestão e Desenvolvimento de Talentos e OQS no Cooperativismo. A sigla OQS significa Organização do Quadro Social e se relaciona à estruturação da participação dos associados na vida cooperativa.

O programa aproxima gestão de pessoas, liderança, governança, comunicação e cultura cooperativista. Na grade divulgada pela PUC Minas, esses conteúdos aparecem ao lado de temas como transformação digital, negociação e resolução de conflitos.

A proposta amplia o olhar sobre a formação. Desenvolver equipes e fortalecer a relação com os cooperados são dimensões que precisam dialogar, embora envolvam públicos, vínculos e responsabilidades diferentes.

Uma trajetória dedicada à educação cooperativista

Ronise relatou que desenvolve iniciativas de ensino sobre cooperativismo na PUC Minas desde 2006. Ao longo desse percurso, segundo ela, foram realizados programas com cooperativas, centrais e unidades do Sescoop de diferentes estados.

A atuação também alcança a área jurídica. Docente e coordenadora de pós-graduação, ela foi nomeada, em janeiro de 2025, para a presidência da Comissão de Direito Cooperativista da OAB/MG, conforme registro da universidade.

No WCM, seu recado relacionou a oferta de cursos a uma necessidade mais ampla: preparar pessoas para compreender, administrar e renovar as cooperativas.

O investimento em educação ganha sentido quando o aprendizado chega à prática. É nas decisões, na participação dos associados e na formação de novas lideranças que o conhecimento pode ajudar a sustentar o futuro do movimento.

Fabíola Nader Motta e os desafios para a divulgação do cooperativismo



Dias depois de apresentar os resultados da Pesquisa de Imagem do Cooperativismo, Fabíola Nader Motta, superintendente do Sistema OCB, recebeu a reportagem da revista BR Coop durante o WCM 2026, em Belo Horizonte, em 19 de outubro. O desafio de comunicar a complexidade do Sistema Cooperativo ao público em geral foi um dos temas abordados. Apesar das dificuldades, o Sistema prossegue para fazer a marca cooperativista ser reconhecida pela população.

Diante dos resultados da pesquisa, Fabíola se mostra otimista. Para ela, há um avanço no reconhecimento da imagem do cooperativismo brasileiro. E o resultado pode ser visto em todo o território nacional.

"A gente ficou muito feliz porque realmente é a terceira edição dessa pesquisa e a gente conseguiu ver um avanço no conhecimento da população brasileira sobre o cooperativismo", afirmou.

Fabíola atribui o resultado a uma construção coletiva, que envolve o Sistema OCB, o Sescoop e as próprias cooperativas, cada vez mais empenhadas em explicar à sociedade suas características e sua atuação.

Marcas mais lembradas, identidade a fortalecer

Fabíola mostra com dados o motivo de seu otimismo. A pesquisa ouviu 5.955 pessoas de todas as regiões do país, entre 29 de julho e 19 de agosto de 2026. Na lembrança espontânea, o percentual de entrevistados capazes de citar o nome de uma cooperativa passou de 29% em 2018 para 55% em 2023 e 66,8% em 2026.

O indicador revela uma ampliação importante da visibilidade. Entretanto, lembrar uma marca e compreender o funcionamento de uma cooperativa são dimensões diferentes.

O levantamento também apresenta um Índice de Conhecimento Efetivo de 51,4%, calculado a partir de quatro medidas: conhecimento declarado, capacidade de diferenciar modelos de organização, identificação da definição correta e reconhecimento de cooperativas reais.

Essa distinção ajuda a dimensionar o trabalho de comunicação. Uma marca conhecida pode abrir a conversa; explicar sua identidade permite aprofundar o relacionamento com o público.

O valor que chega à comunidade

Na entrevista, Fabíola destacou que a pesquisa procurou compreender quais características atraem as pessoas para o cooperativismo. Segundo ela, responsabilidade social e geração de prosperidade nas comunidades aparecem como referências positivas.

"A população fala muito que cooperativa tem uma responsabilidade social, que tem um impacto de prosperidade na ponta e que eles reconhecem isso como uma marca muito positiva", explicou.

Para a superintendente, esses atributos precisam ganhar espaço no cotidiano das organizações e na maneira como apresentam seus produtos e serviços.

O desafio é traduzir conceitos em situações que o consumidor reconheça: quem participa do negócio, como os resultados circulam e quais benefícios chegam à comunidade. Histórias de cooperados, trabalhadores e empreendedores podem ajudar a tornar essa relação mais compreensível.

A comunicação ganha força quando encontra correspondência na experiência oferecida. O atendimento, a qualidade e a relação com o público também expressam a identidade de uma cooperativa.

Da percepção positiva à decisão de compra

Os dados mostram abertura para valorizar a origem cooperativa. Ao serem perguntados se saber que um produto ou serviço pertence a uma cooperativa alteraria sua intenção de compra, 26,5% responderam "sim" e 34,2%, "talvez".

A soma, de 60,7%, indica uma oportunidade de aproximação. Representa uma disposição declarada, que ainda precisa se converter em escolha efetiva. Qualidade e preço continuam centrais: foram mencionados, respectivamente, por 60,5% e 53% dos participantes entre os fatores considerados no consumo.

E como transformar esses dados em algo prático? Fabíola tem a resposta. Para ela, a pesquisa oferece referências para orientar esse trabalho. As cooperativas podem usar os atributos reconhecidos pela sociedade para explicar melhor sua proposta e atrair consumidores.

A identidade cooperativista, portanto, pode acrescentar valor à oferta. Sua força comercial depende de uma combinação entre benefícios percebidos, clareza da comunicação e capacidade de atender às necessidades de quem compra.

Juventude no centro da próxima pesquisa

A superintendente também adiantou que o Sistema OCB prevê, para 2027, uma pesquisa voltada à juventude. O objetivo será compreender melhor o que esse público procura e como estabelecer um diálogo mais próximo.

"A gente entender o que a juventude está procurando para poder falar melhor do cooperativismo com essa juventude", afirmou.

A proposta coloca a escuta antes da definição da mensagem. Conhecer expectativas e formas de relacionamento pode ajudar o movimento a apresentar oportunidades de participação, trabalho, empreendedorismo e consumo.

Compartilhar estratégias para avançar

Fabíola destacou ainda o papel dos encontros cooperativistas na circulação de experiências. Para ela, eventos como o WCM permitem que organizações de diferentes portes, regiões e atividades aprendam umas com as outras.

"O nosso movimento tem esse diferencial de a gente ter grandes trocas entre as cooperativas", ressaltou.

Essa disposição para compartilhar estratégias aproxima comunicação e intercooperação. Uma iniciativa que funcionou em determinada organização pode oferecer referências para outras, desde que adaptada às características de cada público.

Portanto, para tornar o cooperativismo um sistema reconhecido e competitivo, é necessário maior presença. Transformá-lo em escolha pede uma relação próxima entre aquilo que as cooperativas comunicam e o valor que as pessoas encontram em seus produtos, serviços e práticas.

Comunicar a cooperação é mostrar a vida das pessoas



Uma cooperativa pode apresentar bons resultados, ampliar sua presença e investir em divulgação sem conseguir explicar à sociedade o que a torna diferente. Para Tiago Schmidt, o caminho para superar essa distância passa por uma comunicação verdadeira, coerente e próxima das pessoas, capaz de mostrar como a cooperação transforma suas vidas.

Presidente do Conselho de Administração da Sicredi Pioneira e vice-presidente da Casa Cooperativa Nova Petrópolis, Schmidt deu entrevista ao BR Coop durante o WCM 2026, em Belo Horizonte. Após participar de uma palestra sobre comunicação, o dirigente defendeu que o setor combine competência profissional com conhecimento dos princípios e valores cooperativistas.

“O grande resumo da palestra é que, se a gente comunicar o cooperativismo com verdade, coerência, humildade e amor, com certeza absoluta a sociedade brasileira vai entender o que é o cooperativismo”, afirmou.

Sua reflexão coloca em discussão tanto a maneira de contar histórias quanto as práticas que sustentam o discurso das organizações.

Das instituições para as pessoas

Schmidt chamou atenção para uma comunicação que, em determinadas situações, concentra esforços na divulgação institucional e dedica menos espaço às pessoas e às suas trajetórias.

A diferença está no foco. Mostrar a cooperativa envolve apresentar sua estrutura, seus serviços e seus resultados. Comunicar a cooperação exige também revelar o que essa atuação representa para quem participa dela e para as comunidades.

Histórias de vida podem tornar essa relação mais compreensível. Elas permitem reconhecer o associado, o trabalhador e a comunidade como participantes da construção dos resultados, aproximando a identidade cooperativista da experiência cotidiana.

Na avaliação do dirigente, essa comunicação precisa preservar a coerência entre o que a organização afirma e o que realiza. Verdade, humildade e respeito às pessoas devem orientar a mensagem e a atuação da cooperativa.

Profissionalizar sem perder a identidade

A formação dos profissionais foi um dos pontos centrais da entrevista. Schmidt defendeu a contratação de pessoas com experiência em diferentes setores da economia, inclusive no mercado financeiro convencional. O desafio, segundo ele, está em assegurar que esse conhecimento seja acompanhado da compreensão do modelo cooperativo.

“Cooperativas não nasceram para se adaptar ao mercado, cooperativas nasceram para transformar o mercado”, declarou.

Para o dirigente, a experiência adquirida em uma indústria, instituição financeira, escola ou agência de publicidade pode contribuir para o desenvolvimento de uma cooperativa. Essa contribuição ganha força quando o profissional entende a doutrina, os princípios e os valores que orientam a organização.

A formação também precisa alcançar quem já trabalha no setor. Schmidt criticou a acomodação de profissionais que permanecem anos no cooperativismo sem atualizar suas competências técnicas nem aprofundar o conhecimento sobre sua identidade.

Sua defesa, portanto, envolve duas responsabilidades: preparar quem chega e estimular o desenvolvimento contínuo de quem já participa. Competência de mercado e formação cooperativista precisam caminhar juntas.

Mais visibilidade exige profundidade

Schmidt reconheceu os avanços do movimento nas últimas décadas. Destacou a ampliação do alcance das cooperativas, a presença do tema nas universidades e o crescimento de veículos especializados.

Ao mesmo tempo, manifestou preocupação com a circulação de conteúdos produzidos sem suficiente conhecimento técnico ou doutrinário, especialmente nas redes sociais. Para ele, o aumento da visibilidade precisa ser acompanhado por maior profundidade.

Essa avaliação também alcança quem ensina, influencia e representa o setor. Quanto maior a capacidade de comunicar, maior a responsabilidade de explicar corretamente suas características e seus compromissos.

O dirigente reconheceu o trabalho da imprensa especializada como parte desse processo de qualificação do debate e de aproximação com a sociedade.

Uma Casa acima das marcas

A entrevista aconteceu no estande da Casa Cooperativa Nova Petrópolis. Schmidt apresentou a entidade como uma associação sustentada pela participação voluntária de lideranças e pelo envolvimento de cooperativas de diferentes ramos.

Segundo ele, a Casa atua acima das marcas e dos sistemas, reunindo organizações de crédito, saúde, trabalho, educação, agropecuária e infraestrutura em torno de objetivos comuns.

E os objetivos são preservar e divulgar a história do padre Theodor Amstad, patrono do cooperativismo brasileiro, além de difundir a educação cooperativista que integra essa missão. A memória oferece referências para compreender o movimento e orientar sua continuidade.

Nessa perspectiva, a intercooperação se expressa na disposição de construir uma agenda compartilhada, respeitando as diferenças entre atividades e organizações.

Qual legado as lideranças estão construindo?

É a partir dessa reflexão que Schmidt situa o Legado Coop 2027, marcado para 12 a 14 de maio, em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul. O evento propõe aproximar gestão, inovação e identidade cooperativista, colocando em debate os efeitos das decisões atuais sobre as próximas gerações.

É a ligação entre o antigo e o moderno. Ao mencionar pensadores como Robert Owen e William King e a experiência dos pioneiros de Rochdale, em 1844, o dirigente ressaltou a ligação entre atividade econômica e finalidade social presente na formação do cooperativismo moderno.

Para ele, as lideranças precisam reconhecer a capacidade que têm de transformar municípios, bairros e regiões. O desenvolvimento deve buscar equilíbrio entre resultados econômicos e benefícios sociais, com uma visão de médio e longo prazo.

“O que nós estamos fazendo hoje para que, no futuro, quando a gente não estiver mais aqui, a partir do que nós seremos lembrados pelas futuras gerações?”, questionou.

A pergunta aproxima a comunicação da gestão. O legado que uma cooperativa poderá contar amanhã começa nas escolhas de hoje: na formação das pessoas, na coerência de suas práticas e nos resultados que ajuda a construir com a comunidade.

Dolores Fernández destaca intercâmbio entre cooperativas como caminho para melhorar serviços

Cooperada da mexicana Caja Popular Mexicana vê no encontro internacional uma oportunidade de compartilhar experiências e levar novas práticas à sua instituição, que, segundo ela, alcançou 4 milhões de associados.



O valor de um encontro internacional de cooperativismo também se mede pelo conhecimento que os participantes levam de volta às suas comunidades. Para Dolores Fernández, cooperada da Caja Popular Mexicana, essa é uma das principais contribuições do WCM 2026: aproximar organizações de diferentes países, conhecer suas experiências e identificar práticas que possam melhorar o atendimento aos associados.

Moradora de Zacatecas, capital do estado mexicano de mesmo nome, Dolores participou do evento e visitou o estande da caravana Gen Coop com o olhar voltado à troca de conhecimentos. Em entrevista à BR Coop, destacou que o contato com outras cooperativas permite aprender com diferentes realidades e compartilhar soluções desenvolvidas no cotidiano das instituições.

“Este evento é uma grande oportunidade para nos conhecermos entre cooperativas, compartilhar nossas melhores experiências e aprender”, afirmou, em tradução do espanhol. O propósito, explicou, é levar essas práticas aos associados de sua cooperativa.

Uma experiência mexicana

Dolores integra a Caja Popular Mexicana, cooperativa financeira com sede em León, no estado de Guanajuato. Segundo a entrevistada, a instituição chegou recentemente à marca de 4 milhões de associados e mantém presença em diferentes regiões do México.

Seu relato apresenta uma organização dedicada a serviços financeiros para os cooperados. A dimensão dessa base de associados ajuda a compreender o interesse pelo intercâmbio internacional: experiências de outras instituições podem oferecer referências para aprimorar serviços e responder às necessidades de um público numeroso e distribuído pelo território mexicano.

Na avaliação de Dolores, participar do encontro significa tanto apresentar a experiência de sua cooperativa quanto conhecer o que outras organizações estão fazendo. Essa disposição para compartilhar e aprender coloca o associado no centro da conversa: o conhecimento adquirido ganha sentido quando pode contribuir para melhorar sua relação com a instituição.

Aprendizado que volta à comunidade

A fala da cooperada dá uma perspectiva concreta à intercooperação. Para ela, o encontro entre participantes de diferentes países abre espaço para identificar práticas que possam ser discutidas e aproveitadas nas organizações de origem.

Seu depoimento também evidencia o papel dos próprios cooperados nessa circulação de conhecimento. Ao participar dos debates e estabelecer contato com outras experiências, eles podem levar novas referências às comunidades e às instituições das quais fazem parte.

É nessa conexão entre o intercâmbio internacional e a realidade local que Dolores situa a importância do evento: conhecer outras formas de trabalhar e transformar o aprendizado em contribuição para os associados.



CoopCafé conecta tecnologia, formação e intercooperação no WCM 2026



Edição exibida em 19 de outubro reuniu dirigentes e cooperativistas para apresentar soluções de gestão, aprendizados de uma missão à China e experiências de educação que deram origem a novos negócios

Uma plataforma de gestão desenvolvida a partir das necessidades de uma cooperativa, uma missão internacional de capacitação e uma formação acadêmica que resultou na criação de outro empreendimento cooperativo. Essas experiências deram conteúdo à edição especial do CoopCafé exibida em 19 de outubro, durante o World Coop Management (WCM) 2026.

Conduzido por Claudio Montenegro, com participação do jornalista Claudio Rangel e comentários de Newton Parahyba, o programa recebeu no palco 360 representantes do Rio Grande do Norte, do Rio de Janeiro, do Distrito Federal e da Cooperativas das Américas. Os relatos mostraram diferentes caminhos para transformar conhecimento e articulação institucional em melhorias na gestão e oportunidades para os cooperados.

Tecnologia que compreende o modelo cooperativo

A primeira entrevista reuniu Eduardo Gatto, presidente do Sistema Ocern, e Alexandre Soares, apresentado como presidente da cooperativa potiguar Coopedu. O tema foi um sistema de gestão criado para atender às particularidades do empreendimento e, posteriormente, oferecido a outras cooperativas.

Segundo Alexandre, a organização começou com 24 cooperados e passou a reunir mais de 28 mil, com atuação em dez estados. A expansão revelou uma dificuldade: encontrar ferramentas que compreendessem rotinas como distribuição de sobras, rateios, cotas-partes e prestação de contas aos associados.

O desenvolvimento da plataforma levou cerca de um ano e meio, conforme seu relato. A proposta foi integrar processos desde o ingresso do cooperado, incluindo documentação e formação, até o acompanhamento da produção, a contabilidade e os pagamentos.

Como exemplo dos ganhos operacionais, Alexandre relatou uma operação na qual a cooperativa conseguiu pagar 948 pessoas em 48 segundos. O resultado foi apresentado como um avanço em relação às rotinas que dependiam do envio e do retorno de arquivos bancários.

A solução também procura ampliar o acesso dos associados às informações sobre sua atividade. “Ele quer fazer o controle da produção dele. Ele quer saber quanto ele tem a receber no final do mês”, afirmou.

De acordo com os entrevistados, a plataforma já estava preparada para cooperativas de trabalho e saúde, enquanto a adaptação ao transporte permanecia em desenvolvimento. Eduardo Gatto informou que projetos-piloto no Rio Grande do Norte antecederam a apresentação nacional no WCM, onde foram iniciadas conversas com representantes de outros estados.

Missão à China abre caminhos de cooperação

O segundo bloco recebeu Vinícius Mesquita, presidente do Sistema OCB/RJ, e Filipe Pires, coordenador acadêmico e superintendente da Execoop. Eles apresentaram um balanço da missão à China que, segundo o programa, reuniu cerca de 50 dirigentes em uma imersão de 17 dias.

Mesquita destacou o contato com organizações cooperativistas e instituições de ensino, além de experiências de produção, logística e tecnologia. Em sua avaliação, a viagem ofereceu referências para pensar o desenvolvimento das cooperativas fluminenses, respeitando as diferenças entre os países.

“A gente precisa construir o nosso caminho”, afirmou, ao defender que os participantes transformem o aprendizado em ações nas suas organizações.

Filipe Pires explicou que a preparação envolveu nove meses de negociações e articulação com parceiros chineses. O trabalho começou com contatos disponibilizados pelo Sistema OCB/RJ e avançou por meio da construção de relações institucionais e pessoais.

Entre os desdobramentos, Pires anunciou um convênio bilateral com uma instituição chinesa de ensino e a abertura de um escritório da Execoop em Hangzhou, destinado a apoiar demandas do cooperativismo brasileiro na China e o relacionamento no sentido inverso.

O relato mostrou a intercooperação também como método de organização: a soma de contatos, competências e responsabilidades permitiu estruturar a missão e criar possibilidades de continuidade após o retorno ao Brasil.

Formação que se transforma em empreendimento

A educação ganhou destaque com a participação de Remy Gorga Neto, presidente do Sistema OCB/DF, acompanhado por representantes da Universidade Católica de Brasília e estudantes de Gestão de Cooperativas.

Segundo o dirigente, a delegação do Distrito Federal reuniu 82 pessoas. Entre elas estavam 32 dos 35 alunos da segunda turma do curso voltado ao público da reciclagem, além de integrantes de cooperativas participantes das trilhas de desenvolvimento do sistema e membros dos conselhos de Administração e Fiscal.

O professor Rafael, representante da Universidade Católica de Brasília, ressaltou que as visitas integraram uma proposta pedagógica. O objetivo era levar conhecimentos que pudessem ser aplicados nas cooperativas do Distrito Federal.

Um resultado concreto apareceu no depoimento de Inês, egressa da primeira turma. Ela contou que, após a conclusão do curso, integrantes do grupo fundaram uma cooperativa para atuar com educação ambiental em parceria com organizações de reciclagem.

A iniciativa pretende estimular a destinação adequada dos resíduos por meio da formação e da conscientização. O exemplo relacionou educação, renovação de lideranças e criação de negócios a partir de necessidades identificadas pelos próprios cooperativistas.

Da experiência local à representação internacional

No encerramento, José Alves de Souza Neto, presidente da Cooperativas das Américas e da Uniodonto do Brasil, relacionou sua atuação internacional ao trabalho cotidiano dos associados.

“O que eu faço lá é representar vocês, o que vocês constroem no dia a dia das cooperativas de vocês”, declarou.

Para ilustrar a diversidade do movimento, relatou uma visita a uma cooperativa indígena no Panamá que organizava atividades de hospedagem e recepção de visitantes. Segundo ele, a comunidade combinava conectividade, educação e estruturas de administração e fiscalização do empreendimento.

O depoimento encerrou uma edição marcada pela conexão entre experiências de diferentes portes e territórios. Da automação dos pagamentos à formação de novos dirigentes, os casos apresentados no CoopCafé mostraram que a inovação também depende da capacidade de compartilhar soluções, preparar pessoas e construir relações duradouras entre cooperativas.

Caravana GENCoop transforma convivência em oportunidades de negócios

Em edição do CoopCafé realizada em 20 de outubro, participantes destacaram como transporte, saúde, educação, comunicação e outros serviços podem conectar cooperativas e ampliar mercados

Compartilhar o estande, apresentar o serviço de outra cooperativa e identificar oportunidades de trabalho conjunto. Nos depoimentos dos integrantes da caravana Gen Coop ao programa CoopCafé, essas práticas deram forma à intercooperação durante o World Coop Management (WCM) 2026, em Belo Horizonte. A edição de 20 de outubro, realizada no palco 360, reuniu representantes de diferentes atividades para conversar sobre negócios, experiências e possibilidades de parceria.

Segundo o jornalista Claudio Montenegro, a caravana levou 11 cooperativas do Rio de Janeiro ao encontro. Com a participação de outras organizações, o estande do GENCoop, Grupo Executivo de Negócios Cooperativos, reuniu 38 cooperativas. Conduzido por Montenegro, com a participação do jornalista Claudio Rangel e do comentarista Newton Parahyba, o programa mostrou como essa aproximação pode continuar depois do evento.

Uma parceria que começa na viagem

Responsável pelo transporte da caravana, Caio Souto, presidente da Telecoop, lembrou que abraçou a proposta apresentada por Montenegro há cinco anos. Para ele, viabilizar o deslocamento foi o início de uma relação que passou a envolver divulgação recíproca e apoio entre as cooperativas.

“Vai muito além de um simples transporte, vai muito além de dividir um espaço”, afirmou. Em sua avaliação, a intercooperação exige disposição para assumir compromissos e colocar as ideias em prática.

Caio também apresentou a atuação da Telecoop em transporte e logística, com serviços adaptados às necessidades dos clientes. O objetivo, explicou, é utilizar o conhecimento adquirido nas operações para propor melhorias que beneficiem os negócios atendidos.

Essa colaboração apareceu também no relato de Renata Carneiro, da Cooptec. Integrante do grupo desde o início, ela recordou a mobilização durante a pandemia e destacou uma cena observada no estande: representantes pegavam os materiais de outras cooperativas e apresentavam seus serviços aos visitantes.



“É um pegar o panfleto do outro, é falar do serviço do outro”, resumiu. Para Renata, a convivência entre organizações de uma mesma área demonstrou a possibilidade de construir parcerias e compartilhar oportunidades.

Saúde aproxima experiências e serviços

A presença de diferentes cooperativas de saúde permitiu apresentar modelos de atendimento e identificar pontos de aproximação. Carol, da Norte Saúde, defendeu que o

fortalecimento da identidade cooperativista também passa pela decisão de fazer negócios dentro do próprio movimento.

Sediada em Campos dos Goytacazes, a cooperativa atua na assistência domiciliar e na organização de equipes para hospitais e clínicas. Segundo ela, oito Unimeds já integram sua carteira de clientes, uma experiência de intercooperação que a organização pretende ampliar.

Também de Campos dos Goytacazes, Malu apresentou a trajetória da Essencial Care. Com três anos de atividade, a cooperativa começou pelo atendimento domiciliar e passou a investir em capacitação de profissionais e telemedicina. A plataforma, lançada no mês anterior ao programa, foi apresentada como uma possibilidade de ampliar o acesso a atendimentos por meio de parcerias com outras cooperativas.



Na Cooptec, Renata relatou a diversificação dos serviços ao longo de nove anos. Além da assistência domiciliar, a organização passou a atuar com laboratório próprio e formação na área da saúde. Durante a entrevista, anunciou a abertura, naquele mês, de um espaço de terapias para crianças neurodivergentes e idosos.

Eduardo Gomes, da cooperativa de Saúde Unifop, destacou a atuação de psicólogos, fonoaudiólogos e fisioterapeutas. Com sede em Petrópolis, a cooperativa busca expandir sua presença e apresentou seu trabalho de apoio às organizações em questões relacionadas à saúde no trabalho e à NR-1.

Conhecimento, memória e comunicação

A diversidade do grupo também abriu espaço para serviços que apoiam a gestão das cooperativas. Guilma Viruez, da Datacoop, mostrou como a organização de documentos, dados e acervos contribui para preservar a memória institucional e facilitar o acesso à informação.

“O que nós fazemos é organizar o conhecimento”, explicou. Entre as atividades apresentadas estão recuperação e restauração de patrimônio, implantação de centros de informação e definição de critérios para a guarda de documentos.

Na educação, Priscila Almeida, apresentada no programa como presidente da Execoop, destacou os MBAs e as imersões voltadas à formação de gestores. A preocupação, afirmou, é aproximar o aprendizado dos desafios enfrentados nas organizações.

“Nós não educamos apenas para que ele aprenda, mas sim para que ele aplique de forma prática dentro da sua cooperativa”, disse.

Márcia Fraga, da Comunicoop, retomou a origem do Gen Coop como uma articulação para impulsionar cooperativas durante a pandemia. Ela relacionou o crescimento do grupo ao trabalho de divulgação de produtos e serviços e à criação de espaços de encontro. Apresentou ainda a atuação da Comunicoop em comunicação, marketing e eventos, incluindo a BR Coop e o próprio CoopCafé.

A produção audiovisual foi abordada por Manuel e Antônio Loiola, da Copas. Manuel destacou trabalhos ligados ao Canal Saúde, da Fiocruz, e projetos cinematográficos. Em sua primeira participação no WCM, Antônio ressaltou os contatos estabelecidos e a disposição da cooperativa para desenvolver novos negócios.

Conexões que ampliam o alcance do grupo

O programa ouviu também parceiros do estande. Rosiane, da Sol e Mar, apresentou os serviços de logística para viagens, encontros e capacitações. Entre as propostas, destacou a organização de grupos compartilhados de viagens de premiação, permitindo a participação de cooperativas com poucos convidados.

Alexandre Machado, presidente da EDC — Energia das Cooperativas, relatou que a central reunia nove cooperativas formalmente vinculadas e trabalhava para ampliar essa base. Ao falar sobre energia e mobilidade elétrica, valorizou o estande como um espaço de aproximação entre organizações.

Na área de benefícios, Leopoldo, da Conecta Coop, apresentou serviços destinados a cooperativas, cooperados e familiares. Jorge Rios, da Unir Assist, também destacou sua oferta de benefícios e manifestou interesse em construir parcerias a partir do encontro.

Ao longo das entrevistas, o ponto comum foi a disposição para transformar contatos em relações de trabalho. Do transporte que viabilizou a caravana à apresentação conjunta dos serviços, os participantes mostraram diferentes maneiras de colocar a intercooperação na rotina. Para o grupo, o próximo passo é dar continuidade às conversas e desenvolver as oportunidades identificadas em Belo Horizonte.



Quanto mais potente a IA, mais valiosa a presença humana



Luiz Branco faz balanço do WCM 2026, destaca a participação dos jovens e anuncia a proposta de reunir lideranças mundiais da ACI na edição de 2027

A inteligência artificial avança, mas o valor das pessoas cresce com ela. Essa é a visão defendida por Luiz Branco, CEO do World Coop Management, ao avaliar o WCM 2026. Para ele, o cooperativismo reúne condições para transformar a inovação em vantagem competitiva porque tem nas pessoas a base de sua organização.

Realizado nos dias 19 e 20 de outubro, no Minascentro, em Belo Horizonte, o encontro colocou em discussão a integração entre cultura cooperativista, gestão e tecnologia. Sob o conceito "Fusão" e a chamada "Ouse Integrar", a programação propôs aproximar competências humanas e ferramentas digitais na construção do futuro das cooperativas.

"Cada vez que a inteligência artificial fica mais potente, mais valiosa se torna a presença do ser humano para comandar isso", afirmou Branco.

A declaração sintetiza o propósito que o executivo atribui ao evento: preparar as lideranças para incorporar a inovação e reconhecer o papel das pessoas na condução das mudanças.

Uma trilogia para integrar culturas

Segundo Branco, o WCM desenvolve uma trilogia iniciada em 2025, com a Conexão. A proposta é aproximar a cultura das pessoas e os valores cooperativistas da cultura da inovação e da inteligência artificial.

Em 2026, essa aproximação avançou para a integração. O passo seguinte, previsto para 2027, será a Singularidade, etapa na qual o evento pretende aprofundar o trabalho conjunto entre essas culturas.

Na avaliação do CEO, a tecnologia deve ampliar a capacidade humana de produzir, decidir e oferecer soluções. Ele defendeu que essa integração pode gerar benefícios e manifestou a expectativa de que ela preserve empregos.

Essa perspectiva coloca uma responsabilidade diante das lideranças: conduzir a adoção tecnológica com atenção à formação das equipes e às mudanças nas atividades profissionais. Transformar a potência das ferramentas em benefícios depende das decisões de quem as utiliza.

Para Branco, o cooperativismo tem um ponto de partida favorável nessa construção.

"O cooperativismo, que tem na sua essência a cultura das pessoas, já sai na frente", declarou.

Diversidade de ramos e presença jovem

A reunião de diferentes ramos e regiões foi outro aspecto destacado pelo executivo. De acordo com seu relato, o WCM recebeu representantes de todo o Brasil e de países latino-americanos, ampliando as possibilidades de intercâmbio entre organizações com experiências distintas.

Branco atribuiu a construção do evento ao envolvimento do público, dos patrocinadores e dos parceiros de comunicação, entre eles a BR Coop e a MundoCoop. Para ele, essa participação coletiva sustenta a identidade do encontro.

Uma das surpresas da edição foi a presença dos jovens. Embora não tenha apresentado um levantamento por faixa etária, o CEO ressaltou que percebeu uma participação expressiva desse público.

"Gostamos de desmistificar que o setor cooperativo é uma coisa velha: ele é uma coisa inovadora", afirmou.

A observação aproxima dois desafios do movimento: renovar suas lideranças e comunicar às novas gerações as possibilidades de trabalhar, empreender e inovar por meio de cooperativas. A tradição pode oferecer referências para o futuro quando encontra espaço para novas ideias e formas de participação.

O maior WCM, segundo a organização

No balanço apresentado por Branco, o WCM 2026 reuniu 2.500 participantes, oito palcos, 80 horas de conteúdo e mais de 120 palestrantes, em uma estrutura de 25 mil metros quadrados.

Os números levaram o executivo a classificar a edição como a maior da trajetória do evento. O resultado também amplia, em sua avaliação, a responsabilidade de preparar o próximo encontro.

Mais do que crescer em dimensão, a continuidade da proposta exige transformar a diversidade de conteúdos em conexões que permaneçam depois da programação. A integração defendida pelo WCM encontra seu desdobramento nas cooperativas, onde dirigentes e equipes podem avaliar os conhecimentos adquiridos e desenvolver novas iniciativas.

Um painel mundial para 2027

Para a próxima edição, Branco anunciou a proposta de organizar um painel internacional em conjunto com a Aliança Cooperativa Internacional — ACI. Segundo ele, o projeto foi discutido em uma reunião com o presidente da entidade, Ariel Guarco.

A intenção é reunir Guarco e as lideranças das quatro organizações regionais da ACI: Américas, Europa, África e Ásia-Pacífico. O objetivo será promover o intercâmbio de experiências e perspectivas sobre o cooperativismo em diferentes partes do mundo.

"Será um painel que vamos elaborar em conjunto com a ACI", anunciou.

Branco também informou as datas previstas para o WCM 2027: 18 e 19 de outubro, novamente no Minascentro, em Belo Horizonte. O painel foi apresentado como um projeto em preparação, cuja composição deverá ser detalhada pela organização.

Ao encerrar seu balanço, o CEO convidou o público e os parceiros a participar dessa construção. A proposta mantém o fio condutor da trilogia: conectar pessoas, integrar conhecimentos e criar condições para que a inovação fortaleça os negócios cooperativos.

Da China ao Rio: cooperação para transformar conhecimento em desenvolvimento



Em entrevista ao programa CoopCafé, Vinícius Mesquita destaca os aprendizados da missão internacional, as possibilidades de negócios e o desafio de adaptar experiências chinesas às necessidades das cooperativas fluminenses

Conhecer outras formas de organizar a produção, desenvolver tecnologia e conectar cooperativas a mercados foi parte da experiência vivida por lideranças brasileiras em missão à China. Para o presidente do Sistema OCB/RJ, Vinícius Mesquita, o principal

aprendizado está na capacidade de transformar cooperação, educação e planejamento em instrumentos de desenvolvimento. Agora, o desafio é trazer essas referências para a realidade fluminense.

Em entrevista ao CoopCafé, conduzida por Claudio Montenegro e Claudio Rangel, Mesquita apresentou seu balanço da viagem e apontou possibilidades de aproximação comercial. A formação promovida pelo Sistema OCB/RJ, em parceria com a Execoop, combinou estudo e visitas a organizações chinesas, aproximando dirigentes de experiências de gestão, inovação e alianças estratégicas.

“A gente precisa encontrar o nosso caminho, construir o nosso caminho, pensar o nosso estado, pensar a nossa cidade, pensar o nosso país”, afirmou.

Formação para ampliar a visão dos dirigentes

A missão reuniu experiências que ultrapassaram o contato com equipamentos e instalações. Ao longo da conversa, os participantes do programa relataram uma semana de formação em Hangzhou, com apresentações de especialistas de diferentes áreas. A preparação também incluiu quatro aulas on-line antes da viagem.

Para Mesquita, observar outras realidades ajuda a compreender as possibilidades do próprio cooperativismo. Seu interesse era que os dirigentes percebessem o papel que as organizações cooperativas podem desempenhar na estruturação de atividades econômicas e na melhoria das condições de vida.

Essa perspectiva integra a estratégia da organização fluminense de ampliar o repertório das lideranças. O conhecimento adquirido pode apoiar decisões sobre processos, qualificação de equipes e parcerias, desde que os exemplos sejam avaliados à luz das necessidades de cada cooperativa.

Tecnologia ligada à educação e à produção

Robótica, inteligência artificial, automação industrial e mobilidade autônoma estiveram entre os temas relatados no CoopCafé. A visita à Unitree e a experiência em um veículo autônomo ajudaram a mostrar aplicações de tecnologias que já despertam interesse em diferentes setores.

Mesquita chamou atenção, sobretudo, para a proximidade entre instituições de ensino, governo e empreendimentos. Na sua avaliação, essa articulação favorece a criação de soluções e o desenvolvimento de novos negócios.

“É um ambiente: universidade, governo e sociedade”, resumiu, ao descrever um dos espaços de inovação visitados.

O dirigente também defendeu o reconhecimento da capacidade brasileira de pesquisar e inovar. Citou Embrapa e Embraer como referências e ressaltou a importância de valorizar profissionais e instituições que contribuem para o desenvolvimento nacional.

O aprendizado internacional, nessa leitura, deve ampliar a confiança para construir soluções próprias. Para as cooperativas, isso significa examinar onde uma tecnologia pode resolver um problema, melhorar o atendimento ou tornar a operação mais eficiente.

Intercooperação abre caminhos para negócios

A aproximação com organizações chinesas também trouxe possibilidades comerciais. Segundo Mesquita, os participantes tiveram acesso a instrumentos para apresentar seus interesses de compra e venda e estabelecer contatos com potenciais parceiros.

Entre os desdobramentos mencionados, estão conversas envolvendo cooperativas de saúde interessadas em produtos farmacêuticos e médicos. O presidente também apontou a possibilidade de cooperativas fluminenses desenvolverem produtos de maior valor agregado destinados ao mercado chinês.

“Estamos já conversando”, afirmou sobre as tratativas na área da saúde.

Alguns dos resultados da missão China para a OCB/RJ podem ser resumidos no estabelecimento de contatos e na criação de oportunidades. A concretização de novos projetos dependerá das condições comerciais, da viabilidade das operações e do atendimento às exigências brasileiras. Ainda não foram apresentados contratos concluídos ou resultados financeiros dessas conversas.

Outro detalhe apontado por Mesquita é o destaque para a intercooperação. Para o dirigente, ela pode ajudar no sentido do compartilhamento de conhecimento e da aproximação de organizações para atender às possíveis demandas provocadas pelo contato com os chineses. Assim, a conexão internacional ganha sentido quando produz benefícios que chegam à cooperativa e aos seus associados.

Uma ponte acadêmica para dar continuidade à missão

Por exemplo, um desdobramento registrado na divulgação institucional da OCB/RJ foi o convênio bilateral firmado pela Execoop com o Zhejiang Institute of Economics and Trade. O acordo contempla cooperação acadêmica, intercâmbio de docentes, estudantes e executivos e conexões em tecnologia, inovação e negócios.

Essa ponte amplia as possibilidades de continuidade da formação. O relacionamento pode favorecer novas trocas e aproximar desafios das cooperativas de ambientes de pesquisa e educação executiva.

O crescimento precisa alcançar os diferentes ramos

Ao comentar a atuação do Sistema OCB/RJ, Mesquita defendeu o apoio ao desenvolvimento das cooperativas menores. Para ele, as organizações que já cresceram também podem ajudar a criar condições para que outras avancem.

“Cooperação é isso: é dar mão, é ajudar, é trabalhar pelo fomento”, declarou.

Esta ideia exemplifica o que significa a intercooperação. Também conecta a experiência internacional promovida pela OCB/RJ ao trabalho executado dentro do estado. A iniciativa das cooperativas em procurar conhecer os modelos de gestão, de estabelecer relações e de identificar novas tecnologias deve contribuir para ampliar oportunidades entre cooperativas de diferentes portes e atividades.

A missão à China promovida pelo Sistema OCB/RJ teve como resultado a construção de uma maior conexão entre aquele país e o cooperativismo fluminense. Assim, o próximo passo será transformar o aprendizado em iniciativas que melhorem a gestão, fortaleçam negócios e gerem benefícios concretos para os cooperados.

Nater Coop adota energia solar em 27 unidades no Espírito Santo



Parceria com a Fortlev Solar utiliza créditos nas faturas; iniciativa acompanha expansão da fonte solar no estado

A Nater Coop anunciou uma parceria com a Fortlev Solar para compensar o consumo de eletricidade de 27 unidades distribuídas em 14 municípios do Espírito Santo. Segundo a cooperativa, os estabelecimentos já recebem créditos de geração solar nas contas de luz, em uma iniciativa voltada à redução de custos. O comunicado não informa o valor nem o percentual da economia.

A Nater Coop divulgou que a Fortlev Solar opera a infraestrutura das usinas que produzem a energia utilizada na compensação. Dessa forma, o modelo permite aproveitar a geração fotovoltaica por meio de créditos nas faturas das unidades atendidas.

Bernardo Kapich, gerente industrial de alimentos da Nater Coop, explica que a parceria amplia o escopo de compensações ambientais da cooperativa.

“Do ponto de vista ambiental, considerando como referência nosso fator médio de emissão de carbono com energia elétrica em 2025, que foi de 0,0461 tCO2/MWh, a geração anual projetada de 792 MWh associada à eletricidade da rede fotovoltaica representa uma redução de aproximadamente 36,5 toneladas de CO2”, detalha.

Os estabelecimentos ficam em Alegre, Castelo, Guaçuí, Itarana, Iúna, Muniz Freire, Nova Venécia, Pinheiros, Rio Bananal, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, São Mateus, Sooretama e Vitória. A cooperativa informa ainda que outras nove filiais contratam energia de fontes renováveis no mercado livre.

Energia solar ganha espaço no Espírito Santo

A iniciativa ocorre em um cenário de expansão da geração solar capixaba. Segundo a EPE, a fonte respondeu pela maior adição de potência instalada entre as diferentes fontes de geração elétrica no Espírito Santo no período de 2004 a 2025: 1.239 megawatts (MW). A empresa pública divulgou o dado em 18 de setembro de 2026, após participação no Fórum Sinerges, em Vitória.

No mesmo intervalo, a capacidade instalada de geração elétrica do estado, considerando todas as fontes, passou de 893 MW para 3.046 MW. Os números representam a capacidade de produção das instalações, e não a quantidade de eletricidade efetivamente gerada ou consumida.

Para a Nater Coop, a contratação integra a estratégia de modernização dos negócios e otimização de despesas. No comunicado, a organização relaciona a iniciativa à busca de maior retorno aos cooperados e à responsabilidade socioambiental.



Articulação do coop mineiro fortalece energia cooperativa



A energia é um insumo estratégico para a competitividade das cooperativas, que buscam eficiência e segurança no abastecimento e avançam na transição para fontes renováveis. Ampliar a participação do cooperativismo no setor elétrico exige condições para conectar usinas à rede, estruturar negócios e garantir segurança jurídica. Em Minas Gerais, o Sistema Ocemg atua em duas frentes: nas discussões nacionais do setor e na interlocução com o Governo do Estado e a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig).

O trabalho de articulação institucional busca responder a dificuldades que afetam tanto a implantação de empreendimentos energéticos quanto o funcionamento das cooperativas. Entre os desafios, estão questões regulatórias e tributárias, elaboração de contratos, exigências de governança e custos de obras necessárias à conexão das usinas à rede de distribuição.

Na geração distribuída, as cooperativas de infraestrutura produzem energia com foco em sustentabilidade, eficiência energética, compartilhamento e redução de custos. O modelo abrange tanto cooperativas específicas de GD, que atuam por meio da geração compartilhada para atendimento de cooperados, quanto coops de outros ramos, que utilizam soluções de geração distribuída para abastecimento próprio, sustentabilidade e fortalecimento de suas operações.

Para o superintendente do Sistema Ocemg, Alexandre Gatti Lages, a consolidação da presença cooperativista nesse mercado depende da atuação articulada do setor nos espaços de decisão. “O Sistema Ocemg atua incansavelmente para que nossas cooperativas tenham segurança jurídica, capacidade técnica e canais de diálogo abertos com os órgãos reguladores e concessionárias, viabilizando novos modelos de negócios que fortalecem o protagonismo dos cooperados como donos do empreendimento”.

Regulação e desenvolvimento

A participação das cooperativas na geração distribuída ganhou espaço com a Resolução Normativa nº 687/2015 da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). A norma ampliou as regras de micro e minigeração estabelecidas pela Resolução Normativa nº 482/2012 e introduziu a modalidade de geração compartilhada. Posteriormente, a Lei nº 14.300/2022 e a Resolução Normativa nº 1.059/2023 complementaram esse marco regulatório.

No âmbito federal, o Sistema OCB em parceria com a Confederação Alemã de Cooperativas (DGRV) oferece a solução Negócios Coop para cooperativas de geração distribuída em áreas como contratos, tributação, gestão e governança. O programa contempla 10 cooperativas nas turmas iniciais, entre elas as mineiras Renovaeco – Cooperativa de Energia Renovável, integrante da primeira turma, e a Cooperativa de Geração Compartilhada de Energia Elétrica e Desenvolvimento de Sistemas de Compensação – Copelp, que participa da segunda turma.

O analista de Planejamento e Projetos do Sistema Ocemg, Lucas Lage, integra o Grupo de Trabalho de Geração Distribuída da OCB e as Câmaras Temáticas de Geração Distribuída e de Distribuição de Energia e acompanha de perto os debates sobre o fortalecimento da participação cooperativista no setor. “Nosso papel nos fóruns nacionais é traduzir a complexidade regulatória em ferramentas aplicáveis para as cooperativas”, explica.

Uma das iniciativas recentes dos grupos, segundo Lage, é um documento orientativo que será lançado durante o II Fórum Latino-Americano de Energia Cooperativa, nos dias 24 e 25 de novembro de 2026, em Brasília. “Nesse material, entregamos diretrizes contratuais, mapeamento de impactos tributários e um checklist prático para a revisão interna das organizações”, antecipa.

Conexão à rede

Em Minas Gerais, uma das principais dificuldades relatadas pelas cooperativas de geração distribuída está nos processos de conexão das usinas à rede da Cemig. Segundo os relatos, os custos repassados aos empreendimentos para obras ou adaptação das redes frequentemente inviabilizam a implantação das unidades.

Para buscar soluções, o Sistema Ocemg mantém um acordo de cooperação técnica com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais (Sede/MG) e diálogo contínuo com a concessionária por meio do programa MinasCoop Energia. Essa interlocução permite reunir as demandas das cooperativas e levá-las às instâncias responsáveis pelos encaminhamentos.

Uma audiência recente com a alta diretoria da Cemig contou com a participação da secretária de Estado de Desenvolvimento Econômico, Mila Corrêa da Costa, e do assessor institucional do Sistema Ocemg, Geraldo Magela. Motivada por demandas da Copelp, a reunião abordou falhas nos canais digitais de atendimento da concessionária, divergências nos critérios de análise e descumprimento de prazos. No encontro, a diretoria da Cemig assumiu o compromisso formal de sanar os gargalos apresentados até dezembro de 2026.

Demandas e encaminhamentos

O diálogo institucional também contemplou uma demanda de fornecimento de energia da Cooperativa Agropecuária (Cogran), cujo frigorífico Rei do Gado, em Passa Tempo, enfrenta quedas e oscilações. Para esse caso, a concessionária informou que a solução depende da conclusão de obras em subestações e linhas da região, com estabilização do fornecimento também prevista para dezembro de 2026.

Para Geraldo Magela, a interlocução com a concessionária e o Governo do Estado permite apresentar os problemas diretamente aos responsáveis e estabelecer prazos para as respostas. “O alinhamento institucional com a Cemig e com a SEDE nos permite expor de forma transparente as reais dificuldades operacionais enfrentadas pelas cooperativas mineiras”, afirma.

Cooperativismo chega a 213 salas de cinema em São Paulo



Campanha SomosCoop busca aproximar o público dos produtos e serviços das cooperativas, com exibição na capital e no interior paulista

O Sistema Ocesp, com apoio do Sistema OCB, levou o Movimento SomosCoop aos cinemas paulistas para estimular o reconhecimento das cooperativas nas escolhas de consumo. A ação promoveu a exibição do trailer da campanha em 213 salas de 30 complexos, entre 29 de outubro e 11 de novembro de 2026.

Programado para passar antes dos filmes, o conteúdo integra sessões das redes Cinemark, Cinépolis, Kinoplex, Cine Araújo, UCI e Moviecom. A presença na capital e no interior amplia os espaços de contato do movimento com públicos que podem conhecer pouco sobre o modelo cooperativista.

Escolhas que aproximam

A mensagem associa o consumo de produtos e serviços cooperativos a valores como pertencimento e construção coletiva. A proposta é incentivar o espectador a reconhecer essa identidade nas organizações presentes em seu cotidiano.

A campanha também conta com a mascote Liz, apresentada como uma forma de dialogar com as novas gerações. Ao ocupar as telas, o movimento busca tornar o cooperativismo mais familiar e aproximar sua mensagem das decisões diárias dos consumidores.

10 ANOS Comunicoop

Produção de conteúdo que fortalece sua marca.

Fotos, vídeos, Reels e conteúdos estratégicos para posicionar sua empresa, gerar autoridade e aumentar sua presença digital.

- Fotografia Profissional
- Vídeos para Redes Sociais
- Reels Estratégicos
- Conteúdo Institucional

DIVULGUE TAMBÉM SEUS PRODUTOS E SERVIÇOS ATRAVÉS DOS CANAIS BR COOP E PROGRAMA COOPCAFÉ!



WWW.COMUNICOOP.COM.BR (21) 99877-7735

Formação e intercâmbio abrem espaço para jovens e mulheres no cooperativismo



Programa prepara filhos de produtores rurais para a sucessão familiar, enquanto comitê da Cergrand busca experiências no Paraná para ampliar a participação feminina

Preparar novas lideranças e ampliar a participação nas cooperativas mobilizou duas iniciativas do Sistema OCB/MS em outubro. O Programa Novos Líderes do Agro encerrou uma formação destinada a filhos de produtores rurais cooperados. Já o Comitê de Mulheres da Cergrand organizou um intercâmbio no Paraná, com apoio da entidade, para conhecer experiências de organização e empreendedorismo feminino.

Sucessão começa com preparo

Voltado a jovens de 18 a 30 anos, o programa somou 98 horas em seis módulos, realizados em parceria com a Harven Agribusiness School. A conclusão incluiu uma imersão em Ribeirão Preto (SP). Gestão, inteligência artificial, governança e empreendedorismo estiveram entre os conteúdos trabalhados para aproximar a formação das decisões nas propriedades e nas cooperativas.

Maria Cação, da Cooasgo, relatou que já aplicou ensinamentos na propriedade familiar e pretende incentivar outros jovens a participar da cooperativa. Renato Jundi Yamasari, da Camva, destacou a importância de transformar o aprendizado em práticas de gestão.

Os depoimentos apontam o alcance pretendido pela iniciativa: preparar a continuidade dos negócios familiares e estimular o envolvimento das novas gerações no cooperativismo.

Mulheres compartilham caminhos

Na Cergrand, o aprendizado entre cooperativas orientou a programação do intercâmbio de 27 a 29 de outubro, que reuniu 18 mulheres. O roteiro previa uma visita à Copacol, em Cafelândia, e ao projeto Mulheres do Café, em Jesuítas, apoiado pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná.

Segundo a secretária executiva da Cergrand, Ana Cristina Alves da Silva, conhecer os desafios enfrentados por outros grupos pode ajudar a estruturar o comitê, ainda em seus primeiros passos. Entre as participantes estão cooperadas, esposas e filhas de cooperados.

“Estamos dando os primeiros passos com o nosso comitê de mulheres”, afirmou Ana Cristina. A expectativa é que essa aproximação também estimule maior envolvimento das famílias na cooperativa.

O contato com experiências de outras regiões oferece referências para desenvolver ações próprias e ampliar a presença feminina nas atividades e na gestão cooperativa.



Reforma tributária mobiliza cooperativas de Mato Grosso para adaptação às novas regras



A reforma tributária brasileira impõe novos desafios à gestão das cooperativas, que precisam rever contratos, atualizar sistemas e avaliar os impactos das mudanças sobre suas operações. Para orientar o setor, o Sistema OCB/MT reuniu mais de 160 dirigentes, lideranças e colaboradores no Seminário Tributário do Cooperativismo de Mato Grosso, realizado em 22 de outubro de 2026, em Cuiabá.

O encontro contou com especialistas da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e da Secretaria de Estado de Fazenda de Mato Grosso (Sefaz/MT). A programação abordou a implantação da Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) e do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), que integram o novo modelo de tributação do consumo.

Além de apresentar as alterações legais, o seminário destacou a necessidade de planejamento para enfrentar a transição tributária. A discussão envolveu cooperativas dos ramos Agropecuário, Crédito, Saúde, Transporte e Trabalho, Produção de Bens e Serviços, considerando as particularidades de cada atividade.

Planejamento para preservar a competitividade

Para o superintendente do Sistema OCB/MT, Frederico Azevedo, a preparação das cooperativas deve envolver conhecimento técnico, revisão de procedimentos e avaliação dos efeitos financeiros das novas regras.

A entidade pretende apoiar esse processo por meio de capacitações, orientações jurídicas e qualificação dos profissionais de contabilidade que atendem o setor cooperativista.

Uma das principais preocupações envolve a formação de preços. As alterações nos mecanismos de tributação e aproveitamento de créditos podem modificar custos operacionais e exigir ajustes na relação entre cooperativas, associados, clientes e fornecedores.

A implantação do novo modelo também demanda atenção às características do ato cooperativo, especialmente nas operações realizadas entre as cooperativas e seus associados.

CBS e IBS exigem novos controles

A gerente jurídica da OCB Nacional, Amanda Oliveira Rezende, apresentou os principais aspectos da CBS e os mecanismos de aproveitamento dos créditos tributários.

Durante a palestra, explicou que o novo tributo possui características diferentes do atual sistema de PIS e Cofins. Por isso, as cooperativas precisarão compreender as regras de não cumulatividade e desenvolver controles capazes de identificar a carga tributária efetiva de suas operações.

A questão merece atenção especial dos ramos Trabalho e Transporte, cujas cooperativas nem sempre utilizam mecanismos semelhantes aos previstos no novo sistema.

No segmento agropecuário, Amanda destacou a importância de avaliar os créditos acumulados de PIS e Cofins e planejar seu aproveitamento durante a transição.

A especialista também recomendou a atualização dos cadastros de cooperados, a revisão de contratos e a análise das opções tributárias aplicáveis às operações cooperativistas.

Adaptação dos sistemas e documentos fiscais

A implantação do IBS foi apresentada por Vinícius Simioni, secretário adjunto de Projetos Estratégicos da Sefaz/MT.

Ele destacou a necessidade de adequar cadastros, documentos fiscais e sistemas de gestão às novas exigências. A preparação envolve ainda a capacitação das equipes responsáveis pelas atividades contábeis, fiscais e administrativas.

Segundo Simioni, o diálogo entre o poder público e os setores produtivos será importante para esclarecer dúvidas e identificar dificuldades durante a implantação da reforma.

A Sefaz/MT também disponibiliza orientações por meio do portal Escola da Reforma Tributária, que reúne informações destinadas aos contribuintes.

Cada ramo terá desafios específicos

No período da tarde, o seminário promoveu painéis direcionados aos diferentes segmentos do cooperativismo.

Os debates permitiram aprofundar questões relacionadas à produção agropecuária, às operações financeiras, à prestação de serviços, ao transporte e à saúde.

Para Cícero Borges, diretor-presidente da Coopebarra, cooperativa de transporte formada por 51 associados, a participação contribuiu para compreender as mudanças que poderão afetar o funcionamento da organização.

A avaliação evidencia uma preocupação compartilhada por diferentes ramos: adaptar os procedimentos internos sem comprometer a sustentabilidade econômica das cooperativas.

No setor agropecuário, a coordenadora tributária da Coabra, Vanderleia Guimarães, ressaltou a necessidade de transmitir o conhecimento aos associados e revisar os instrumentos contratuais.

Ela também destacou a importância do suporte jurídico oferecido pelo Sistema OCB/MT, sobretudo para cooperativas que não dispõem de profissionais especializados em suas estruturas.

Capacitação ganha importância na transição tributária

A realização do seminário integra as ações do Sistema OCB/MT para preparar as cooperativas diante das transformações no ambiente tributário brasileiro.

A iniciativa aproximou especialistas responsáveis pelo acompanhamento das novas regras dos profissionais que precisarão aplicá-las nas operações cotidianas.

Com a reforma, o planejamento tributário passa a exigir uma atuação integrada entre dirigentes, contadores, assessorias jurídicas e equipes administrativas.

Nesse cenário, a experiência de Mato Grosso demonstra como as entidades representativas do cooperativismo podem contribuir para a disseminação de informações técnicas e a preparação das organizações.

O desafio será transformar o conhecimento adquirido em medidas concretas, capazes de garantir segurança jurídica, adequação operacional e competitividade durante a transição para o novo sistema tributário.

Novas cooperativas ampliam atuação do setor em saúde, consumo e educação ambiental no DF



O cooperativismo do Distrito Federal amplia sua presença em diferentes atividades econômicas com a chegada de três organizações dos segmentos de saúde, consumo e educação ambiental. Para apoiar o desenvolvimento desses empreendimentos, o Sistema OCB/DF promoveu, em 29 de outubro, um encontro de integração com dirigentes das cooperativas registradas em 2026.

Participaram da reunião representantes da ECOOP – Cooperativa de Trabalho de Educação Ambiental, da CoopFácil – Cooperativa de Consumo de Servidores Públicos e da Cooper Lar Saúde – Cooperativa de Trabalho Cooper Lar Saúde.

As organizações representam diferentes possibilidades de atuação do modelo cooperativista. A ECOOP integra o ramo Trabalho, Produção de Bens e Serviços, enquanto a CoopFácil pertence ao ramo Consumo. Já a Cooper Lar Saúde atua no ramo Saúde.

A diversidade dos segmentos demonstra como o cooperativismo pode reunir profissionais e consumidores em empreendimentos coletivos, organizados para atender às necessidades de seus associados.

Integração desde os primeiros passos

O Encontro de Boas-Vindas às Novas Cooperativas apresentou a estrutura do Sistema OCB/DF, os serviços oferecidos às organizações registradas e as oportunidades de capacitação e desenvolvimento.

Durante a programação, presidentes e integrantes dos conselhos conheceram os instrumentos de apoio disponíveis nas áreas de gestão, governança e formação cooperativista.

A reunião também permitiu que os dirigentes apresentassem as características de suas organizações, suas expectativas e as dificuldades enfrentadas nesta fase inicial.

Para o presidente do Sistema OCB/DF, Remy Gorga Neto, o acompanhamento das novas cooperativas deve começar no registro e continuar durante seu desenvolvimento.

“Receber novas cooperativas no Sistema OCB/DF é iniciar uma relação de acompanhamento que começa no registro e segue com orientação, desenvolvimento e acesso às soluções do Sistema”, afirmou.

A proposta é estabelecer um relacionamento permanente, considerando as necessidades de cada organização e as particularidades dos setores em que atuam.

Diagnóstico orienta desenvolvimento das organizações

Após o encontro, as três cooperativas deverão participar do Diagnóstico Identidade, ferramenta utilizada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) para avaliar aspectos essenciais do funcionamento das sociedades cooperativas.

O diagnóstico examina a conformidade com a legislação, o alinhamento aos princípios cooperativistas e os procedimentos relacionados à gestão, governança e administração financeira.

A avaliação também contempla práticas de transparência, controles internos, participação dos associados nas decisões e relacionamento entre a cooperativa e seu quadro social.

Com os resultados, será possível identificar pontos que precisam de aperfeiçoamento e orientar medidas voltadas ao fortalecimento institucional.

A ferramenta considera ainda as normas brasileiras de contabilidade aplicáveis às cooperativas, contribuindo para a organização dos processos administrativos e financeiros.

Governança e identidade cooperativista

A formação de uma cooperativa exige mais do que a constituição jurídica de uma empresa. O empreendimento precisa desenvolver mecanismos que assegurem a participação democrática dos associados e o cumprimento de seus objetivos coletivos.

Por isso, a estruturação dos processos de gestão e governança representa uma etapa importante para as organizações que iniciam suas atividades.

No Distrito Federal, o Sistema OCB/DF busca apoiar esse processo por meio de orientação técnica, capacitação e acompanhamento institucional.

A iniciativa também permite aproximar as novas cooperativas de outras organizações do setor, abrindo possibilidades de intercâmbio de experiências e intercooperação.

Com a chegada da ECOOP, da CoopFácil e da Cooper Lar Saúde, o cooperativismo brasiliense incorpora novas organizações em atividades relacionadas à educação ambiental, ao consumo e à prestação de serviços de saúde.

O próximo desafio será consolidar suas estruturas de gestão, fortalecer a participação dos associados e desenvolver atividades economicamente sustentáveis, preservando os valores e princípios que caracterizam o modelo cooperativista.

Encontro de Comunicadores fortalece a comunicação estratégica das cooperativas do DF



Promovida pelo Sistema OCB/DF, iniciativa reuniu profissionais para discutir Cultura Coop, planejamento estratégico, assessoria de imprensa e reputação institucional.

O fortalecimento da comunicação nas cooperativas do Distrito Federal foi o foco do Encontro de Comunicadores, promovido pelo Sistema OCB/DF. A iniciativa reuniu profissionais que atuam na área para compartilhar experiências, discutir desafios e aprimorar práticas de comunicação alinhadas à realidade das cooperativas.

A programação abordou temas como Cultura Coop, planejamento estratégico, assessoria de imprensa e reputação institucional. Com atividades práticas e momentos de troca entre os participantes, o encontro buscou oferecer ferramentas que contribuam para o planejamento das ações de comunicação e para a divulgação dos resultados alcançados pelas cooperativas.

Para o presidente do Sistema OCB/DF, Remy Gorga Neto, a comunicação tem papel fundamental no fortalecimento da imagem do cooperativismo e na aproximação do setor com a sociedade.

"A comunicação tem papel central na forma como o cooperativismo se apresenta, cria vínculos e demonstra sua contribuição para a sociedade. Quando o comunicador conhece a estratégia da cooperativa e compreende a identidade do movimento, consegue transformar projetos, dados e histórias em mensagens que geram entendimento e fortalecem a reputação do cooperativismo", afirma.

Ao longo da programação, os participantes discutiram situações presentes na rotina das cooperativas, como a necessidade de divulgar projetos, apresentar resultados, identificar pautas de interesse da imprensa e adaptar a comunicação aos diferentes públicos.

Comunicação e Cultura Coop

Um dos temas centrais do encontro foi a importância da comunicação para o fortalecimento da cultura cooperativista. A abordagem foi conduzida por Letícia Marques, analista de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB Nacional, que apresentou o tema "O papel da Comunicação no Fortalecimento da Cultura Coop".

Durante a apresentação, Letícia destacou a contribuição da comunicação para a valorização da identidade cooperativista e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento entre cooperados, colaboradores e comunidades.

A discussão também trouxe reflexões sobre a importância de apresentar os princípios e valores do cooperativismo de maneira clara e próxima da realidade das pessoas, relacionando esses conceitos às ações desenvolvidas pelas cooperativas.

Para a coordenadora de Comunicação e Marketing do Sistema OCB/DF, Kátia Rocha, a proposta foi oferecer uma programação que dialogasse diretamente com o trabalho desenvolvido pelos profissionais da área.

"Nosso desafio é fazer com que a comunicação esteja conectada à estratégia e à rotina da cooperativa. Isso passa por planejar, conhecer os públicos, organizar mensagens, identificar boas histórias e construir relações consistentes com a imprensa e com a sociedade. O encontro foi pensado para entregar ferramentas que possam ser incorporadas ao trabalho dos comunicadores", destaca.

Planejamento e relacionamento com a imprensa

A programação teve continuidade com Marcelle Carvalho, profissional de Comunicação e Marketing e mestre em Comunicação, que conduziu atividades sobre planejamento estratégico, assessoria de imprensa e reputação.

Na primeira etapa, os participantes trabalharam a construção de um planejamento de comunicação a partir de situações relacionadas às suas cooperativas. O exercício contemplou a definição de objetivos, públicos, mensagens, canais, ações, prazos e indicadores, estimulando uma visão organizada das atividades de comunicação.

O relacionamento com a imprensa também foi abordado de forma prática, por meio da dinâmica "Isso é notícia?". A atividade propôs a análise de situações do cotidiano das cooperativas para identificar assuntos com potencial de divulgação jornalística.

Durante o exercício, foram discutidos critérios como relevância, impacto, novidade, disponibilidade de dados e fontes de informação. Os participantes também trabalharam a estruturação de pautas, considerando o gancho jornalístico, o título, as informações de apoio e os veículos mais adequados para cada assunto.

As atividades permitiram aos comunicadores avaliar oportunidades de divulgação e discutir caminhos para ampliar a presença das cooperativas na imprensa, considerando as características e os objetivos de cada organização.

Troca de experiências e integração

O encontro também abriu espaço para a troca de experiências entre os profissionais de comunicação das cooperativas do Distrito Federal. Durante as atividades, os participantes compartilharam desafios do dia a dia, apresentaram situações vivenciadas em suas organizações e discutiram alternativas para aprimorar o trabalho desenvolvido.

A integração entre os comunicadores foi um dos aspectos valorizados na programação, considerando a importância da articulação entre as cooperativas e o Sistema OCB/DF para ampliar a divulgação das iniciativas do setor.

A realização do encontro integra os esforços do Sistema OCB/DF para qualificar os profissionais que atuam na comunicação das cooperativas e incentivar a adoção de práticas alinhadas às estratégias institucionais.

Com a iniciativa, o Sistema OCB/DF reforça seu compromisso com o desenvolvimento da comunicação cooperativista, reconhecendo a importância desses profissionais para dar visibilidade às ações do setor, fortalecer o relacionamento com diferentes públicos e ampliar o reconhecimento do cooperativismo no Distrito Federal.

Sistema OCB/GO amplia oportunidades de negócios e promove sustentabilidade na FICCA Goiás 2026



Entidade coordenou a participação de cerca de 20 cooperativas na feira, aproximou produtores de novos mercados e participou de ação que recolheu cinco toneladas de materiais recicláveis

O Sistema OCB/GO reuniu cerca de 20 cooperativas no Pavilhão do Cooperativismo da FICCA Goiás 2026, realizada entre 27 e 29 de outubro, no Centro de Convenções de Goiânia. A participação abriu oportunidades comerciais para produtores da agricultura familiar, artesãos e cooperativas de diferentes ramos. Ao mesmo tempo, a entidade atuou no Movimento Reciclar, que recolheu aproximadamente cinco toneladas de materiais recicláveis durante o evento, com destinação prevista para duas cooperativas goianas.

A Feira da Indústria, Comércio, Cooperativismo, Empreendedorismo e Agronegócio (FICCA) reuniu representantes de diferentes setores econômicos e registrou cerca de R$ 1 bilhão em acordos comerciais, segundo a organização. O resultado representa crescimento de 25% em relação aos R$ 800 milhões informados na edição de 2025. O montante corresponde ao conjunto da feira, sem discriminação dos negócios realizados pelas cooperativas.

Uma das seis entidades realizadoras, o Sistema OCB/GO assumiu a coordenação do Pavilhão do Cooperativismo. A iniciativa buscou ampliar a visibilidade das cooperativas, facilitar o relacionamento com compradores e apresentar à sociedade a diversidade de produtos e serviços oferecidos pelo setor.

Agricultura familiar e artesanato encontram novos mercados

Das cerca de 20 cooperativas participantes do pavilhão, 11 representaram a agricultura familiar e o artesanato. Entre elas estavam Coaspi, Cooparja, Coppab, Cooperafi, CooperAçafrão, Coopervi, Cooperabs, Bordana, Cooperarte, Artago e Floryá.

A Cooperafi, de Itapuranga, apresentou alimentos produzidos por seus associados, como farinha, rapadura, pimenta e polpas de frutas, além de cachaça artesanal. Os produtos também são comercializados no empório mantido pela cooperativa.

Para a diretora-secretária Janete Sousa, a presença na FICCA permitiu estabelecer contatos comerciais e trocar experiências com outras organizações. A dirigente destacou a possibilidade de desenvolver iniciativas de intercooperação a partir desses encontros.

A Cooparja, de Jataí, participou pela primeira vez de uma feira desse porte. Fundada em 2023, a organização reúne 410 cooperados e comercializa seus produtos em um empório inaugurado recentemente no município. Segundo o presidente Leandro Alves, a exposição contribuiu para divulgar a produção e prospectar novos negócios.

No artesanato, a Artago apresentou peças de cerâmica, macramê, bordados, biojoias e joias em prata produzidas por cinco associados. A participação também abriu espaço para o intercâmbio com cooperativas de outros segmentos.

As rodadas comerciais proporcionaram oportunidades de relacionamento internacional. A CooperAçafrão, de Mara Rosa, iniciou tratativas com um possível comprador do Paraguai, enquanto outras cooperativas estabeleceram contatos com fornecedores e potenciais clientes. As negociações ainda não representam contratos concluídos.

OCB/GO articula cooperativismo e economia circular

Além das atividades comerciais, o Sistema OCB/GO participou da operação do Movimento Reciclar, iniciativa liderada pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico e Sustentável de Goiânia (Codese).

A ação mobilizou 30 voluntários durante os três dias da FICCA. As equipes identificaram os principais pontos de geração de resíduos, orientaram visitantes e expositores e acompanharam a separação dos materiais em diferentes espaços do Centro de Convenções.

Ao final da feira, o movimento contabilizou aproximadamente cinco toneladas de materiais recicláveis, com destinação prevista para duas cooperativas goianas. O volume não inclui resíduos orgânicos, que receberam tratamento separado.

A iniciativa procurou integrar a responsabilidade ambiental à realização do evento, além de valorizar o trabalho das cooperativas de reciclagem. Os materiais destinados às organizações poderão retornar à cadeia produtiva, contribuindo para a economia circular.

O diretor do Codese, Marcos Vilas Boas, destacou a importância de incluir a gestão de resíduos no planejamento de grandes eventos. Segundo ele, a experiência também pode incentivar empresas e instituições a adotar procedimentos semelhantes em suas atividades.

O Movimento Reciclar pretende avaliar os resultados ambientais da operação, incluindo a quantidade de resíduos desviados do aterro sanitário, os custos evitados e as estimativas de redução das emissões de gases de efeito estufa. Esses indicadores ainda dependem de consolidação.

Cooperativismo integrado aos setores produtivos

A presença do Sistema OCB/GO na FICCA também promoveu a aproximação das cooperativas com representantes da indústria, do comércio, do agronegócio e de outras atividades econômicas.

O Pavilhão do Cooperativismo reuniu organizações dos ramos Agropecuário, Crédito, Saúde, Infraestrutura e Trabalho, Produção de Bens e Serviços. Além da exposição de produtos, a programação ofereceu palestras e debates sobre inovação, inteligência artificial, liderança, governança e gestão financeira.

Para o presidente do Sistema OCB/GO, Luís Alberto Pereira, a participação na feira teve como propósito ampliar o reconhecimento das cooperativas e criar condições para seu desenvolvimento econômico. A proposta também buscou fortalecer a intercooperação, a formação e o relacionamento do setor com a sociedade.

Promovida pelo Sistema Fecomércio-GO, Sistema Fieg, Facieg, Sistema OCB/GO, Sistema Faeg/Senar e Sebrae Goiás, a FICCA integrou seis iniciativas em uma programação conjunta. A edição contou com 94 atividades, entre palestras, painéis e encontros empresariais.

A atuação do Sistema OCB/GO reuniu duas dimensões do cooperativismo: a geração de oportunidades econômicas para os associados e a participação em ações de interesse coletivo.

Enquanto as cooperativas expositoras apresentaram seus produtos e buscaram novos compradores, as organizações de reciclagem foram incluídas na estratégia de destinação dos resíduos da feira. As iniciativas reforçaram a participação do cooperativismo em diferentes etapas da atividade econômica, da produção e comercialização à gestão ambiental.

Sistema Ocepar orienta cooperativas sobre impactos da reforma tributária nos diferentes ramos

A reforma tributária brasileira exige das cooperativas uma revisão de seus procedimentos fiscais, financeiros e administrativos. Para apoiar essa adaptação, o Sistema Ocepar intensificou, em outubro e novembro de 2026, suas ações de orientação jurídica e capacitação. A iniciativa contempla organizações dos ramos Agropecuário, Crédito, Saúde e Trabalho, Produção de Bens e Serviços, que enfrentam desafios específicos com a implantação do novo modelo de tributação do consumo.



Uma das principais preocupações envolve o regime tributário específico das sociedades cooperativas, previsto na Lei Complementar nº 214/2025. A legislação estabelece condições diferenciadas para determinadas operações entre cooperativas e associados, considerando as particularidades do modelo de negócios cooperativista.

O novo sistema substitui gradualmente tributos sobre o consumo pela Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), de competência federal, e pelo Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), administrado conjuntamente por estados e municípios.

Além das mudanças na apuração tributária, as cooperativas precisam avaliar os efeitos sobre a formação de preços, o aproveitamento de créditos fiscais e os contratos comerciais. A transição também exige investimentos em tecnologia, atualização cadastral e qualificação de profissionais.

Regime específico exige atenção das cooperativas

A reforma reconhece particularidades do ato cooperativo ao permitir que as sociedades cooperativas optem por um regime específico de tributação.

Nas operações expressamente previstas na legislação, a escolha permite reduzir a zero as alíquotas do IBS e da CBS. O tratamento alcança determinadas transações entre a cooperativa e seus associados, observadas as condições legais.

Entretanto, a opção não significa isenção geral de tributos para todas as atividades cooperativas. Seu alcance depende da natureza das operações, da situação tributária dos associados e das demais regras aplicáveis.

A decisão também pode interferir no aproveitamento de créditos, no fluxo de caixa e na competitividade das organizações. Por isso, a avaliação precisa considerar as características de cada cooperativa.

Em 22 de outubro, o Sistema OCB obteve uma decisão liminar na Justiça Federal do Distrito Federal que suspendeu o prazo de opção pelo regime para as cooperativas abrangidas pela ação, até a publicação dos atos normativos necessários.

Posteriormente, em 29 de outubro, a Receita Federal e o Comitê Gestor do IBS informaram que discutiam a ampliação do prazo de adesão até 30 de novembro. Na ocasião, a proposta ainda dependia de formalização.

O Sistema Ocepar incluiu o assunto em seu Informe Jurídico de 4 de novembro, destacando a necessidade de acompanhamento das decisões judiciais e das normas regulamentadoras.

Capacitação considera as particularidades de cada ramo

As diferenças entre as atividades cooperativas levaram o Sistema Ocepar a organizar capacitações direcionadas a segmentos específicos.

No ramo Saúde, a reforma exige atenção às regras de tributação das operadoras de planos de saúde, às bases de cálculo e aos procedimentos de apuração dos novos tributos. Também será necessário avaliar os impactos sobre a prestação de serviços e os registros contábeis.

Nas cooperativas de Trabalho, Produção de Bens e Serviços, o desafio envolve o tratamento tributário das operações realizadas pelos associados e a relação contratual com os tomadores de serviços.

Já no ramo Crédito, as mudanças exigem a análise das regras aplicáveis aos serviços financeiros, às operações com cooperados e aos mecanismos de aproveitamento de créditos tributários.

Para atender a essas demandas, a Ocepar programou cursos voltados às cooperativas de Saúde, em 9 e 10 de novembro; Trabalho, Produção de Bens e Serviços, em 12 e 13 de novembro; e Crédito, em 2 e 3 de dezembro.

A programação busca preparar profissionais das áreas jurídica, fiscal, contábil e administrativa para a aplicação das novas regras.

Agronegócio enfrenta desafios na gestão fiscal

No setor agropecuário, a reforma também traz mudanças que ultrapassam a apuração de tributos.

A tributação no destino, as exigências de documentação eletrônica e as novas regras de aproveitamento de créditos deverão influenciar o planejamento das cooperativas e dos produtores associados.

A necessidade de manter registros corretos e informações fiscais atualizadas ganha importância diante da integração dos sistemas tributários.

Para cooperativas que recebem produtos de milhares de associados, a adaptação dependerá da organização cadastral, da revisão dos processos internos e da orientação aos produtores.

As alterações também poderão exigir mudanças nos contratos de fornecimento, nas operações logísticas e nos mecanismos utilizados para calcular os custos das atividades.

O objetivo será preservar a eficiência econômica e reduzir os riscos de perdas fiscais durante a transição.

Representação institucional acompanha regulamentação

Além da capacitação, o Sistema Ocepar acompanha a regulamentação tributária em conjunto com o Sistema OCB, que atua na defesa das particularidades das sociedades cooperativas perante os poderes Executivo e Legislativo.

Entre as principais preocupações está a preservação do tratamento adequado ao ato cooperativo, evitando que operações realizadas entre a cooperativa e seus associados recebam tributação incompatível com sua natureza.

A discussão envolve o reconhecimento das diferenças entre empresas convencionais e organizações cooperativas, cuja finalidade está relacionada à prestação de serviços aos próprios associados.

A atuação institucional também procura assegurar clareza nas regras, segurança jurídica e condições adequadas para a adaptação das cooperativas.

Reforma exige planejamento de longo prazo

A transição para o novo sistema tributário será gradual. A CBS passa a integrar a nova estrutura de cobrança em 2027, enquanto a substituição progressiva do ICMS e do ISS pelo IBS ocorrerá entre 2029 e 2032, com implantação integral prevista para 2033.

Até lá, cooperativas de diferentes ramos precisarão conviver com alterações legais, atualização de sistemas e procedimentos específicos de apuração.

Nesse cenário, a orientação técnica e a formação de profissionais assumem importância estratégica para preservar a sustentabilidade dos negócios.

Ao organizar capacitações e acompanhar a regulamentação, o Sistema Ocepar busca oferecer condições para que as cooperativas enfrentem a transição com maior segurança e capacidade de planejamento.

A experiência paranaense também evidencia um desafio nacional: preparar organizações de diferentes portes e segmentos para uma transformação tributária que alcança toda a cadeia econômica do cooperativismo.

wex 25 anos
CONECTANDO COOPERATIVAS

CONECTANDO O COOPERATIVISMO DO BRASIL E DO MUNDO AO FUTURO

Há **25 anos**, a **Wex** transforma conhecimento em desenvolvimento, conexões em oportunidades e experiências em resultados para o cooperativismo.

Desde 2001, construímos uma trajetória marcada pela excelência, inovação e compromisso com a evolução do setor cooperativo, tornando-nos uma das mais respeitadas referências em educação executiva, missões internacionais, eventos estratégicos e desenvolvimento de lideranças para cooperativas.

Ao longo dessa jornada, impactamos milhares de líderes, gestores e conselheiros, promovendo acesso aos mais avançados centros de conhecimento, universidades de classe mundial, organizações cooperativas de referência e ecossistemas globais de inovação.

+20.000 líderes e executivos capacitados

+1.000 programas realizados

+100.000 horas de conhecimento compartilhadas

+500 turmas e formações executivas

+200 missões internacionais realizadas

+5.000 participantes em imersões globais

QUEM VIVE NOVAS EXPERIÊNCIAS LIDERA NOVAS CONQUISTAS

Presença em mais de **50 países**, conectando cooperativas brasileiras às melhores práticas, tendências, tecnologias e modelos de gestão do mundo.

NOSSA ATUAÇÃO

Educação Executiva Internacional

Programas de alto impacto desenvolvidos em parceria com algumas das mais renomadas universidades e escolas de negócios do mundo.



Trinity College Dublin
Coláiste na Tríonóide, Baile Átha Cliath
The University of Dublin

Wharton
University of Pennsylvania

University of St.Gallen

IESE Business School
University of Navarra

Missões e Visitas Técnicas

Imersões em ecossistemas internacionais de tecnologia, transformação digital, liderança e futuro dos negócios.



Crédit Agricole

Raiffeisen BANK

中国供销合作社
CHINA CO-OP

Organização de Eventos

Congressos, fóruns, convenções e encontros estratégicos que impulsionam a transformação do cooperativismo.



CoopsParty

ICS International Coop Semiárido

Global Innovation Coop Summit

coopleader training

Wex BRASIL
Avenida do Contorno, 2905
Santa Efigênia -
Belo Horizonte MG
30110-915 Brasil

Wex PORTUGAL
Alameda Beloura
Edifício 4, Sala 2.3
2710-706 Sintra
Portugal

wex
connecting co-operatives

Wex.coop

Sistema Ocepar reúne cooperativas para debater saúde, segurança e condições de trabalho



A proteção da saúde dos trabalhadores e a prevenção dos riscos ocupacionais ganharam espaço na agenda do cooperativismo paranaense. Em 27 de outubro de 2026, o Sistema Ocepar reuniu mais de 130 profissionais e lideranças no Fórum de Saúde, Segurança e Relações do Trabalho das Cooperativas Paranaenses, realizado em Cascavel, no Oeste do Estado.

Promovido por meio da Federação e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Fecoopar), o encontro aconteceu na Casa Paraná Cooperativo, localizada no Parque Tecnológico Coopavel. A programação reuniu representantes dos ramos Agropecuário, Crédito, Saúde e Transporte, além de especialistas em legislação trabalhista, gestão de riscos e segurança.

O evento abordou as novas exigências relacionadas à saúde ocupacional, a importância da prevenção e os desafios enfrentados pelas cooperativas na administração de seus ambientes de trabalho.

Entre os principais assuntos estiveram as mudanças na Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1), a gestão dos riscos psicossociais, a utilização de indicadores de segurança e a responsabilidade dos dirigentes nas decisões administrativas.

Saúde mental passa a integrar a gestão de riscos

Um dos principais debates envolveu as atualizações da NR-1, norma que estabelece diretrizes para a segurança e a saúde no trabalho no Brasil.

O professor Marco Antônio César Villatore apresentou os aspectos jurídicos da regulamentação e seus impactos sobre as organizações.

A revisão da NR-1, que entrou em vigor em 26 de maio de 2026, incorporou expressamente os fatores de risco psicossociais relacionados ao trabalho ao Gerenciamento de Riscos Ocupacionais (GRO).

A mudança exige atenção a situações que podem afetar a saúde mental dos trabalhadores, como sobrecarga de tarefas, assédio, falta de apoio organizacional e condições inadequadas de trabalho.

Esses fatores precisam ser identificados e avaliados nos processos de gerenciamento de riscos, conforme as exigências aplicáveis às organizações.

A atualização amplia a importância da participação das equipes de recursos humanos, segurança do trabalho e direção das cooperativas na identificação e prevenção dos problemas.

A aplicação dos novos dispositivos também passou a ser discutida judicialmente. Em outubro, o Supremo Tribunal Federal conduzia um processo de conciliação sobre aspectos da regulamentação, enquanto órgãos federais buscavam construir entendimentos sobre sua implementação.

Prevenção depende da cultura organizacional

A programação também destacou que a segurança no trabalho não deve ficar restrita ao cumprimento formal das normas.

O especialista Jean Alexandre Correia Vieira apresentou a palestra Além da Norma: os Horizontes da Cultura Organizacional de Segurança do Trabalho, abordando a importância de incorporar a prevenção às atividades cotidianas.

A proposta envolve a participação de dirigentes, gestores e trabalhadores na identificação dos riscos e na adoção de procedimentos mais seguros.

Em cooperativas agroindustriais, por exemplo, as atividades podem envolver máquinas, equipamentos, movimentação de cargas e ambientes que exigem cuidados específicos.

Nas cooperativas de Transporte, os desafios incluem riscos associados à circulação de veículos, às operações logísticas e às condições de trabalho dos motoristas.

Já nas organizações de Saúde, a gestão de riscos abrange fatores biológicos, ergonômicos e psicossociais, além das condições necessárias para proteger trabalhadores e pacientes.

Embora as características variem entre os ramos, a prevenção depende de planejamento, informação e acompanhamento das condições de trabalho.

Indicadores ajudam a reduzir riscos

A relação entre prevenção, indicadores e resultados foi abordada pelo especialista Edivaldo Gregório, na palestra Da Gestão do FAP à Cultura de SST: Prevenção, Indicadores e Resultado.

O Fator Acidentário de Prevenção (FAP) é um mecanismo utilizado no cálculo da contribuição destinada ao financiamento dos benefícios decorrentes dos riscos ambientais do trabalho.

Seu resultado considera indicadores relacionados à frequência, à gravidade e ao custo dos acidentes e doenças ocupacionais.

O acompanhamento desses dados permite avaliar a ocorrência de afastamentos, identificar problemas recorrentes e orientar ações preventivas.

Para as cooperativas, a gestão dos indicadores também pode contribuir para o planejamento financeiro e a avaliação dos investimentos em saúde e segurança ocupacional.

Entretanto, a redução de custos depende de medidas efetivas de prevenção e de melhorias nas condições de trabalho, não apenas do acompanhamento estatístico.

Cooperativas compartilham experiências de segurança

O fórum reservou espaço para apresentar experiências desenvolvidas por cooperati-

vas paranaenses.

Representantes da Agrária, Aurora Coop e Castrolanda participaram da programação destinada à discussão de práticas de segurança e gestão de riscos.

O painel, denominado Cultura de Segurança na Prática: Experiências que Geram Resultado, foi organizado para estimular o compartilhamento de conhecimentos entre profissionais de diferentes organizações.

A iniciativa permite aproximar cooperativas que enfrentam desafios semelhantes, especialmente nas atividades industriais, agropecuárias e logísticas.

O intercâmbio de experiências representa uma oportunidade de fortalecer a intercooperação, aplicando o princípio cooperativista à melhoria dos procedimentos internos de segurança.

Segurança patrimonial amplia agenda de cooperação

Além da saúde ocupacional, o encontro incluiu a segurança patrimonial entre os temas prioritários.

A programação previu o lançamento do Grupo Integrado de Trabalho e Cooperação em Segurança Patrimonial das Cooperativas do Paraná.

A proposta busca estimular o intercâmbio de informações e experiências entre organizações que precisam proteger instalações, equipamentos, unidades produtivas e operações logísticas.

O assunto foi apresentado em um painel sobre novos riscos, inteligência e cooperação.

Também integrou a programação a palestra da advogada Tatiane Modelki, dedicada à responsabilidade pessoal dos gestores diante de decisões que envolvem riscos operacionais.

O debate reforça a importância de estabelecer procedimentos internos, definir responsabilidades e manter registros adequados das decisões administrativas.

A criação de espaços conjuntos para discutir esses assuntos pode contribuir para a adoção de práticas preventivas e o aperfeiçoa-



mento dos processos de governança.

Gestão de pessoas integra estratégia cooperativista

A discussão sobre saúde e segurança do trabalho está diretamente relacionada à qualidade da gestão das cooperativas.

Ambientes organizados, processos de prevenção e atenção às condições de trabalho influenciam o bem-estar das equipes e a continuidade das atividades econômicas.

Para organizações que atuam em segmentos tão diferentes como agroindústria, transporte, serviços financeiros e saúde, não existe uma solução única. Cada cooperativa precisa avaliar seus riscos e desenvolver medidas compatíveis com suas operações.

A realização do fórum demonstra a preocupação do Sistema Ocepar em reunir conhecimentos técnicos e promover o diálogo entre profissionais e dirigentes.

A iniciativa também aproxima a gestão de pessoas dos princípios cooperativistas, especialmente a valorização do trabalho, a responsabilidade coletiva e a formação permanente.

Ao reunir mais de 130 representantes, o encontro colocou em discussão questões que ultrapassam as exigências legais e alcançam a própria organização das atividades cooperativas.

O desafio das cooperativas será transformar essas orientações em práticas permanentes de prevenção, segurança e melhoria das condições de trabalho.

10 ANOS Comunicoop

GERENCIAMENTO DE
REDES SOCIAIS

Planejamento estratégico.
Conteúdo relevante.
Posicionamento digital.

Transformamos sua presença nas redes em autoridade para sua marca.

VAMOS CONVERSAR?

Sua marca merece ser vista.



FALE COM A COMUNICOOP E SAIBA MAIS!
WWW.COMUNICOOP.COM.BR (21) 99877-7735

Semana de Competitividade: cooperativismo gaúcho debate inovação, gestão e geração de oportunidades



Evento de 16 a 18 de novembro reúne nomes como Ronaldo Lemos, Rachel Maia e Bia Bottesi em Porto Alegre

Com mais de 500 inscritos, o Sistema Ocergs promoveu, entre 16 e 18 de novembro, a 2ª edição da Semana de Competitividade, no Centro de Eventos do BarraShoppingSul, em Porto Alegre. Consolidado como o maior encontro do cooperativismo gaúcho, o evento — voltado a dirigentes, gestores e técnicos de cooperativas — é dividido em dois grandes pilares: propósito e competitividade. O objetivo é impulsionar o setor, que já soma R$ 103 bilhões em faturamento, alcançando todos os municípios do estado.

Ao longo de três dias de imersão, o encontro traz à capital referências nacionais em tecnologia, mercado, liderança e governança, como o advogado Ronaldo Lemos; a fundadora da RM Cia 360, Rachel Maia; o fundador da Reserva, Rony Meisler; a diretora de marketing Bia Bottesi; o presidente da Docile, Ricardo Heineck; e o CEO do PH Advisory Group, Paulo Hermann, que assume a Secretaria da Agricultura do RS em janeiro.

Para o presidente do Sistema Ocergs, Darci Hartmann, a iniciativa reforça o papel institucional da entidade em preparar as cooperativas para os desafios contemporâneos, conectando eficiência de mercado com desenvolvimento regional.

"O cooperativismo gaúcho soma mais de 4,3 milhões de cooperados e tem um peso decisivo na economia e na vida das comunidades do Rio Grande do Sul. Nosso papel é justamente criar espaços estratégicos, como a Semana de Competitividade, para gerar novas oportunidades, qualificar os times e oferecer às nossas 375 cooperativas vinculadas as ferramentas necessárias para crescerem de forma inovadora, sustentável e ainda mais competitiva", destaca Hartmann.

Eixos temáticos

A programação de 2026 foi estruturada em plenárias magnas e três trilhas simultâneas de conhecimento, desenhadas para que cada participante direcione o aprendizado de acordo com o momento estratégico de sua cooperativa:

Trilha 1 – Conexão: pessoas que conectam, ideias que movimentam — debates sobre atratividade, retenção de talentos e integração com as comunidades.

Trilha 2 – Legado: o que fazemos hoje transforma o amanhã — foco em valores organizacionais, governança, mensuração de impacto e preservação.

Trilha 3 – Resultado: menos teoria, mais prática, mais resultado — soluções voltadas à eficiência operacional, produtividade e agregação de valor nos negócios.

Novo edital do Fundo Social

Além das discussões técnicas e das apresentações de soluções desenvolvidas pelo próprio Sistema Ocergs, o evento será palco de uma importante entrega. Na manhã de terça-feira (17), a partir das 9h30, a entidade lançará o novo edital do Fundo Social, iniciativa que destina recursos do Sescoop/RS para projetos de impacto socioambiental executados pelas cooperativas junto às comunidades gaúchas. Desde 2023, o Fundo já aportou R$ 11 milhões em ações de educação, saúde, cultura, geração de renda e meio ambiente.

Outros lançamentos estão previstos para a Semana: a apresentação oficial da nova pós-graduação em Liderança e Gestão Estratégica de Pessoas da Escola Superior do Cooperativismo (Escoop), com foco no interior do Rio Grande do Sul; e o novo edital para solicitação de palestras voltado às cooperativas registradas junto ao Sistema Ocergs. Os conteúdos abordam o desenvolvimento de competências de liderança, a ampliação da participação de mulheres e jovens nos espaços de governança e a preparação para os processos de sucessão cooperativista.

Nomes de destaque

- **Bia Bottesi (16/11, às 14h):** eleita Melhor Profissional de Marketing no Prêmio iBest 2025 e destaque no Forbes Top 10 CMO, aborda o tema "Pessoas, Propósito e Competências".
- **Paulo Hermann (16/11, às 15h45):** engenheiro agrícola, ex-presidente da John Deere Brasil e ex-CEO da FIERGS, conduz o painel "Estado, mercado e sociedade: desafios e oportunidades".
- **Rachel Maia (17/11, às 8h40):** referência executiva e conselheira em governança e inclusão, apresenta a plenária "Impacto Positivo: Estratégia e Valor".
- **Rony Meisler (17/11, às 14h10):** empreendedor reconhecido pela construção de marcas e cultura organizacional, debate "Transformações do mercado".
- **Ronaldo Lemos (18/11, às 10h30):** advogado, apresentador do Expresso Futuro e referência nacional em transformação digital, encerra as plenárias com a palestra "O líder para o futuro".

Cooperação que ensina e diverte



Aurora Coop e Fundação ALB mobilizam voluntários e reúnem 380 crianças em um dia de atividades educativas, lazer e convivência comunitária em Saltinho, no Oeste catarinense.

Por algumas horas, cadernos, livros didáticos e salas de aula dividiram espaço com brinquedos infláveis, música, pintura e jogos. Na terça-feira, 6 de outubro, 380 crianças da rede municipal de Saltinho, no Oeste de Santa Catarina, participaram de uma programação que transformou diversão em oportunidade de aprendizado.

A Ação Cooperada, promovida pela Aurora Coop e pela Fundação Aury Luiz Bodanese (ALB), reuniu estudantes da creche ao 5º ano, professores, familiares e moradores. Ao todo, cerca de 450 pessoas passaram pela Rua Coberta e pelo Centro Comunitário Municipal, onde as atividades ocorreram durante os turnos da manhã e da tarde.

Participaram alunos do Núcleo Escolar Saltinho, do Núcleo Escolar Vacum e da Creche Tia Floripa. Realizada em parceria com a Secretaria de Educação do município, a iniciativa aproximou o cooperativismo da comunidade escolar por meio da educação, do voluntariado e da convivência.

Aprender enquanto brinca

Entre as atrações estavam a Kombi Biblioteca Itinerante, brinquedos infláveis, pintura facial e oficinas de jujuba e de miçangas. As crianças também participaram de jogos educativos e acompanharam o filme "A Turminha da Reciclagem".

A proposta foi apresentar conceitos relacionados à sustentabilidade e à responsabilidade ambiental em uma linguagem acessível ao público infantil. Assim, leitura, cinema, jogos e pintura ajudaram a despertar a atenção dos estudantes para temas como reciclagem, cuidado com o ambiente e destinação correta dos resíduos.

A programação também contou com a distribuição de cachorro-quente, bebida láctea Aurora, refrigerante, pipoca e algodão-doce.

Para a diretora administrativa da Fundação ALB, Sonara Bergamo Ramos, ações como essa demonstram que o cooperativismo pode gerar resultados que vão além da atividade econômica.

"A Ação Cooperada mostra, na prática, como o voluntariado e o cooperativismo podem transformar um dia comum em uma experiência de aprendizado, convivência e alegria."

Segundo Sonara, a iniciativa também fortalece a parceria entre a cooperativa, o poder público e a comunidade escolar.

Voluntariado em ação

A realização das atividades mobilizou 16 voluntários da unidade da Aurora Coop de Maravilha. Eles auxiliaram na organização dos espaços, no atendimento às crianças e na condução das oficinas e brincadeiras.

O trabalho voluntário amplia a presença da cooperativa nas comunidades onde atua e transforma a participação dos colaboradores em uma ferramenta de desenvolvimento social. Ao mesmo tempo, permite que crianças e famílias conheçam, na prática, valores associados à cooperação, à solidariedade e à responsabilidade coletiva.

O secretário municipal de Educação de Saltinho, Elio Oldiges, avaliou que a programação ficará marcada na memória



dos estudantes.

"Foi um dia que, com certeza, se tornou inesquecível para as nossas crianças. Elas tiveram a oportunidade de brincar e desfrutar de tudo o que foi preparado. Queremos agradecer de coração a parceria com a Fundação Aury Luiz Bodanese e com a Aurora Coop."

Cooperativismo próximo da comunidade

A Fundação Aury Luiz Bodanese completou 18 anos em 2026. Seus projetos e programas socioambientais contam com a participação de mais de 4 mil voluntários da Aurora Coop nos estados onde a cooperativa mantém operações.

Com 57 anos de história, a Aurora Coop reúne 14 cooperativas agropecuárias filiadas, cerca de 150 mil famílias e mais de 50 mil colaboradores.

Em Saltinho, entretanto, a dimensão desse sistema cooperativo pôde ser percebida em uma experiência simples: crianças brincando, voluntários compartilhando conhecimento e a comunidade reunida em torno de um objetivo comum. Afinal, cooperar também significa criar oportunidades para aprender, conviver e construir um futuro mais sustentável.

Cooperativas catarinenses reforçam presença entre as maiores empresas do Brasil



O cooperativismo de Santa Catarina consolidou sua participação entre os grandes grupos empresariais brasileiros. Aurora Coop, Cooperalfa e Copercampos conquistaram posições no Ranking Valor 1000 de 2026, elaborado pelo jornal Valor Econômico. Juntas, as três cooperativas registraram receita líquida de aproximadamente R$ 38,86 bilhões, considerando os resultados financeiros de 2025.

O levantamento, divulgado pelo Sistema Ocesc em 29 de outubro, reúne as mil maiores empresas brasileiras e permite comparar o desempenho econômico de organizações de diferentes setores. As três cooperativas catarinenses aparecem entre as 300 primeiras colocadas, com atuação concentrada no agronegócio, na agroindústria e na produção de alimentos.

A presença no ranking acompanha a expansão do cooperativismo estadual, que encerrou 2025 com 237 cooperativas, 5,08 milhões de associados e 109,7 mil empregos diretos. No mesmo período, o faturamento do conjunto das organizações ultrapassou R$ 106,8 bilhões, segundo o Sistema Ocesc.

Aurora Coop mantém presença entre as maiores empresas nacionais

A Aurora Coop alcançou a 63ª posição nacional, com receita líquida de R$ 24,488 bilhões. O resultado coloca a cooperativa entre os maiores grupos brasileiros da indústria de alimentos e bebidas.

A organização reúne mais de 87 mil produtores rurais associados às cooperativas que integram seu sistema. Sua estrutura agroindustrial abrange diferentes etapas da cadeia produtiva, desde a produção no campo até o processamento e a comercialização de alimentos.

Para o presidente Neivor Canton, a posição alcançada reflete os investimentos realizados ao longo das últimas décadas, o aperfeiçoamento dos processos industriais e a expansão da atuação comercial no Brasil e no exterior.

O dirigente também atribui o desempenho ao trabalho conjunto dos produtores, colaboradores e cooperativas filiadas.

A participação da Aurora no ranking evidencia a capacidade das organizações cooperativas de reunir a produção de milhares de famílias rurais e desenvolver operações industriais em grande escala.

POSIÇÃO NACIONAL	COOPERATIVA	RECEITA LÍQUIDA EM 2026
63ª	Aurora Coop	R$ 24,488 bilhões
158ª	Cooperalfa	R$ 9,482 bilhões
277ª	Copercampos	R$ 4,894 bilhões
TOTAL = R$ 38,864 bilhões		

Cooperalfa avança duas posições

A Cooperalfa ocupa a 158ª posição entre as maiores empresas brasileiras, com receita líquida de R$ 9,482 bilhões. Em comparação com a edição anterior, a cooperativa avançou duas colocações.

O desempenho acompanha a diversificação das atividades da organização, que atua no fornecimento de insumos, na comercialização da produção agropecuária e em serviços destinados aos associados.

Segundo o presidente Romeo Bet, o reconhecimento decorre do trabalho desenvolvido por cooperados, colaboradores, dirigentes e parceiros.

A cooperativa também relaciona seus resultados à capacidade de atender às necessidades dos produtores, ampliar oportunidades econômicas e contribuir para o desenvolvimento das comunidades onde está presente.

O avanço no levantamento representa um indicador de sua dimensão econômica no cenário empresarial brasileiro.

Copercampos integra grupo das 300 maiores

A Copercampos aparece na 277ª posição nacional, com receitat líquida de R$ 4,894 bilhões.

A cooperativa desenvolve atividades ligadas à produção agropecuária, à comercialização de grãos, ao fornecimento de insumos e à prestação de serviços aos produtores associados.

Para o presidente Luiz Carlos Chiocca, a presença no ranking demonstra a importância da atuação conjunta dos cooperados, colaboradores e parceiros na construção dos resultados da organização.

A cooperativa destaca a gestão e a participação dos associados como fatores de desenvolvimento de suas atividades.

A classificação nacional também amplia a visibilidade da Copercampos no ambiente empresarial, especialmente em um setor marcado por concorrência, oscilações de preços e necessidade permanente de investimentos.

Desenvolvimento econômico e participação dos associados

A classificação das cooperativas catarinenses no Valor 1000 também oferece uma perspectiva sobre o papel dos empreendimentos coletivos no desenvolvimento regional.

Diferentemente das empresas organizadas em torno de investidores convencionais, as cooperativas pertencem aos seus associados, que participam de sua governança e das decisões sobre os rumos do empreendimento.

No agronegócio, esse modelo permite reunir a produção de agricultores e pecuaristas, compartilhar estruturas de armazenamento e processamento e ampliar o acesso aos mercados.

A atuação conjunta também proporciona condições para investimentos em tecnologia, qualificação profissional e modernização das atividades produtivas.

Entretanto, o crescimento da receita não representa, isoladamente, aumento da rentabilidade ou da renda dos cooperados. Esses resultados dependem de outros indicadores, como custos operacionais, sobras, investimentos e desempenho das atividades econômicas.

Resultados ampliam visibilidade do modelo cooperativista

Para o Sistema Ocesc, a presença da Aurora Coop, Cooperalfa e Copercampos entre as maiores empresas do Brasil evidencia a importância econômica das cooperativas catarinenses.

As três organizações representam diferentes trajetórias de desenvolvimento, mas compartilham a característica de atuar por meio da associação de produtores e da gestão coletiva dos empreendimentos.

O desempenho registrado no Valor 1000 reforça a participação do cooperativismo na economia nacional e demonstra sua presença em cadeias produtivas relevantes para o abastecimento interno e as exportações brasileiras.

Ao mesmo tempo, os números mostram a dimensão alcançada por organizações que nasceram da necessidade de produtores atuarem conjuntamente para superar dificuldades de comercialização, produção e acesso a serviços.

A presença entre as maiores empresas do país representa, assim, mais um indicador da dimensão econômica do cooperativismo catarinense e de sua capacidade de integrar a produção rural à atividade empresarial.



Vanir Zanatta
Presidente do Sistema OCESC

Opinião

Quem vai ganhar com a redução da jornada?



A proposta de extinção da escala de trabalho 6×1, em discussão no Congresso Nacional, suscita preocupações que transcendem as relações trabalhistas. Seus efeitos poderão alcançar toda a economia brasileira, comprometer a competitividade das empresas, pressionar os preços de produtos e serviços e elevar o custo de vida da população. A legítima aspiração por melhores condições de trabalho não pode prescindir de uma avaliação criteriosa de suas consequências econômicas e sociais.

Levantamento realizado pela Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina (OCESC) dimensiona a gravidade desse cenário. A redução da jornada semanal de 44 para 40 ou 36 horas, sem diminuição proporcional dos salários, imporá custos adicionais expressivos às cooperativas catarinenses e poderá comprometer sua capacidade produtiva.

Atualmente, o cooperativismo estadual emprega diretamente 102.402 trabalhadores. Para preservar as operações com jornada de 40 horas semanais, seriam necessárias 12.394 contratações adicionais, ao custo estimado de R$ 74,3 milhões mensais, ou R$ 892,4 milhões anuais. Na hipótese de redução para 36 horas, a necessidade alcançaria 26.664 novos empregados, com despesas de aproximadamente R$ 160 milhões mensais, equivalentes a R$ 1,92 bilhão por ano.

A alternativa tampouco oferece perspectivas tranquilizadoras. Sem a recomposição dos quadros funcionais, o levantamento da OCESC projeta perdas anuais de R$ 10,8 bilhões no faturamento das cooperativas. Somente o ramo agropecuário responderia por R$ 9,2 bilhões desse montante, seguido pelos segmentos de crédito e saúde.

Existe, entretanto, um obstáculo adicional: a escassez de trabalhadores. Santa Catarina registrou desemprego de apenas 2,3% em 2025, condição próxima do pleno emprego. A contratação de milhares de profissionais, especialmente para atividades industriais, agropecuárias e serviços essenciais, constitui um desafio que nenhuma disposição legislativa será capaz de resolver por decreto.

O problema ultrapassa as fronteiras do cooperativismo. Indústrias, estabelecimentos comerciais, hospitais, transportadoras, propriedades rurais e prestadores de serviços enfrentarão dificuldades semelhantes. Atividades que exigem funcionamento contínuo serão particularmente afetadas, com riscos de redução da oferta, interrupções operacionais e deterioração dos resultados.

Há uma consequência especialmente preocupante: o encarecimento generalizado da economia. A manutenção dos salários com menor número de horas trabalhadas elevará o custo da hora de trabalho. Sem ganhos equivalentes de produtividade, parte dessa despesa poderá ser transferida aos preços finais. Alimentos, transportes, serviços de saúde e inúmeros bens de consumo tenderão a ficar mais caros. A população, inclusive os próprios trabalhadores beneficiados pela mudança, poderá pagar essa conta.

Outra ameaça reside no estímulo à informalidade. O aumento dos encargos associados ao emprego formal poderá desestimular contratações, sobretudo nas pequenas empresas, com prejuízos à proteção social e à arrecadação previdenciária.

O Brasil já convive com produtividade insuficiente, infraestrutura deficiente, elevada carga tributária, excesso de regulamentação e insegurança jurídica. Acrescentar novas obrigações sem considerar essas limitações significa agravar o chamado custo Brasil e enfraquecer nossa posição nos mercados internacionais.

Não se trata de negar a necessidade de aperfeiçoar as relações de trabalho ou de desconsiderar os benefícios do descanso e da qualidade de vida. Trata-se de reconhecer que direitos sociais duradouros dependem de uma economia capaz de sustentá-los. Mudanças dessa magnitude exigem estudos setoriais, diálogo institucional, avaliação dos impactos e mecanismos de transição compatíveis com a realidade produtiva.

A negociação coletiva, conduzida pelas representações legítimas de empregados e empregadores, oferece alternativas mais flexíveis e adequadas às particularidades de cada atividade, preservados os direitos fundamentais.

O Congresso Nacional tem a responsabilidade de examinar essa matéria com independência, prudência e rigor técnico, sem subordinar decisões estruturais às conveniências eleitorais. O progresso social não se constrói à margem da realidade econômica. Uma legislação concebida para beneficiar o trabalhador não pode, paradoxalmente, ameaçar seu emprego, encarecer sua subsistência e comprometer a prosperidade nacional.

Nota editorial: Os R$ 10,8 bilhões representam uma projeção de perda anual de faturamento caso não ocorram novas contratações, e não um custo adicional direto. Os valores de contratação correspondem a cenários alternativos de 40 e 36 horas semanais. O artigo preserva essa distinção para conferir precisão ao posicionamento institucional. A taxa de desemprego de 2,3% foi confirmada pelo IBGE.

Cooperativa de artesãos do Agreste pernambucano busca expansão com apoio do Sistema OCB/PE



A produção artesanal de couro e aço, atividade que integra a economia de Cachoeirinha, no Agreste pernambucano, também encontra no cooperativismo uma forma de organização econômica. Com mais de 400 associados, a Cooacal busca ampliar suas oportunidades comerciais e aperfeiçoar sua estrutura administrativa. Para conhecer essas demandas, o presidente do Sistema OCB/PE, Malaquias Ancelmo de Oliveira, visitou a cooperativa em 28 de outubro de 2026.

Durante o encontro, o presidente da Cooacal, Manoel Leão, apresentou as atividades desenvolvidas pelos cooperados, o potencial do mercado local e os desafios para a expansão do empreendimento.

A reunião também permitiu identificar necessidades relacionadas à organização institucional. Entre elas está a revisão do estatuto social, para a qual os dirigentes solicitaram apoio do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo em Pernambuco (Sescoop/PE).

A visita integra as ações de aproximação do Sistema OCB/PE com cooperativas do interior do estado, buscando conhecer suas particularidades e oferecer soluções de formação e desenvolvimento organizacional.

Artesanato reúne tradição produtiva e organização coletiva

A Cooacal atua em um segmento relacionado à identidade econômica e cultural de Cachoeirinha: a produção artesanal de artigos em couro e aço.

A atividade exige conhecimentos técnicos específicos e envolve diferentes etapas de fabricação, acabamento e comercialização.

Ao reunir mais de 400 associados, a cooperativa constitui uma estrutura coletiva para trabalhadores que desenvolvem suas atividades no setor artesanal.

O modelo cooperativista permite organizar interesses comuns, compartilhar conhecimentos e buscar soluções conjuntas para dificuldades relacionadas à gestão e ao acesso ao mercado.

Entretanto, o crescimento do empreendimento depende de condições comerciais, planejamento e capacidade de atender às necessidades dos compradores.

Esses desafios foram apresentados pela direção da Cooacal durante a visita institucional.

O presidente Manoel Leão destacou o potencial do mercado local e a necessidade de ampliar as oportunidades de desenvolvimento da cooperativa.

Sistema OCB/PE oferece apoio à gestão

Além de conhecer as demandas, o presidente Malaquias Ancelmo apresentou aos dirigentes da Cooacal os serviços e programas disponíveis no Sistema OCB/PE.

Entre as soluções mencionadas estão o ProcontCoop, voltado à qualificação de profissionais da contabilidade, e o Coopcom, direcionado ao desenvolvimento da comunicação cooperativista.

O atendimento nessas áreas pode contribuir para que a organização desenvolva procedimentos administrativos mais estruturados e aprimore seu relacionamento com associados e consumidores.

A formação contábil é particularmente importante para a manutenção de registros adequados, o cumprimento das obrigações legais e a prestação de contas.

Já a comunicação pode auxiliar na divulgação da produção artesanal, no fortalecimento da identidade institucional e na aproximação com novos públicos.

A apresentação dos programas representa uma etapa de orientação. A utilização das soluções dependerá das necessidades identificadas e das ações posteriormente desenvolvidas pela cooperativa.

Diagnóstico Identidade aponta oportunidades de melhoria

Antes da visita, a Cooacal havia recebido atendimento no âmbito do Diagnóstico Identidade, instrumento utilizado pelo Sistema OCB para avaliar aspectos relacionados à conformidade legal e à identidade das organizações cooperativas.

O procedimento permite examinar elementos da estrutura institucional e identificar pontos que necessitam de aperfeiçoamento.

Entre os aspectos relevantes para a gestão estão a regularidade documental, as atribuições dos órgãos de administração e fiscalização e os procedimentos de participação dos associados.

No caso da Cooacal, a necessidade de revisão do estatuto foi apresentada pelos próprios dirigentes durante a reunião.

O estatuto social estabelece regras fundamentais para o funcionamento de uma cooperativa, incluindo direitos e deveres dos associados, composição dos órgãos de administração e procedimentos de deliberação.

Sua atualização pode contribuir para adequar a estrutura organizacional às necessidades do empreendimento, observadas as exigências legais e as decisões dos cooperados.

O Sistema OCB/PE não divulgou, na notícia consultada, os resultados detalhados do diagnóstico nem um cronograma para a revisão estatutária.

Comunicação e comercialização integram desafios A expansão comercial representa uma das preocupações da cooperativa pernambucana.

Para organizações que reúnem artesãos, a divulgação dos produtos e a identificação de compradores são atividades importantes para ampliar as oportunidades de geração de renda.

A atuação coletiva pode facilitar a participação em eventos, a organização de ca-

nais de venda e o estabelecimento de contatos comerciais.

Ao mesmo tempo, o crescimento exige atenção à qualidade, ao planejamento da produção e à capacidade de atender às encomendas.

A apresentação do programa Coopcom durante a visita indica que a comunicação também foi incluída entre as possibilidades de apoio institucional à Cooacal.

O desenvolvimento de estratégias nessa área poderá contribuir para dar maior visibilidade aos produtos dos associados e fortalecer a presença da cooperativa no mercado.

A notícia oficial, entretanto, não informa novos contratos comerciais nem resultados financeiros decorrentes das iniciativas discutidas.

Interiorização aproxima entidade das cooperativas

A visita à Cooacal faz parte de uma agenda mais ampla do Sistema OCB/PE de aproximação com cooperativas do Agreste pernambucano.

Em 23 de outubro, o presidente Malaquias Ancelmo já havia participado de atividades institucionais na região, incluindo visitas a organizações de diferentes municípios.

Entre elas estavam a Coopeca e a Cooperativa de Ensino Monte Carmelo, em Camocim de São Félix, além da Coopeafa, em São Bento do Una.

As agendas permitiram conhecer atividades produtivas, ouvir dirigentes e apresentar instrumentos de apoio ao desenvolvimento cooperativo.

Durante a passagem por Cachoeirinha, o presidente do Sistema OCB/PE também participou do programa Couraço, da Rádio FM 104,9, onde abordou a história do cooperativismo, seus diferentes ramos e aspectos da legislação aplicável às sociedades cooperativas.

A presença em meios de comunicação locais complementa o trabalho de orientação institucional e divulgação do modelo cooperativista.

COOACAL
COOPERATIVA DOS ARTESÃOS DO COURO E AÇO DE CACHOEIRINHA
Fone: 81 3742 1158

Cooperativismo como instrumento de desenvolvimento local

A experiência da Cooacal demonstra a presença do cooperativismo em atividades econômicas ligadas à produção artesanal e às tradições regionais.

Com mais de 400 associados, a organização reúne trabalhadores que buscam desenvolver suas atividades por meio de uma estrutura coletiva.

O apoio institucional do Sistema OCB/PE poderá contribuir para o aprimoramento da governança, da gestão contábil e da comunicação, conforme as necessidades identificadas pela cooperativa.

A revisão do estatuto e a utilização de instrumentos de diagnóstico representam oportunidades de aperfeiçoar os procedimentos internos.

Ao mesmo tempo, a expansão comercial continua sendo um desafio para a organização, especialmente na busca de novos compradores e na valorização dos produtos artesanais.

A visita do Sistema OCB/PE coloca essas questões na agenda de acompanhamento da entidade e abre possibilidades de cooperação técnica com os dirigentes.

Para a Cooacal, o próximo passo será transformar as orientações recebidas em iniciativas capazes de fortalecer sua estrutura administrativa e ampliar as oportunidades econômicas dos associados.

Sistema OCB/PB capacita cooperativas em planejamento de marketing digital



Uma comunicação mais assertiva e eficiente começa com planejamento. Com esse propósito, o Sistema OCB/PB promoveu, na última sexta-feira (23), o curso Planejamento e Estratégia de Marketing Digital, voltado à preparação das cooperativas para o planejamento de suas ações de comunicação em 2027.

A formação reuniu profissionais de Comunicação e Marketing de 12 cooperativas paraibanas. A abertura contou com a participação do presidente executivo do Sistema OCB/PB, André Pacelli; do superintendente da entidade, Pedro D'Albuquerque; e da gerente de Desenvolvimento de Cooperativas, Ana Margarida Formiga.

O curso foi coordenado pela analista de Comunicação do Sistema OCB/PB, Ana Teixeira, e ministrado pelo consultor de Marketing Digital e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo, professor Williams Cuccovia. Foram abordados temas como análise de cenários, definição de objetivos, métricas e metas, além de estratégias para orientar o planejamento da comunicação digital das cooperativas.

"Aqui na OCB/PB, a gente está fazendo um grande treinamento de análise de macroambiente, de microambiente e de objetivos, além de identificar quais são os KPIs que vão ajudar as cooperativas a alcançar suas metas na comunicação digital", explicou Williams Cuccovia.

Para a assistente de Marketing da Unimed Campina Grande, Laura Almeida, a formação representou uma oportunidade de ampliar conhecimentos. "A gente aprendeu um pouco mais sobre planejamento e estratégia digital, já que o mundo está cada vez mais conectado. Este momento é muito importante para criar laços, mas também para aprender como podemos colocar nossa cooperativa no mercado digital", afirmou.

Comunica Mais

A iniciativa integra o Programa Comunica Mais, desenvolvido pelo Sistema OCB/PB para fortalecer a comunicação das cooperativas por meio da capacitação de seus profissionais e do apoio à estruturação de estratégias de comunicação mais assertivas, eficientes e alinhadas aos objetivos de cada organização.

Como próxima etapa, as cooperativas participantes contarão com mentorias práticas, que vão apoiar a construção e a implementação de seus planos de comunicação para 2027.

Sistema OCERN participa do WCM 2026 com destaque para a inovação potiguar

O Sistema OCERN encerrou sua participação no World Coop Management (WCM) 2026 com uma agenda de aprendizado, troca de experiências e aproximação entre cooperativas. Realizado nos dias 19 e 20 de outubro, em Belo Horizonte (MG), o encontro reuniu lideranças para debater gestão, inovação e os desafios do cooperativismo.

A delegação potiguar contou com 50 participantes, representando 31 cooperativas do Rio Grande do Norte. Ao longo dos dois dias, o grupo acompanhou palestras, painéis e apresentações de soluções, ampliando o contato com experiências de diferentes regiões do país.

Entre os destaques esteve a participação do presidente do Sistema OCERN, Eduardo Gatto, em um painel no qual compartilhou experiências do cooperativismo potiguar e apresentou a atuação da instituição. A exposição abordou o momento vivido pelo setor no estado, marcado pela maior proximidade do Sistema com as cooperativas, pelo estímulo à intercooperação e pelo fortalecimento dos negócios cooperativos.



Tecnologia desenvolvida no RN ganha visibilidade

A inovação potiguar também esteve representada pelo SIC — Sistema Integrado de Cooperativas —, apresentado por Alexandre Gomes, presidente da Coopedu, no espaço Coop Tech Summit.

A solução integra processos, automatiza tarefas e reúne informações da cooperativa em um só ambiente. Sua proposta é reduzir o tempo dedicado a controles manuais e proporcionar mais agilidade para acompanhar resultados e apoiar a tomada de decisões.

O SIC também contou com um estande organizado pela Coopedu em parceria com o Sistema OCERN. O espaço permitiu apresentar a ferramenta aos participantes e estabelecer contatos com cooperativas interessadas em aprimorar seus processos de gestão.

Durante o evento, Alexandre Gomes também participou da gravação de um vídeo sobre o case para o InovaCoop, iniciativa do Sistema OCB voltada ao desenvolvimento da inovação no cooperativismo. O conteúdo integra uma série de registros de experiências que serão divulgados nos canais da plataforma.

Reconhecimento à capacitação

A delegação contou ainda com os vencedores do ReconheceCoop, iniciativa do Sistema OCERN que premiou os participantes que mais realizaram e concluíram vcursos na plataforma CapacitaCoop.

A presença no WCM ampliou as oportunidades de formação dos vencedores, permitindo o contato com debates sobre liderança, estratégia e inovação, além da troca de conhecimentos com representantes de outras cooperativas.

A participação no encontro integra o trabalho do Sistema OCERN de apoiar o desenvolvimento das cooperativas potiguares. As experiências e os contatos estabelecidos durante a programação podem contribuir para novas parcerias e para o aprimoramento das práticas de gestão no estado.

Com patrocínio do Sistema OCB/CE, EXPOLOG 2026 terá palestra magna de Marcos Troyjo na abertura

O Sistema OCB/CE é um dos patrocinadores da 21ª EXPOLOG – Feira Internacional de Logística, que será realizada nos dias 23 e 24 de novembro de 2026, no Centro de Eventos do Ceará, em Fortaleza. Considerada um dos principais encontros do setor logístico no Brasil, a feira reunirá empresas, especialistas, lideranças e representantes de diferentes segmentos econômicos para debater oportunidades de negócios, infraestrutura, tecnologia e comércio exterior.

Um dos destaques da programação será a palestra magna de abertura, no dia 23 de novembro, com o economista, diplomata e escritor Marcos Troyjo, ex-presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), conhecido como Banco dos BRICS. A apresentação integrará a solenidade oficial de abertura, prevista para acontecer das 10h às 12h, no Pavilhão Leste do Centro de Eventos.

Com experiência em diplomacia econômica, comércio internacional e instituições financeiras multilaterais, Troyjo abordará as transformações da economia global, os fluxos de investimentos, o avanço das tecnologias e seus impactos sobre as cadeias logísticas. A palestra também discutirá os desafios e as oportunidades para a economia brasileira diante das mudanças no cenário geopolítico internacional.

Cooperativismo e desenvolvimento econômico

O patrocínio do Sistema OCB/CE à EXPOLOG 2026 reforça a presença do cooperativismo cearense em espaços estratégicos de discussão sobre o desenvolvimento econômico, a competitividade empresarial e a integração das cadeias produtivas.

A logística tem relação direta com a atuação das cooperativas, especialmente nos segmentos de transporte, produção agropecuária e comercialização. O aprimoramento da infraestrutura, a adoção de novas tecnologias e a ampliação das conexões comerciais representam oportunidades para fortalecer a atividade cooperativista e facilitar o acesso a mercados.

Com debates sobre logística inteligente, multimodalidade, inteligência artificial e resiliência geopolítica, a EXPOLOG 2026 contará com seminários, palestras, exposição de empresas, rodadas de negócios, reuniões setoriais e espaços voltados à inovação. A programação contempla discussões sobre transporte multimodal, infraestrutura portuária, comércio exterior, agronegócio e transformação tecnológica.



A participação do cooperativismo também estará presente na programação técnica. No dia 24 de novembro, às 10h, no Palco B, estão previstas as participações de Evaldo Matos, coordenador nacional do Ramo Transporte da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), e Tiago de Barros Freitas, analista técnico e econômico da OCB Nacional.

Programação de abertura e inscrições

A programação do primeiro dia terá início às 9h, com abertura da feira, visitação aos espaços de exposição e atividades de networking. Das 10h às 12h, serão realizadas a solenidade oficial de abertura e a palestra magna de Marcos Troyjo.

A EXPOLOG 2026 acontece no Pavilhão Leste do Centro de Eventos do Ceará, com acesso pelo Portão D, na Avenida Washington Soares, 999, bairro Edson Queiroz, em Fortaleza.

As inscrições podem ser realizadas pelo site oficial da EXPOLOG: www.feiraexpolog.com.br. O Sistema OCB/CE convida dirigentes, cooperados, colaboradores e representantes das cooperativas cearenses a participarem da programação e aproveitarem as oportunidades de conhecimento, relacionamento e geração de negócios oferecidas pelo evento.

A EXPOLOG 2026 é realizada pela Prática Eventos, com promoção do Diário do Nordeste, Instituto Future e SETCARCE, correalização da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Portugal no Ceará e patrocínio do Sistema OCB/CE.

Cooperativas alagoanas levam a qualidade e a diversidade de produtos e serviços à Expoagro 2026

O Sescoop/AL mobiliza cooperativas alagoanas para apresentar ao público produtos e serviços que refletem a força e a capacidade produtiva do cooperativismo no estado. No estande SomosCoop, 20 cooperativas têm a oportunidade de divulgar suas marcas, comercializar produtos e ampliar conexões com consumidores e potenciais parceiros de negócios. A iniciativa é promovida pelo Sescoop/AL por meio da solução NegóciosCoop, que busca ampliar o acesso a mercados e gerar oportunidades comerciais para os empreendimentos cooperativos. A Expoagro Alagoas 2026 acontece de 23 de outubro a 1º de novembro, no Parque de Exposições José da Silva Nogueira, em Maceió.



Após a estreia do estande SomosCoop na Expoagro, em 2025, quando 14 cooperativas participaram da iniciativa, a edição deste ano amplia a presença do movimento cooperativista no evento, fortalecendo a conexão entre as cooperativas, os consumidores e o mercado.

O espaço apresenta a diversidade do cooperativismo alagoano por meio de produtos como leite pasteurizado, manteiga, iogurtes, pipoca, biscoitos, produtos à base de coco, mel, geleias, polpas de frutas, massas de mandioca, farinha, arroz, ovos, queijos e outros itens da produção cooperativista. Os visitantes também encontram o caldinho de sururu ampliando a experiência gastronômica oferecida no estande.

Além dos alimentos e produtos da agricultura familiar, o espaço contempla diferentes segmentos do cooperativismo. O Sicoob Leste apresenta suas soluções e serviços financeiros, enquanto a Unimed Maceió e a Uniodonto Maceió representam o segmento de saúde. O público também poderá conhecer o artesanato da Cooperartban, que evidencia a criatividade, a identidade cultural e o trabalho coletivo presentes na produção artesanal cooperativista.

Além da exposição, degustação e comercialização de produtos, a programação contará com uma cozinha show, com o preparo de receitas ao vivo utilizando produtos das cooperativas participantes. A iniciativa aproxima o público da produção cooperativista e demonstra, na prática, as possibilidades de utilização dos ingredientes, valorizando seus sabores e incentivando o consumo de produtos locais.

NegóciosCoop

A participação na Expoagro representa uma oportunidade para as cooperativas ampliarem a visibilidade de suas marcas, apresentarem seus produtos e serviços a novos públicos e estabelecerem conexões comerciais. A iniciativa integra as ações do Sescoop/AL voltadas ao fortalecimento da competitividade das cooperativas, por meio do NegóciosCoop, solução que busca apoiar os empreendimentos cooperativos na ampliação de mercados, no desenvolvimento comercial e na identificação de novas oportunidades de negócios.

Feiras e eventos estratégicos aproximam as cooperativas de potenciais compradores, fortalecem redes de relacionamento e ampliam a visibilidade dos produtos e serviços do cooperativismo alagoano. Além de viabilizar espaços de exposição e comercialização, o Sescoop/AL investe na capacitação das equipes, preparando-as para aprimorar a gestão comercial, qualificar o atendimento e transformar oportunidades de mercado em resultados para as cooperativas.

"A Expoagro é uma oportunidade estratégica para que as cooperativas apresentem seus produtos e serviços, fortaleçam suas marcas e se aproximem de novos mercados. Mas nosso trabalho vai além de garantir esse espaço de exposição. O Sescoop/AL também atua na capacitação das equipes, preparando os profissionais para aprimorar a gestão comercial, atender melhor os clientes e aproveitar as oportunidades de negócio. Queremos que essa participação gere resultados concretos e contribua para o crescimento sustentável das cooperativas", destaca Adalberon Sá Júnior, superintendente do Sescoop/AL.

Temos diversas opções de
seguros para você e para sua família!



- Seguro residencial
- Seguro de vida
- Seguro viagem
- Seguro auto
- Seguro empresarial
- Seguro moto
- Consórcios de auto e imóveis
- Financiamento de veículos

www.credconsult.com.br
credconsultseguros

Fale com um de **nossos corretores**

CRED CONSULT
CORRETORA DE SEGUROS

PARCEIRA EXCLUSIVA DA OTC EM SEGUROS
onde tem coop

(83) 99399-9367

Cooperativa de Rondônia integra pesquisa científica para desenvolver mineração responsável na Amazônia

A mineração cooperativa de Rondônia participa de uma iniciativa que aproxima pesquisadores, instituições e trabalhadores da atividade mineral para desenvolver práticas responsáveis na Amazônia. Entre 19 e 23 de outubro de 2026, a Cooperativa Estanífera de Mineradores da Amazônia Legal (CEMAL) recebeu a segunda etapa de estudos ambientais do projeto CRAFTing do Estanho, na região de Massangana, município de Monte Negro.



A pesquisa é desenvolvida com participação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e de instituições parceiras. O Sistema OCB/RO prestou apoio logístico à equipe científica, contribuindo para a realização das atividades de campo.

Durante a visita, os pesquisadores utilizaram drones para mapear a região e realizaram coleta e leitura de amostras de água. Os procedimentos integram o levantamento das condições ambientais da área onde ocorre a atividade mineral.

A iniciativa busca reunir informações técnicas para orientar práticas de mineração que considerem a proteção ambiental, a segurança dos trabalhadores, a governança e as condições de desenvolvimento das comunidades envolvidas.

Ciência e cooperativismo na produção de estanho

A equipe responsável pela segunda etapa da visita técnica contou com os professores Jerusa Schneider e Lindon Fonseca, vinculados ao Instituto de Geociências da Unicamp.

O trabalho envolve o levantamento de informações sobre as características da área de mineração e as condições ambientais relacionadas à extração do minério.

O uso de drones permite observar aspectos do território e produzir registros que poderão auxiliar o acompanhamento das atividades. Já as amostras de água fornecem material para estudos técnicos sobre as condições ambientais da região.

Os dados deverão contribuir para identificar riscos e oportunidades de melhoria nas operações minerais.

A pesquisa integra um processo mais amplo de aproximação entre a produção cooperativa e o conhecimento científico, com atenção às particularidades da mineração artesanal e de pequena escala.

Nesta etapa, os pesquisadores realizaram procedimentos de campo. Os resultados das análises ainda não foram apresentados publicamente, razão pela qual não é possível afirmar que tenham ocorrido melhorias ambientais mensuráveis.

Projeto internacional busca aprimorar cadeia produtiva

O CRAFTing do Estanho foi lançado em dezembro de 2024, em Ariquemes, como parte de uma iniciativa coordenada pela Unicamp em parceria com a Aliança para Mineração Responsável (ARM).

O projeto utiliza como referência o Código CRAFT, instrumento internacional voltado à avaliação e ao aprimoramento das práticas de mineração artesanal e de pequena escala.

A metodologia contempla aspectos como formalização, segurança no trabalho, proteção ambiental, direitos humanos, rastreabilidade e gestão de riscos.

Um dos objetivos é adaptar esses critérios às características da cadeia produtiva do estanho na Amazônia brasileira, considerando as dificuldades e as necessidades das organizações envolvidas.

A proposta também prevê o acompanhamento de diferentes etapas da produção mineral, desde a extração até a comercialização, para identificar procedimentos que possam ser aperfeiçoados.

Além dos estudos ambientais, o projeto contempla capacitação técnica, desenvolvimento de instrumentos de monitoramento e mecanismos destinados a ampliar a transparência da origem do minério.

A iniciativa possui financiamento internacional e vigência prevista até abril de 2027, conforme acordo registrado pela Unicamp.

Sistema OCB/RO articula instituições e cooperativas A participação do Sistema OCB/RO é um dos elementos centrais da iniciativa.

A entidade atua na aproximação das organizações cooperativas com instituições de pesquisa e parceiros técnicos, além de prestar apoio às atividades desenvolvidas no estado.

Desde o lançamento do projeto, a organização vem acompanhando ações voltadas à qualificação da mineração cooperativa, especialmente em aspectos relacionados à governança, à responsabilidade ambiental e à organização da produção.

A atuação institucional busca facilitar o acesso das cooperativas a conhecimentos especializados que nem sempre estão disponíveis em suas estruturas administrativas.

Em dezembro de 2024, o lançamento do CRAFTing do Estanho reuniu representantes de cooperativas minerais, pesquisadores, instituições públicas e organizações ligadas ao desenvolvimento regional.

Entre as participantes estavam a Cooperativa dos Garimpeiros de Santa Cruz (Coopersanta) e a Cooperativa Metalúrgica de Rondônia (Coopermetal), organizações contempladas nas atividades iniciais.

A participação posterior da CEMAL amplia o alcance das ações de campo e permite observar outras realidades da mineração cooperativista no estado.

Rastreabilidade e acesso a mercados

Outro aspecto relevante do projeto envolve a rastreabilidade da produção mineral.

O objetivo é desenvolver procedimentos capazes de fornecer informações sobre a origem da cassiterita, minério utilizado na produção de estanho.

A rastreabilidade pode contribuir para que compradores identifiquem a procedência do material e avaliem sua conformidade com critérios ambientais, sociais e comerciais.

Essa questão ganha importância em cadeias produtivas que atendem mercados com exigências relacionadas à origem responsável das matérias-primas.

Para as cooperativas, o aperfeiçoamento dos registros de produção, dos controles administrativos e dos procedimentos de comercialização pode representar uma oportunidade de qualificação das operações.

Entretanto, a adoção de sistemas de rastreabilidade não garante, isoladamente, certificação, abertura de mercados ou aumento dos preços recebidos pelos produtores.

Esses resultados dependerão da implementação dos mecanismos, do cumprimento dos critérios exigidos e do interesse dos compradores.

Desenvolvimento regional e responsabilidade ambiental

Rondônia possui uma cadeia produtiva de estanho relevante para a mineração brasileira, especialmente na região de Ariquemes.

Nesse contexto, o cooperativismo reúne trabalhadores em organizações que podem desenvolver estruturas compartilhadas de gestão, comercialização e qualificação técnica.

A pesquisa realizada na CEMAL procura contribuir para o conhecimento das condições ambientais das áreas de extração, oferecendo elementos que poderão orientar decisões futuras.

A iniciativa também demonstra a importância da participação de universidades na busca de soluções para atividades produtivas que enfrentam desafios ambientais e econômicos.

Ao apoiar os pesquisadores e aproximá-los das cooperativas, o Sistema OCB/RO contribui para estabelecer um ambiente de cooperação entre a atividade mineral e a produção de conhecimento científico.

Os próximos resultados dependerão das análises ambientais, da continuidade do acompanhamento técnico e da aplicação das recomendações que venham a ser produzidas.

A experiência desenvolvida em Rondônia poderá fornecer referências para outras cooperativas minerais, especialmente se os estudos resultarem em procedimentos verificáveis de melhoria da gestão, redução de riscos e responsabilidade socioambiental.

Do território ao mercado: como o cooperativismo transforma o potencial do Pará em oportunidades reais



O Pará tem território, diversidade produtiva e pessoas que movimentam a economia todos os dias. Mas transformar esse potencial em negócios sustentáveis, renda e novas oportunidades exige superar desafios que vão além da capacidade de produzir. Em um estado de grandes distâncias, conectar produtores a mercados, acesso ao crédito por meio das cooperativas financeiras, ampliar a infraestrutura e agregar valor à produção, são etapas fundamentais para que o desenvolvimento alcance diferentes regiões. Nesse cenário, o cooperativismo se apresenta como um caminho para transformar iniciativas individuais em força coletiva e ampliar as possibilidades de crescimento.

Os indicadores mais recentes do AnuárioCoop 2026, referentes ao ano-base 2025, ajudam a dimensionar a relevância do setor que reúne 506,2 mil cooperados, representa 11% do PIB e gera 5,4 mil empregos diretos. Os números mostram a presença do movimento cooperativista na economia estadual e ajudam compreender como esse modelo de negócio pode contribuir para o desenvolvimento dos territórios paraenses.

Em um estado com dimensões vastas, a distância entre o local de produção e o consumidor representa um desafio importante. O transporte, o armazenamento, o beneficiamento e a distribuição podem influenciar diretamente os custos, a competitividade e a capacidade de comercialização dos produtos paraenses. É aí que a organização coletiva ganha relevância. Ao reunir produtores e estruturar processos em conjunto, uma cooperativa pode favorecer o planejamento da produção, o compartilhamento de serviços, a negociação com fornecedores e compradores e a busca por novos canais de comercialização.

Na agricultura familiar, por exemplo, a atuação organizada pode contribuir para reunir volumes de produção, melhorar a apresentação dos produtos e facilitar o diálogo com compradores. Em outros segmentos, como transporte, saúde, crédito, seguro, educação, trabalho e serviços, o cooperativismo também oferece possibilidades de organização empresarial, geração de negócios e atendimento às necessidades das comunidades. A cooperação não elimina os desafios logísticos do Pará, mas ajuda as cooperativas a desenvolver estratégias para enfrentá-los de maneira mais estruturada.

O papel institucional

Para que as cooperativas avancem, a capacidade de organização dentro dos negócios precisa estar acompanhada de um ambiente institucional favorável ao seu desenvolvimento. É nessa frente que o Sistema OCB/PA exerce um papel estratégico no Pará. A instituição atua na representação e na defesa dos interesses do cooperativismo paraense, no diálogo com os poderes públicos, na articulação de pautas que influenciam o funcionamento e a competitividade das cooperativas e na busca de aproximar as demandas do setor dos espaços de decisão.

Para o presidente do Sistema OCB/PA, Ernandes Raiol, a representação institucional deve estar alinhada aos resultados que chegam às cooperativas e aos territórios onde elas atuam.

“Representar o cooperativismo é trabalhar para que as necessidades de quem produz, empreende e gera oportunidades por meio da cooperação sejam consideradas nas decisões que influenciam o desenvolvimento do Pará. O papel do Sistema OCB/PA é fortalecer esse diálogo, articular parcerias e defender condições para que as cooperativas ampliem seus negócios, gerem mais emprego e renda e contribuam cada vez mais para a economia do estado”, explica o presidente.

Um exemplo concreto dessa atuação é a participação do Sistema OCB/PA no Comitê Gestor do Plano Estratégico de Longo Prazo do Estado do Pará, o Pará 2050. O espaço reúne instituições que participam das discussões sobre o planejamento de longo prazo do estado. E a presença da OCB/PA nesse ambiente amplia a possibilidade de levar a realidade das cooperativas às discussões sobre o futuro do Pará.

O superintendente do Sistema OCB/PA, Junior Serra, destaca que a participação institucional também reforça a importância de considerar a diversidade das cooperativas e dos territórios onde atuam. "As necessidades de uma cooperativa de agricultura familiar, por exemplo, são diferentes das demandas de uma cooperativa de transporte, saúde, crédito ou trabalho. Conhecer essas particularidades é fundamental para construir propostas compatíveis com a realidade de cada atividade", reforça.

Sistema OCB/AM prestigia transmissão de cargo da Chefia-Geral da Embrapa Amazônia Ocidental



O SistemaOCB/AM, representado pelo presidente Petrucio Magalhães Júnior, participou, nesta segunda-feira (9), da solenidade de transmissão de cargo da Chefia-Geral da Embrapa Amazônia Ocidental. O evento, realizado no Auditório da Ciência do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus, marcou a chegada do pesquisador Luiz Antônio de Araújo Cruz à liderança da unidade, sucedendo Everton Rabelo Cordeiro.

A cerimônia reuniu representantes de instituições públicas, entidades do setor produtivo e lideranças ligadas à pesquisa e ao desenvolvimento regional, destacando a importância da cooperação institucional para o fortalecimento das atividades produtivas na Amazônia.

Durante a solenidade, o presidente do Sistema OCB/AM, Petrucio Magalhães Júnior, ressaltou o papel estratégico da Embrapa no desenvolvimento de soluções que contribuam para a modernização da produção, a sustentabilidade e o fortalecimento das cooperativas amazonenses.

“A pesquisa, a transferência de novas tecnologias de produção e a inovação são fundamentais para o desenvolvimento da Amazônia. O Sistema Cooperativo será sempre um parceiro estratégico da Embrapa, contribuindo para que o conhecimento e os avanços tecnológicos cheguem aos produtores e fortaleçam as cadeias produtivas da nossa região”, destacou Petrucio.

Com mais de três décadas de atuação na Embrapa, Luiz Antônio de Araújo Cruz assume a Chefia-Geral com a proposta de fortalecer a pesquisa, o desenvolvimento e a inovação, priorizando iniciativas voltadas à sociobiodiversidade, à segurança alimentar e à sustentabilidade dos sistemas produtivos amazônicos.

Para o Sistema OCB/AM, a aproximação com instituições de pesquisa como a Embrapa representa uma oportunidade de ampliar o acesso das cooperativas a novas tecnologias, conhecimentos e práticas que contribuam para o aumento da produtividade, a agregação de valor e a competitividade dos produtos regionais.

A participação na solenidade reafirma o compromisso do Sistema OCB/AM com o fortalecimento de parcerias estratégicas que promovam o desenvolvimento econômico e social do Amazonas, reconhecendo o cooperativismo, a ciência e a inovação como instrumentos fundamentais para a construção de uma Amazônia mais sustentável e próspera.

Mulheres da COAPA conhecem boas práticas de gestão, liderança e sustentabilidade na Castrolanda

Um grupo de 11 integrantes do Comitê Feminino da COAPA visitou, nos dias 15 e 16 de outubro, a Castrolanda, uma das maiores cooperativas do país, sediada na cidade de Castro (PR). O objetivo foi conhecer boas práticas em gestão e governança cooperativa, agregando conhecimentos sobre inovação, sustentabilidade e liderança feminina no campo. Além de capacitar as participantes, a imersão busca inspirar novos projetos e impulsionar o desenvolvimento social e econômico do grupo.



O intercâmbio teve o apoio fundamental do Sistema OCB/Sescoop-TO.

A programação foi intensa e envolveu diversas atividades institucionais e práticas. O roteiro contou com uma apresentação da Cooperativa Castrolanda conduzida pela área de Cooperativismo; reunião com a Comissão das Mulheres Cooperativistas locais; tour guiado pelo mezanino e prédio corporativo; e visita à propriedade Chácara Giulia, focada na atividade leiteira e gerida por uma integrante da Comissão de Mulheres da Castrolanda. As tocantinenses também visitaram o Memorial e o Museu da Imigração Holandesa – para compreender como os imigrantes fundadores da Castrolanda se organizaram desde a chegada ao Brasil –, além da loja de artesanatos Artelanda e da queijaria Melkland, que produz queijos artesanais de variados sabores.

O olhar das participantes

A visita trouxe aprendizados marcantes para mulheres de diferentes trajetórias dentro da COAPA, que destacaram o impacto da imersão em sua visão de futuro e no dia a dia na propriedade rural e na cooperativa.

Para a universitária Maria Júlia Alves de Oliveira Silva, filha de cooperado e uma das mais jovens do comitê, o que mais chamou atenção na visita à Castrolanda foi como a cooperativa funciona semelhante à uma grande família onde cada um sabe qual o seu papel e como desempenhá-lo para o bem comum. “A participação foi como uma grande mão estendida de apoio e ajuda para que meu processo de sucessão fosse ainda mais fluído e harmonioso com os ideais cooperativistas. O intercâmbio é importante pois possibilita uma visão fora da bolha, onde podemos olhar os mesmos princípios cooperativistas que são a nossa base sendo postos em prática de modos mais diversos. Assim, podemos nos inspirar e contribuir ainda para o desenvolvimento da nossa cooperativa”, avaliou a estudante, que ingressou no grupo no início deste ano.

Esposa de associado COAPA, Simone Schneider está no comitê feminino desde o último mês de maio e avaliou positivamente a imersão na cooperativa paranaense: “Foi uma experiência incrível na qual aprendemos outras culturas e que o cooperativismo dá certo quando todos tem um objetivo em comum.”

Também esposa de um produtor associado da COAPA, Priscilla Oliveira Nunes entrou no comitê no início de 2026. Ela considerou a visita uma verdadeira imersão ao cooperativismo. Foi uma oportunidade única e extremamente bem aproveitada pelas mulheres do Comitê Feminino da COAPA. “Na visita verifiquei diversas práticas que podemos trazer para nossa realidade, dentre elas: a importância de persistir no projeto, que é preciso alguns anos de trabalho duro para que se cresça com solidez; se os cooperados tiverem o sentimento de donos e sejam fiéis a cooperativa, a chance de crescimento aumentam muito; e por fim, que o nome cooperativa não permita que os profissionais envolvidos não tratem seus trabalhos com menos ímpeto, é preciso que cada um faça seu papel com muito profissionalismo”, destacou.

Comitiva da COAPA

Integraram a comitiva em Castro as seguintes representantes do Comitê Feminino: Adriana da Cruz Rodrigues, Elenita Molon Piton, Inara Mota Rodrigues Machado, Juliana Lima Maranhão Sá, Maria Júlia Alves de Oliveira Silva, Priscilla Oliveira Nunes, Simone Cristina Wicrzbick Schneider, Simone da Silva Sandri Rocha, Sueli Aparecida Lopes de Lorenzi Cancellier, Thainá Cristina Burgestabs Vieira Sleutjes e Valéria Coelho Silva Faria.

Capacitação na COASF incentiva o desenvolvimento de novas habilidades



O Sistema OCB/RO apoiou a Cooperativa Agropecuária de São Felipe - COASF - na promoção do curso de corte de cabelo realizado nos dias 18 e 19 de outubro, na sede da organização. A capacitação proporcionou aos participantes a oportunidade de desenvolver novas habilidades, adquirir conhecimentos práticos e ampliar as possibilidades de aplicação do aprendizado no cotidiano.

Entre os participantes, uma história chamou a atenção pelo impacto que o conhecimento adquirido poderá representar na vida familiar. Um dos alunos decidiu participar do curso para cuidar melhor do cabelo do filho, de sete anos, que é autista e aceita cortar o cabelo apenas com o pai.

Até então, por não dominar técnicas específicas de corte, ele utilizava a máquina com um único pente. Com os conhecimentos adquiridos durante a capacitação, a expectativa é colocar em prática as novas técnicas e oferecer ao filho outras possibilidades de corte, respeitando suas necessidades e preferências.

A experiência demonstra como a qualificação profissional pode gerar benefícios que vão além do aprendizado técnico, contribuindo para a autonomia dos participantes e para a melhoria da qualidade de vida das famílias.

Durante o encerramento do curso, um representante do Sistema OCB/RO também apresentou iniciativas voltadas ao fortalecimento das cooperativas, destacando oportunidades de acompanhamento, desenvolvimento e qualificação disponíveis ao público cooperativista.

Entre essas iniciativas está o RondoCoop, que atua no acompanhamento das cooperativas de Rondônia, com soluções personalizadas de acordo com as necessidades e os desafios de cada organização. Outra ferramenta é o CapacitaCoop, plataforma que oferece cursos a distância e amplia o acesso à formação profissional para cooperados, colaboradores e demais públicos do cooperativismo.

A realização da capacitação na COASF reforça a importância de identificar as demandas das cooperativas e promover ações alinhadas às suas necessidades. Por meio de iniciativas de formação profissional, acompanhamento da gestão e promoção social, o Sistema OCB/RO contribui para o desenvolvimento das

cooperativas e para a geração de oportunidades que refletem positivamente na vida das pessoas.

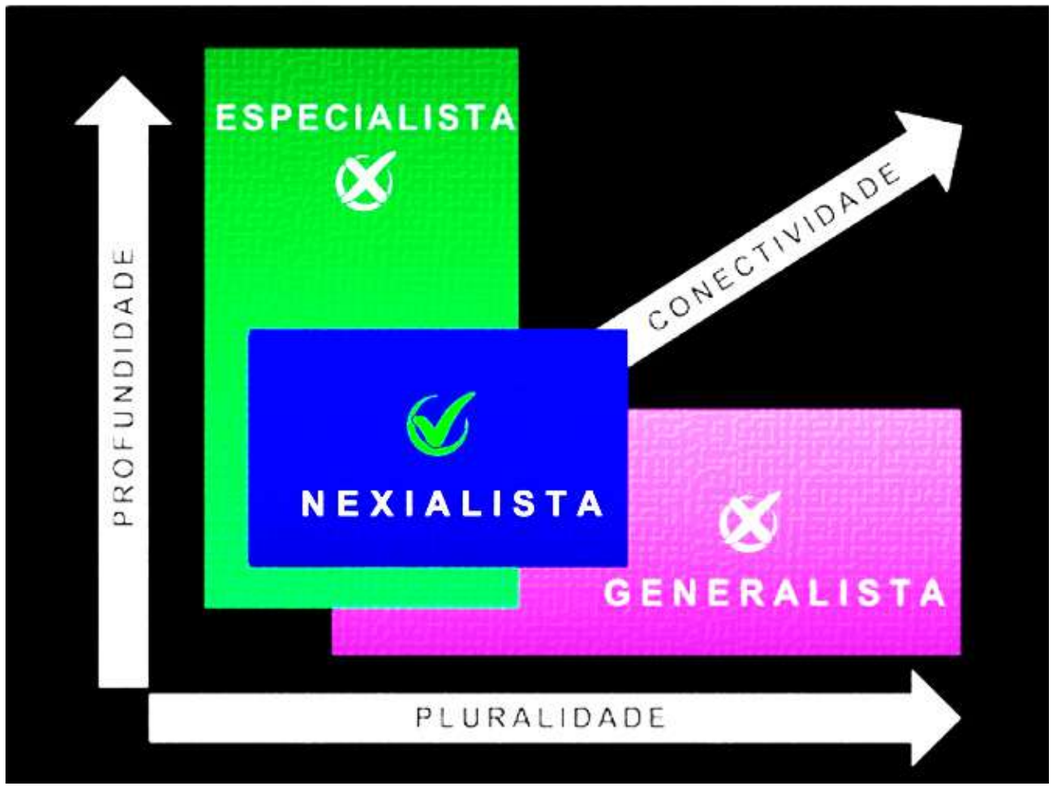




Luis Caversan
Escritor, palestrante e educador. Sócio da Manabi Educação e da Execoop, especialista em vendas e cooperativismo

Artigo

Ser nexialista – um comportamento necessário aos profissionais



Já é sabido por todos nós que o avanço da tecnologia acontece em uma velocidade cada vez maior. E, diante desse cenário, preparar as cooperativas e seus profissionais deixou de ser apenas uma necessidade: tornou-se algo vital para a perenidade dos negócios.

Em setembro, tive a oportunidade de realizar um intercâmbio na China, estudando na Zhejiang Institute of Economics and Trade temas como inovação, liderança e cooperativismo.

Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi perceber o quanto tudo está conectado à tecnologia.

As operações financeiras, os dados e as informações estão cada vez mais interconectados. Isso exige dos profissionais uma atualização constante, não apenas para compreender essas informações, mas principalmente para transformá-las em análises e ações efetivas em prol dos negócios.

E esse avanço que pude estudar na China já chegou ao Brasil — e está avançando rapidamente.

Isso exige um preparo cada vez maior de dirigentes e colaboradores das cooperativas brasileiras. A concorrência com novos players cresce, os canais digitais se tornam cada vez mais presentes e os cooperados e clientes passaram a ter acesso a informações e soluções de maneira muito mais rápida.

Nesse cenário, o profissional precisa buscar conhecimento técnico para conseguir esclarecer dúvidas e contribuir de maneira efetiva com as decisões dos cooperados e clientes.

Mas existe um desafio:

Em alguns casos, encontramos profissionais que conhecem profundamente determinado assunto, mas têm dificuldade de traduzir esse conhecimento para quem está do outro lado.

São especialistas que conseguem explicar muito bem a técnica, mas não necessariamente conseguem conectá-la à realidade da pessoa que está ouvindo.

Em outros casos, encontramos profissionais que conhecem um pouco de tudo, conseguem conversar sobre diversos assuntos, mas possuem dificuldade para aprofundar justamente naquilo que é mais importante para o usuário.

É desse ponto que surge o conceito do Nexialismo.

Ser Nexialista é fazer nexo entre o conhecimento técnico, aprofundado, e a pluralidade de outros conhecimentos, criando conexões capazes de gerar novos olhares para quem ainda não domina determinado assunto.



Esse é o papel do Nexialista.

É o papel do profissional, da pessoa e do líder que consegue buscar conexões entre diferentes assuntos e transformar essas conexões em algo que contribua para a vida e para as relações entre as pessoas.

O profissional que sabe perguntar antes de oferecer

Hoje, muitas pessoas conseguem pesquisar, comparar produtos, tirar dúvidas e até contratar serviços sozinhas. Isso muda completamente o papel do profissional das cooperativas.

Ele precisa deixar de ser apenas alguém que apresenta produtos e serviços para se tornar um verdadeiro consultor, alguém capaz de agregar novos olhares e ajudar o cooperado ou cliente a tomar melhores decisões.

Por isso, algumas competências se tornam cada vez mais importantes:

- Saber fazer boas perguntas.
- Escutar com atenção — inclusive aquilo que não está sendo dito.
- Identificar necessidades que muitas vezes estão escondidas nas entrelinhas.
- E, principalmente, saber o que ofertar e como conectar essa oferta à realidade daquela pessoa. Essa competência será cada vez mais vital para as cooperativas do Brasil e do mundo.

Como afirma Simon Sinek, "as pessoas não compram o que você faz. Elas compram o porquê você faz". Por isso, o preparo e a maneira como abordamos clientes e cooperados são fundamentais.

Conhecer o mercado, os produtos, os processos e as questões técnicas é importantíssimo. Mas tão importante quanto isso é conseguir comunicar esse conhecimento de maneira conectada às necessidades, aos sonhos e aos desejos de quem está do outro lado.

Conhecimento sem conexão não transforma

Já presenciei atendimentos em que o colaborador realiza uma verdadeira aula técnica sobre aquilo que está vendendo, mas pouco consegue conectar esse conhecimento à realidade do outro. Da mesma forma, já presenciei atendimentos em que se fala sobre tudo

— menos sobre o negócio que o colaborador precisa apresentar.

Em um extremo, temos conteúdo sem conexão. No outro, relacionamento sem direcionamento. O desafio está justamente no equilíbrio.

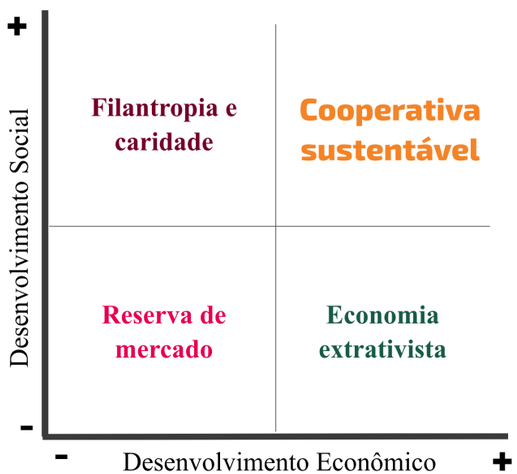
Forma e conteúdo. Relacionamento e vendas. Conhecimento técnico e capacidade de conexão. É esse equilíbrio que toda cooperativa precisa colocar no centro de sua estratégia.

Porque uma cooperativa não vive apenas de ações sociais. Mas também não pode viver apenas de negócios.

Quando se esquece da sua essência para buscar somente resultado, corre o risco de se tornar apenas mais uma empresa. E quando se esquece de que precisa gerar resultado para continuar cumprindo sua missão, coloca em risco a própria sustentabilidade daquilo que acredita.

O desafio está em construir uma cooperativa economicamente saudável e socialmente relevante. É nesse espaço que o Nexialista pode fazer a diferença.

Desenvolvimento econômico e desenvolvimento social



Acredito que uma cooperativa sustentável é aquela que consegue caminhar justamente nessa intersecção.

Não se trata de escolher entre resultado ou relacionamento. Não se trata de escolher entre negócio ou essência. Trata-se de entender que uma coisa pode — e deve — fortalecer a outra.

O que aprendi observando a China

Durante minha experiência na China, essa busca por resultado mantendo o time engajado e, ao mesmo tempo, conectado à essência da cooperativa ficou marcada em diferentes situações.

Um dos casos que conheci foi o de uma cooperativa do agronegócio que, para dar suporte aos seus cooperados, criou uma parceria com o governo para ajudar no escoamento de parte da produção.

Mas a atuação não parou aí. A cooperativa também ofereceu estrutura de marketing, vendas e estratégias digitais para que seus sócios pudessem avançar em seus negócios.

O resultado foi uma combinação interessante de relacionamento, desenvolvimento e geração de negócios.

Os cooperados conseguiram avançar. A produção ganhou fluxo. E toda a cadeia foi fortalecida. Isso é cooperativismo na prática. É olhar para o negócio sem esquecer das pessoas. É olhar para as pessoas sem esquecer do negócio.

E é exatamente nesse equilíbrio que precisamos preparar os profissionais das cooperativas para os próximos anos.

A tecnologia continuará avançando. Os canais continuarão mudando. Os produtos continuarão evoluindo. E o acesso à informação será cada vez maior. Mas, no meio de tudo isso, continuará existindo uma pessoa do outro lado. E é justamente aí que o profissional Nexialista pode fazer a diferença: conectando conhecimento, tecnologia, relacionamento, negócio e propósito.

A pergunta que fica é:

Você e sua equipe têm conseguido desenvolver competências Nexialistas, construindo bons relacionamentos e, ao mesmo tempo, realizando ótimos negócios?

Porque, no final das contas, é essa combinação que pode ajudar a manter uma cooperativa saudável, relevante e preparada para o futuro.



Newton Ribeiro Parahyba Junior
Economista, com graduação em história, pós graduado em Engenharia Econômica, Projetos e Metodologias Ágeis, MBA emg Gestão de Cooperativas. Mestrando em Administração e Contabilidade

Artigo

A importância da percepção da força da participação (a base do cooperativismo)

A história certamente começou com alguém que ousou pensar diferente. Antes de existirem cidades, leis, religiões ou sistemas políticos, deveriam existir apenas pequenos grupos, tentando compreender o mundo à sua volta. E, mesmo ali, no início da espécie, a diferença entre sobreviver ou desaparecer, muitas vezes dependia da percepção de um único indivíduo: alguém que imaginou uma nova forma de caçar, de acender fogo, de interpretar o céu, de organizar o grupo. A ideia individual, a meu ver, sempre foi o motor silencioso da transformação.

Essa força atravessou eras e civilizações. Para os gregos antigos, questionar a realidade era a única forma de liberar a mente, o "por quê?". Inauguraram o pensamento crítico e a própria noção de vida pública. Entre os hebreus, a tradição profética nasce justamente da coragem de indivíduos que ousaram falar contra o consenso. A mensagem é: Pensar é o ato fundamental para intervir e participar da construção do mundo.

Hoje, vivemos em sistemas complexos, democracias participativas, democracias representativas, regimes híbridos, autocracias, que muitas vezes parecem distantes da experiência individual. É comum sentir que nossas ideias são pequenas demais diante de estruturas tão grandes. Mas essa sensação é ilusória. A história mostra que o novo sempre começa na margem, no desvio, no "fora do esquadro". O que hoje parece estranho, inadequado ou prematuro pode ser, amanhã, o ponto de partida de uma mudança profunda.

A chave está em criar ambientes, onde a contribuição não seja apenas tolerada, mas desejada. Espaços que acolham o pensamento ainda bruto, o insight inesperado, o olhar que escapa ao padrão. Ambientes onde o indivíduo não precise pedir licença para existir intelectualmente. Quando a pessoa percebe que sua voz tem lugar, ela se engaja; quando percebe que sua ideia pode gerar impacto, ela se responsabiliza! A participação não é apenas um direito: é um exercício de pertencimento ao mundo.

Essa percepção é fundamental porque, ao longo da história, sempre que sociedades criaram espaços de escuta, elas floresceram. A ágora grega, os conselhos tribais africanos (Ubuntu), as assembleias comunitárias indígenas, os círculos de estudo judaicos, todos são ambientes onde o pensamento individual pode respirar. Não se trata de unanimidade, mas de convivência entre perspectivas. E é justamente essa convivência que permite que o novo surja.

O desafio contemporâneo é construir sistemas que não apenas permitam a participação, mas que a desejem. Fóruns, comunidades, plataformas digitais, rodas de conversa, laboratórios de inovação, assembleias cidadãs, qualquer espaço, onde a ideia possa circular sem exigir aprovação imediata. Afinal, toda época possui seus filtros, seus limites, seu subjetivismo. O que não cabe hoje, pode ser exatamente o que o futuro precisa.

Autores mostram que comunidades conseguem gerir recursos de forma eficiente, quando criam regras próprias, adaptadas à sua realidade. Grupos se organizam para superar a apatia e agir em conjunto. Iniciativas exploram caminhos para integrar participação, tecnologia e decisão pública. Mas antes de mergulhar nesses modelos, talvez devamos recuperar algo mais simples e mais antigo: a confiança na potência criativa do indivíduo.

Quando uma pessoa ousa dizer o que pensa, ela abre caminho para outras. Quando uma sociedade acolhe essa ousadia, ela se torna fértil. E quando criamos ambientes onde ideias podem afluir, mesmo que ainda imperfeitas, mesmo que ainda incompletas, damos ao mundo a chance de se reinventar.

Este texto é apenas o início. Um convite. Um primeiro passo, para uma série de reflexões sobre como podemos construir espaços de comunhão intelectual, onde ideias nasçam, se encontrem e, quem sabe, transformem o planeta. A centelha individual, quando reconhecida e acolhida, é capaz de iluminar caminhos que ainda nem imaginamos. E talvez seja justamente, essa abertura, esse gesto de escuta, esse respeito ao pensamento nascente, que permitirá que o futuro encontre sua forma.



Sérgio Cordioli
Engenheiro Agrônomo e Mestre em Economia Rural

Opinião

Equilíbrio entre inovação X preservação da essência cooperativista



Tem-se vivenciado uma mudança muito rápida e até assustadora nas formas de gestão e de relacionamento com os cooperados em função das inovações tecnológicas. Pode-se até achar que o equilíbrio entre fazer uso de tecnologia e promover a inovação possa estar indo pelo lado contrário da essência da cooperação. Talvez tenhamos um dilema a ser resolvido, que foque na busca pelo equilíbrio entre o uso de tecnologia e inovação com a preservação da essência do cooperativismo. Essa questão não significa ter que fazer uma escolha entre um ou outro, mas saber fazer uso da tecnologia para fortalecer as relações humanas; qualificar o atendimento das necessidades imediatas dos cooperados; possibilitar ampliar a participação dos cooperados no dia a dia da cooperativa e, dessa forma, gerar valor preservando os princípios e fundamentos cooperativistas.

O estado da arte perfeito será quando conseguirmos fazer o uso da inovação e da tecnologia de modo a qualificar as relações humanas na cooperativa, porém de forma ágil, eficiente, segura e que atenda com rapidez aquelas necessidades imediatas dos cooperados. Não será ser contra ou a favor da inovação e da tecnologia, mas fazer o seu uso em favor do fortalecimento do relacionamento e do atendimento humanizado.

A adoção de tecnologias deve facilitar a vida corriqueira dos cooperados, possibilitar compreender melhor suas necessidades e ampliar o seu acesso aos serviços disponíveis, tomando-se o cuidado de não transformar o relacionamento em uma interação exclusivamente digital. A tecnologia não pode ser vista somente como forma de otimizar processos e custos, mas transformar processos em noção de valor por parte do cooperado.

O fato de o cooperado reduzir sua presença nas unidades da sua cooperativa não significa necessariamente afastamento. Caso o cooperado tenha a sua disposição aplicativos, assembleias híbridas, canais de comunicação e de relacionamento podem significar que esteja até mais presente e ampliando sua participação. Esses instrumentos podem qualificar a relação com o cooperado e gerar valor pela praticidade gerada, porém, garantir canais de relacionamento humanizados são essenciais, caso o cooperado desejar conversar com alguém “real” e não com uma “IA”.

A essência cooperativista deve sempre estar presente nas relações com os cooperado, combinando eficiência digital com a proximidade humana, com fácil acesso aos diferentes níveis hierárquicos da cooperativa, preservando sua simplicidade estrutural. Digitalizar e automatizar operações em geral libera tempo para conversas mais qualificadas, escuta ativa e a construção de confiança. O papel dos gerentes deve ser redirecionado para o atendimento humano para quem precisar dele, revertendo o tempo economizado com a automação para qualificar o relacionamento com os cooperados.

O dilema citado será em assegurar que a inovação possa gerar valor para os cooperados e não apenas modernizar processos internos. As duas coisas são fundamentais, seja para ampliar a eficiência e a qualidade do atendimento das necessidades dos cooperados assim como ressignificar o papel das equipes, que ao invés de gastarem horas para executar processos complexos, elaborar relatórios etc., possam dedicar seu tempo em intensificar o relacionamento humanizado com os cooperados, ampliando o diferencial da cooperação frente outros modelos de negócios. Evidente que essa estratégia retira parte da eficiência da gestão dos custos, mas será amplamente compensada pelo reconhecimento do diferencial existente. Os gestores devem considerar não apenas indicadores de produtividade, rentabilidade, eficiência e adesão aos canais digitais, mas em especial, a satisfação, a confiança e a percepção de valor pelos cooperados.

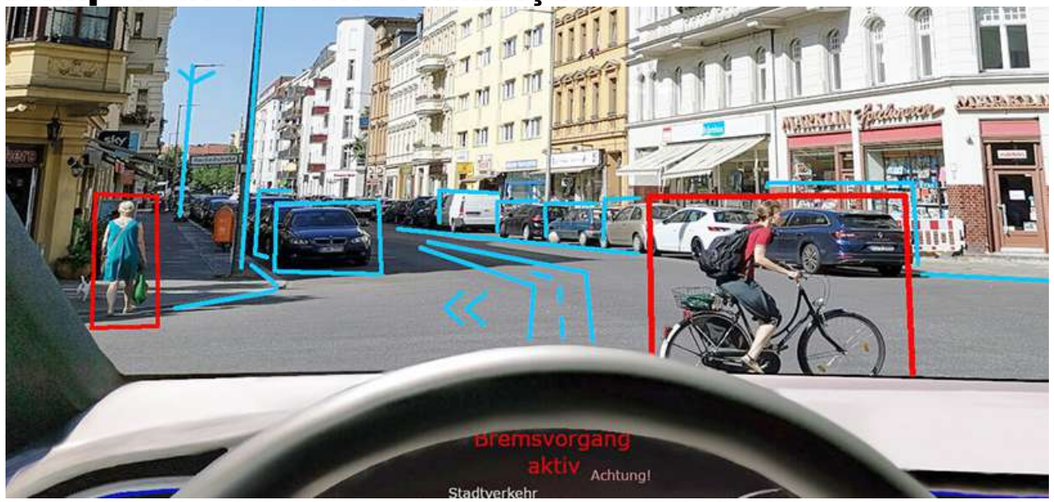
O cooperativismo tem o desafio de demonstrar que será possível combinar inovação, competitividade e eficiência com relacionamento, humanização do atendimento e da participação. A tecnologia deve modernizar os meios e processos, mas não substituir os valores e a essência da cooperação. A inovação deve fortalecer a cooperativa como organização econômica e, ao mesmo tempo, preservar sua natureza de organização de pessoas orientada às suas necessidades. Assim, deve-se buscar construir uma cooperativa digitalmente avançada sem perder a proximidade humana, a participação democrática e o sentimento de pertencimento dos cooperados. A inteligência artificial deve auxiliar na gestão da inteligência coletiva dos dirigentes e cooperados e seu direcionamento para o aproveitamento das oportunidades de desenvolvimento e do crescimento coletivo.

Transporte em Pauta



Claudio Rangel
Jornalista, redator-chefe dos portais BR Cooperativo e Motorista Profissional, e diretor da Comunicoop.
redacao@brcooperativo.com.br

A importância da modernização



Vivemos uma época acelerada com novidades tecnológicas surgindo a toda hora. E o setor dos Transportes não fica para trás. A cada momento, uma novidade automotiva surge e com isso a necessidade de atualização por parte do motorista fica evidente.

Mas como fazer mudanças quando as dificuldades econômicas do transportador brasileiro se impõem? Um dos tópicos que assistimos no WCM 2026 ligam a inovação tecnológica acompanhada da atualização humana.

Basta vermos o que está ocorrendo neste ano e as promessas de mudança no setor. O mercado está repleto de novas patentes, startups e lançamentos de grandes montadoras. No entanto, temos seis grandes macrotendências tecnológicas disruptivas que transformaram a mobilidade urbana e a logística global.

O grande marco de 2026 foi a virada de chave dos testes fechados para frotas comerciais robustas e autônomas. Também vale destacar o surgimento dos táxis autônomos da Waymo, bem como os caminhões autônomos de longa distância, prontinhos para entrarem em fabricação ampliada.

Mas, e o preço disso tudo?

Nas discussões sobre o assunto, pouco se fala no elo principal dos transportes - o motorista profissional. Como cada um pode aproveitar a tendência cada vez mais visível de automação dos transportes?

E esse debate passa pela multidisciplinaridade que envolve a atividade. A necessidade de transporte está presente em várias atividades da sociedade. Daí a importância da iniciativa de Evaldo Matos, representante do Ramo Transportes do cooperativismo, quando estimula a intercooperação.

Por exemplo, o setor agroindustrial precisa de veículos adequados para transportar suas produções. As cooperativas de crédito dispõem de recursos necessários ao transportador.

Outros setores também precisam de serviços desses dois ramos: o de eventos, o de Saúde, o de Educação, para citar alguns.

E é aí que a intercooperação se faz necessária. A integração entre serviços de cooperativas com o transporte cooperado pode gerar recursos para todos os lados. E o volume deve ser necessário para manter os setores atualizados.

Taí mais uma forma de praticar a intercooperação com as cooperativas do Ramo Transporte.



Coop Seguro



Liliana Caldeira
Mestre em Direito Econômico,
Professora da ENS e Fundadora
da LICALL

No novo horizonte do cooperativismo de seguros: balizas jurisprudenciais do Superior Tribunal de Justiça



O cooperativismo de seguros vive, em 2026, um momento de expansão inédita.

A Lei Complementar nº 213/2024 inaugurou um novo ciclo ao permitir que cooperativas atuem com maior amplitude no mercado securitário, reconhecendo sua relevância social e sua capacidade de promover inclusão financeira por meio da proteção mutualista.

Em complemento, a Resolução CNSP nº 492/2026 regulamentou de maneira minuciosa a organização, a operação, a governança e os limites prudenciais das cooperativas de seguros, estabelecendo um marco regulatório moderno e alinhado às melhores práticas internacionais.

Esse conjunto normativo não apenas legitima a atuação das cooperativas no setor, como também define com precisão os ramos que podem ser explorados, as estruturas que devem ser implementadas e os requisitos prudenciais indispensáveis para garantir solvência, continuidade e segurança aos associados.

A Resolução 492 veda apenas seis ramos específicos — petróleo, riscos nomeados e operacionais, global de bancos, aeronáuticos, marítimos e nucleares — permitindo que todos os demais sejam operados.

A atuação das cooperativas permanece restrita aos seus associados, conforme determina o art. 8º da Resolução, reforçando a natureza mutualista e a lógica de proteção recíproca que caracteriza o modelo cooperativo.

Nesse contexto, o ramo vida, plenamente autorizado, ganha protagonismo, sobretudo diante de parâmetros jurisprudenciais fixados pelo STJ.

Em outubro de 2026, o julgamento do Tema Repetitivo 1.211 pela Segunda Seção consolidou entendimento fundamental: o reajuste por faixa etária é válido no seguro de vida em grupo, desde que haja previsão contratual expressa, comunicação prévia nas renovações e observância das normas regulatórias aplicáveis.

A Corte afastou a aplicação analógica das regras dos planos de saúde e do Estatuto da Pessoa Idosa, reconhecendo a autonomia técnica e atuarial do contrato de seguro.

Para as cooperativas que ingressam com mais força no ramo de pessoas, esse precedente reforça a liberdade contratual regulada, preserva o equilíbrio atuarial das carteiras, reduz riscos de judicialização e reconhece as particularidades do seguro de pessoas, essenciais para a sustentabilidade das operações.

Outro ponto relevante diz respeito à reafirmação da Súmula 229 pela Quarta Turma, ao tratar do prazo prescricional em contratos anteriores à Lei nº 15.040/2024.

O Tribunal reiterou que o prazo anual tem início com a ciência inequívoca do sinistro, fica suspenso entre a comunicação e a negativa, e não se reinicia após a negativa.

Embora esse entendimento preserve segurança jurídica para contratos antigos, ele não se aplica às cooperativas de seguros que ingressam agora no segmento de pessoas, pois todos os seus contratos serão posteriores à Lei 15.040.

Para essas entidades, vigora exclusivamente a regra do art. 126: um ano contado da ciência da recepção da recusa expressa e motivada da seguradora para pretensões do segurado, e três anos contados da ciência do fato gerador para pretensões dos beneficiários.

A conjugação entre a LC 213, a Resolução 492 e os precedentes do STJ forma um tripé regulatório e jurisprudencial que fortalece a segurança jurídica, valoriza a técnica atuarial, protege a solvência das entidades e reconhece as especificidades do contrato de seguro.

Para o cooperativismo, esse novo horizonte representa não apenas expansão, mas também maturidade institucional e consolidação de um ambiente regulatório capaz de viabilizar o crescimento sustentável das cooperativas de seguros no país.



Marcelo Carfora
Sócio-Diretor da Filoscooperativa
Consultoria em Cooperativismo

Brasil e Argentina no mundo do cooperativismo: diferentes, mas com a mesma reflexão

Em uma recente viagem à Argentina, deparei-me com uma agência do Banco Credicoop. Para quem vive o cooperativismo de crédito, a curiosidade foi imediata: como funciona um banco que é, efetivamente, uma cooperativa?

O cooperativismo de crédito argentino teve forte desenvolvimento por meio das chamadas Cajas de Crédito Cooperativas. Mudanças regulatórias ocorridas a partir da década de 1970 estimularam sua transformação e integração em bancos comerciais de natureza cooperativa.

É nesse contexto que surge, em 1979, o Banco Credicoop Cooperativo Limitado, resultado da integração de diversas caixas de crédito. Mas não estamos falando de uma pequena instituição financeira alternativa.

Segundo dados do Banco Central da República Argentina, atualizados até maio de 2026, o Credicoop possuía aproximadamente 10,1 trilhões de pesos argentinos em ativos, ocupando a posição de 8º maior banco do país em ativos.

E aqui surge uma comparação interessante com o Brasil: Também temos dois bancos cooperativos: o Banco Cooperativo Sicredi, criado em 1995, e o Banco Sicoob, originalmente Bancoob, criado em 1996. Entretanto, nosso modelo possui uma diferença fundamental. Os bancos cooperativos brasileiros integram e dão suporte aos respectivos sistemas, enquanto o relacionamento com o cooperado permanece essencialmente nas cooperativas de crédito singulares, juridicamente autônomas e organizadas também por meio de centrais e estruturas sistêmicas.

No modelo do Credicoop, a construção é diferente: a cooperativa é o próprio banco. Trata-se de uma única grande instituição financeira cooperativa, que opera por meio de filiais e mantém o princípio democrático de “uma pessoa, um voto”, sem acionistas ou



associados majoritários com poder de voto superior aos demais.

Surge então uma questão inevitável: como preservar a participação do associado em uma instituição desse tamanho?

Uma das respostas está nas chamadas "Comisiones de Asociados", incorporadas ao estatuto do Credicoop como espaços de participação dos associados na gestão de cada filial. O próprio banco afirma que elas foram concebidas para ampliar as bases de participação e preservar sua filosofia cooperativa.

Brasil e Argentina, portanto, construíram caminhos diferentes. No Brasil, temos bancos cooperativos a serviço de grandes sistemas formados por cooperativas. No Credicoop, temos um grande banco que é, ele próprio, a cooperativa.

Mas os dois modelos parecem conduzir à mesma reflexão: Escala, tecnologia, eficiência, rentabilidade e gestão de riscos são indispensáveis para a sustentabilidade. Mas o crescimento não pode transformar o cooperado em mero cliente.

Podemos mudar estruturas, integrar operações e crescer. O que não podemos permitir é que, durante esse processo, aquilo que deve ser fortalecido pelo crescimento seja justamente o que deixemos para trás: **A essência cooperativa.**

Dante COOP

DIAGNÓSTICO PRELIMINAR
COOPERATIVISMO · CICLO 2025

O PRÓXIMO CICLO É DE GESTÃO

Crescer já não basta.

Sua cooperativa está pronta para gerir o próximo ciclo?

O cooperativismo brasileiro já alcançou escala. Agora, o desafio é transformar crescimento em gestão, dados, processos, comunicação e execução contínua.

A **Dante Coop** ajuda cooperativas a mapear dores, organizar prioridades, estruturar processos, aplicar tecnologia e acompanhar a evolução.

Responda ao Diagnóstico Preliminar Dante Coop.

Identifique quais dores podem estar limitando a evolução da sua cooperativa.

Escaneie o QR Code ou acesse:
bit.ly/4fUUIDr

DIAGNÓSTICO DANTE COOP

Dante COOP *Inteligência para evolução contínua.*

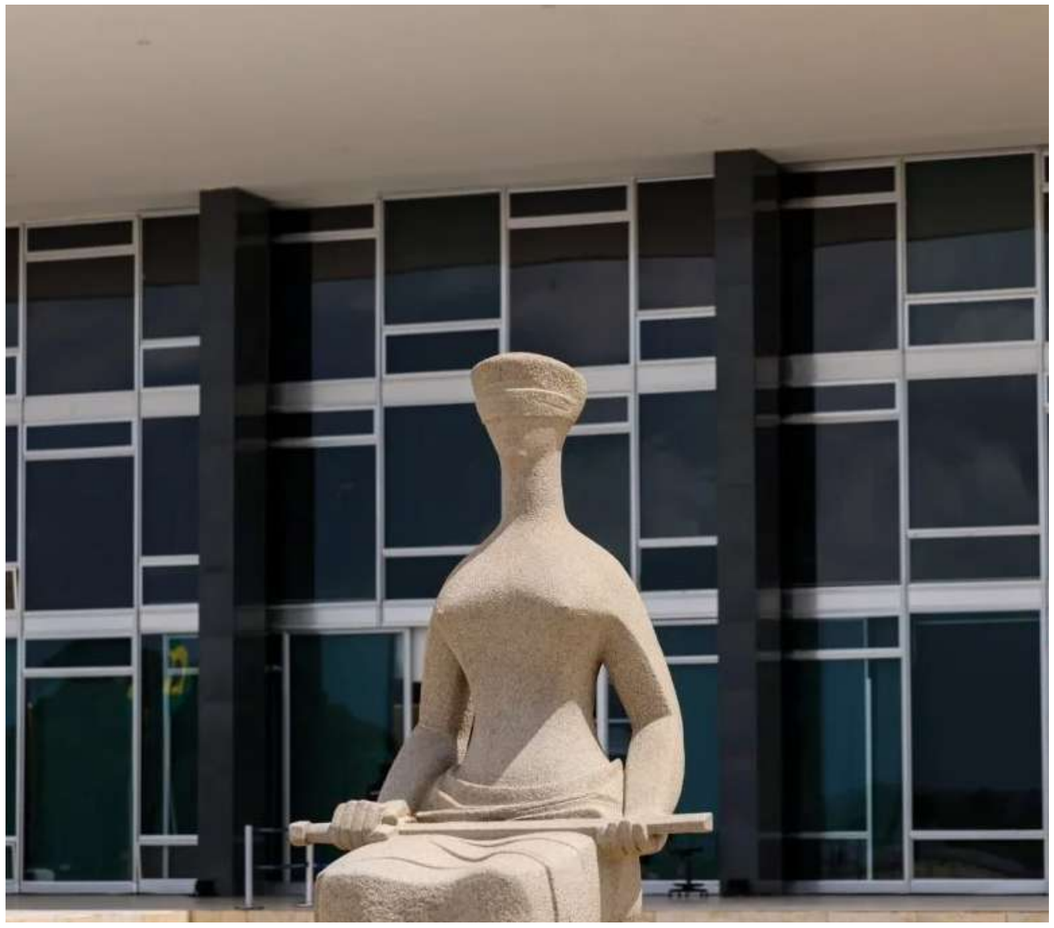
ECOSSISTEMA DE SOLUÇÕES ESTRATÉGICAS

Corrida Certa



Alexandre Burgel
Engenheiro e especialista em Tecnologia de Mobilidade Urbana.

Terceira pesquisa de imagem do cooperativismo traz novidades e aponta caminhos



A imagem do cooperativismo no Brasil está mudando é o que aponta os resultados da nova Pesquisa de Imagem do Cooperativismo, mostram que essa mudança não é apenas uma percepção do próprio setor.

Em 2018, apenas 29% dos brasileiros conseguiam citar espontaneamente o nome de uma cooperativa. Em 2023, esse número chegou a 55% e, agora, em 2026, alcançou 67%, uma evolução bastante significativa.

Em menos de uma década, mais que dobrou o número de pessoas que conseguem lembrar de uma cooperativa sem que ninguém precise explicar do que estamos falando e o mais interessante seja entender o que está por trás desse crescimento, onde o cooperativismo começa a ser percebido de uma maneira diferente.

A pesquisa mostra que 81,6% dos entrevistados associam o modelo a características contemporâneas e isso é fantástico. Para 44,3%, o cooperativismo é atual; para 20,8%, moderno; e para 16,5%, inovador e isso é importante porque durante muito tempo o cooperativismo esteve associado, por parte da sociedade, a uma imagem mais tradicional, distante da inovação e das transformações que estão acontecendo na economia e nos negócios.

Mas ainda existe um desafio importante: ser conhecido não significa necessariamente ser compreendido. O Índice de Conhecimento Efetivo do cooperativismo chegou a 51,4%. Isso mostra que ainda há um enorme espaço para explicar melhor o que é uma cooperativa, como esse modelo funciona e, principalmente, como ele impacta concretamente a vida das pessoas.

E é justamente aí que a comunicação ganha um papel estratégico, pois não basta falar sobre cooperativismo, e simmostrar o cooperativismo acontecendo, que o produtor conseguiu crescer, que a comunidade se desenvolveu, que o pequeno negócio ganhou acesso a crédito, que o profissional encontrou novas oportunidades e que a cooperativa levou um serviço para uma região onde antes ele não existia (isso acontece muito, principalmente crédito e saúde).

São essas histórias que transformam conceitos em conexão e o consumidor não necessariamente quer conhecer todos os detalhes de um modelo societário, ele quer entender o que existe por trás daquele produto, daquele serviço e daquela marca. Quer saber em quem está confiando, qual impacto está ajudando a produzir e por que aquela escolha faz diferença. E existe um dado da pesquisa que chama bastante atenção nesse sentido: 60,7% dos entrevistados dizem que saber que um produto ou serviço tem origem em uma cooperativa poderia influenciar sua intenção de compra, sendo que 26,5% responderam que sim e 34,2% que talvez.

Aqui existe uma oportunidade enorme, onde o cooperativismo pode deixar de ser apenas uma característica institucional e passar a ser também um atributo de valor para marcas e produtos. O consumidor não compra apenas pelo propósito, ele continua buscando qualidade, preço, conveniência, confiança e uma boa experiência. Por isso, a comunicação do cooperativismo precisa evoluir junto com o próprio movimento. Não se trata apenas de dizer que uma cooperativa é diferente porque possui valores diferentes. É preciso demonstrar que esses valores se traduzem em produtos melhores, serviços mais próximos, negócios mais sustentáveis e impacto real na sociedade.

É nesse ponto que inovação, comunicação e cooperativismo se encontram. Novas plataformas digitais, redes sociais, inteligência artificial, vídeos, podcasts, creators e novas formas de contar histórias oferecem ferramentas que podem aproximar o cooperativismo de públicos que talvez nunca tenham tido contato com esse modelo.

Talvez o grande desafio dos próximos anos seja justamente transformar todas essas histórias em uma narrativa capaz de chegar ao consumidor de forma simples, contemporânea e verdadeira. A pesquisa mostra que o cooperativismo já avançou muito na lembrança e na percepção e agora precisamos dar o próximo passo, fazendo com com que as pessoas não apenas conheçam o Cooperativismo, mas entendam seu significado, reconheçam seu valor e, principalmente, considerem esse valor quando forem escolher um produto, contratar um serviço ou decidir com quem querem fazer negócios. Porque uma marca forte não é apenas aquela que é lembrada, mas sim a aquela que influencia escolhas e talvez essa seja uma das grandes oportunidades do cooperativismo brasileiro hoje: transformar reconhecimento em preferência.

Cooperando Com as Finanças



Myrian Lund
Planejadora financeira, mestra em Gestão Empresarial e administradora com especialização em Finanças

Pós eleição: preciso rever meus investimentos?

Dólar subindo, bolsa caindo, taxa de juros elevada, inflação subindo, PIB caindo. E, ainda, nova tributação, escala 5×2. Muita informação! O que fazer com o meu dinheiro?

O segundo turno das eleições no Brasil trouxe uma surpresa para o mercado financeiro, que já é, por natureza, emocional. Enquanto não houver uma definição precisa dos novos ministros, principalmente da economia, da linha de atuação para os próximos 4 anos, teremos volatilidade.

E o que você faz enquanto isso? Foque nos seus sonhos e objetivos de vida. Vamos imaginar que você é um empresário, você irá mudar suas atividades, ou, focar em vender mais, em melhorar produtividade, em reduzir custos?

Seja o CEO da sua vida. Vamos trazer aqui 5 dicas que vão ajudar você:

- "Quem não sabe para onde vai qualquer caminho serve". Construa o mapa dos seus sonhos e objetivos de vida. Essa é a sua meta.
- "Tenha um instrumento de controle: um orçamento". Elimine do orçamento o que não é importante para atingir sonhos e objetivos. Reduza o que puder. Renegocie contratos (aluguel, peça um abono, uma redução de 30%, 50% por 3 meses; na escola, consegue algum desconto?). Reveja os planos de celular, internet. Corte assinaturas que só assiste eventualmente. Use menos i-food, menos uber. Uma vida mais simples direcionada para atingir sonhos e objetivos.
- "Falar de dinheiro transforma". Converse mais sobre dinheiro com amigos que fazem investimentos, que guardam dinheiro. É uma forma de aprender e mudar padrões.
- "Não existe almoço grátis no mercado financeiro". Tudo que rende mais tem risco. Com taxa de juro elevada, hoje 100% do CDI = 13,65% a.a., o CDB, nos bancos e o RDC, nas cooperativas, têm sido o melhor investimento.
- "O menos é mais". Em momentos de volatilidade, de nervosismo do mercado, taxa CDI e liquidez para saque são as melhores opções.

Todo novo investimento precisa estar associado a uma reserva:

- **Reserva de emergência –** produtos que acompanhem o CDI e proporcionem liquidez diária
- **Reserva para os sonhos –** opte por produtos que acompanhem o CDI para garantir ter dinheiro para pagar as reservas, as intermediárias
- **Reserva para aposentadoria -** Fundo de Previdência Complementar é a melhor opção. Opte, neste momento, por produto conservador que acompanhe o CDI. Na tributação regressiva, após 10 anos de cada aplicação, a alíquota é de 10% exclusiva na fonte, a menor tributação sobre investimento no Brasil.

Aqui temos, de forma complementar, o Tesouro Renda+, rendendo "inflação+juros", que proporciona renda mensal por 20 anos, a partir do ano escolhido. Excelente opção, mas que apresenta alta volatilidade. Como é renda fixa, se não resgatar, receberá, nos vencimentos definidos, o que foi pactuado no momento da aplicação.

E o que faço com a carteira que tenho hoje? Em princípio, não mude, aguarde o mercado melhorar. Ele deve melhorar a partir de janeiro.

Todo momento de estresse é um aprendizado novo: não devemos procurar o que rende mais, mas o produto adequado aos nossos sonhos e objetivos de vida.



Fundamentos Cooperativos



Emanuel Sampaio
Doutor em Sociologia, especialista em Cooperativismo e professor universitário.
emlu70@gmail.com

O capital invisível da cooperação: confiança, ética e crédito de 1920 aos nossos dias

Em 7 de agosto de 1920, o Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, publicava uma pequena matéria com um título que provavelmente passaria despercebido ao leitor de hoje: "A paróquia do Engenho Novo possui uma Caixa Raiffeisen". Por trás daquela notícia aparentemente local, porém, havia uma discussão que permanece surpreendentemente atual: como oferecer crédito às pessoas comuns sem perder de vista responsabilidade, confiança e compromisso com a comunidade?



CORREIO DA MANHÃ — Sabbado, 7 de Agosto de 1920

...LONIZAÇÃO DO BRASIL

...s e immigrantes encaminhados para o interior de Paulo

...decorrer do mez de Julho ... a Delegacia do Serviço de ...mento, no Estado de São ... encaminhou da Capital do ... Estado, para o interior, ...estino a trabalhos de lavou... outros, 1.266 colonos e im... tes, das seguintes nacionalidades: 579 brasileiros, 170 portugueses, 361 italianos, 125 hespanhoes, 25 allemães, 4 austriacos, 3 japonezes, 56 russos, 3 belgas. ...s individuos foram encaminhados para as seguintes zonas: ...rocahana, 1.017; da Paulista, ...da Mogyana, 62; da Noroeste do Brasil, 96; da Estrada de Ferro Norte de S. Paulo, 20; da Central do Brasil, 15, e de diversas estradas, pessoas que, nesta capital, ...reem desoccupadas, e que ...ederem localizar-se na lavoura, ...erão procurar o escriptorio ...formações e Collocação de ...hadores, no caes Pharoux, ...edificio da Policia Maritima, ...as 9 horas da manhã ás 4 ...da tarde, onde obterão todos ...esclarecimentos possiveis, ...ando a concessão de passagens gratuitas de segunda classe, ...estradas de ferro, e de terceira, em companhias de navegação, até á ultimo estação ou porto destino.

...MEAÇÕES NA FAZENDA

...ministro da Fazenda, por ... de hontem, nomeou Teburtio Pereira de Castro para o logar ...escrivão da collectoria das rendas federaes em Bôa Vista do ...ndaí, Minas, e declarou sem ...o a nomeação de José Simões ...o logar de escrivão da collectoria federal de Piuma, Espirito Santo.

"A VIDA"

...neça a circular hontem, mais ...umero deste elegante mensario ...os anteriores, a sua organização ...rfeita, merecendo elle as preferencias do publico.

...NSFERENCIA DE FUNCCIONARIOS DO TRIBUNAL DE CONTAS

PREFEITURA

Foi nomeado Mario de Oliveira Campagnac, para exercer interinamente, o logar de guarda sanitario da directoria de Hygiene e Assistencia Publica, durante o impedimento do effectivo.

— Os srs. Carvalho Mourão e Levy Carneiro estiveram hontem, á tarde, na Prefeitura, afim de convidarem o prefeito para assistir a sessão solenne de hoje, do Instituto dos Advogados.

— Sobre assumptos que se prendem a transferencia do Observatorio Astronomico para o morro de S. Januario, conferenciaram hontem com o prefeito os drs. Saturnino Gomes, Getulio da Nevesa e Catramby, membro do Club de Engenharia.

— Foi hontem multado em soo$00 o engenheiro constructor, sr. Manoel Araripe de Faria, por ter iniciado a construcção de dois predios a rua Gustavo Sampaio, sem haver tirado a respectiva licença.

— Pagam-se hoje as seguintes folhas de vencimentos: Policia Sanitaria, Necroterio, Instituto Vaccinico, Inspectoria do Leite, Hospital Veterinario, Laboratorio de Analyse e Cemiterios.

— Por ter requerido aposentadoria, foi mandado submetter a inspecção de saude o dr. Felicissimo Rodrigues Fernandes, director do Laboratorio Municipal de Analyses, o qual será aposentado neste cargo por executal-o ha mais de 10 annos.

— Directoria Geral de Instrucção Publica — Actos do Director Geral: — Designando — Maria Thereza Quadros, adjuncta de desenho da Escola Rivadavia Corrêa, para servir provisoriamente na Escola Paulo de Frontin.

Transferindo — Armando Carlos da Silva, coadjuvante de ensino, para a 1ª escola masculina nocturna do 7º districto.

Requerimentos despachados pelo prefeito:

Ernesto de Azevedo Alves — Deferido. Oscar Joaquim da Cunha e Waldemar Mario Mangini — Pague-se.

Pelo Director Geral:

Sebastião Tamborim Peixoto Guimarães — Deferido.; Rosa Joaquim Gomes e Isabel Junqueira Gomes — Justifiquem-se na falta de motivo rigoroso de abono; Nayr Dehoul Conceição — Abono as faltas dadas na letra da lei; Henri-

A parochia do Engenho Novo possue uma caixa Raiffeisen

A Caixa Operaria e Rural de systema Raiffeisen, ultimamente organisada no Engenho Novo, realisou hontem a sua assembléa geral de installação.

E' um todo semelhante esta Caixa á da Lagôa, que, constituida ha dous mezes apenas, já vae prestando ao pequeno trabalho daquelle bairro os mais assignalados serviços.

As Caixas Raiffeisen fundam-se sem capital, não sendo os socios obrigados a nenhuma entrada em dinheiro pelo facto de sua admissão. A Caixa só empresta aos socios e quem ainda o não fôr, deve ser primeiramente admittido como tal.

As Caixas recebem depositos de socios e estranhos.

Assentam na responsabilidade solidaria e illimitada dos socios; não distribuem lucros, que vão todos ao fundo de reserva destinado a garantir aquella responsabilidade; não admittem especulação alguma em suas operações.

O fim de acção de cada Caixa é limitado á parochia de sede; não se fazem emprestimos de consumo. A administração é absolutamente gratuita. A fiscalisação é ampla e original.

Graças a este mecanismo, o dinheiro affluc aos cofres da Caixa e o juro das operações consegue ser o mais baixo possivel, resolvendo-se assim de modo ideal o problema do credito popular e agricola.

A nossa lei isenta de quaesquer selos as operações das Caixas Raiffeisen.

Deve-se ao conego dr. Antonio Pinto a creação deste novo instituto, cujo acto constitutivo recebeu já a assignatura de mais de trinta fundadores, entre operarios, pequenos lavradores, funccionarios publicos e commerciantes.

Para primeira directoria foram designados os srs.: Narcito Canario, presidente; Augusto Maquieira, gerente; e Rodrigo de Carvalho Junior, secretario.

O vigario do Engenho Novo é, assim, o primeiro a imitar o exemplo do seu collega de Botafogo, conego Augusto Arcoverde.

A Caixa Raiffeisen de Nova Friburgo é um modelo vivo: começando a funccionar com um deposito de réis 2:000$000, tem hoje séde propria em palacete e movimenta centenas de contos de réis por anno. Graças á Caixa, com a qual se relacionaram os mais operosos moradores do municipio, a cidade de Nova Friburgo progride,

LLOY

Após ... teve ho... com o ... ington, ... deliberar ... nes des... que vem ... grandes... Essa ... Burlama... Asseiçã... Esse ... cebido, ... por tod... cipalmen... vido á ... forçação ... ção nos ... actuaes ... comport... se acha ... não ma... forme ... Frederi... Por ... vem re... Buenos ... a sua n... Essa ... commis... Junior. ... —... rectoria ... Fontou... destino ... pe" ... Esse ... marcad... —... tão m... de sal... me tel... directo ... —... no dia ... —... que o ... Nacion... Dep... aquell... cado ... de gu... Por ... tem ... Carlos ... cimas... —... nara ... Hilari... nista ... Alves ... ta do ... —... o por...

Em 1920, discutia-se essencialmente a mesma questão: como fazer com que o dinheiro chegue a quem precisa dele sem transformar a necessidade de crédito em instrumento de dependência?

Mas existe algo ainda mais interessante naquela experiência.

Seu funcionamento dependia de uma espécie de capital que não aparece no balanço: a confiança

Uma cooperativa pode possuir recursos financeiros, imóveis, sistemas digitais e excelentes indicadores. Entretanto, se seus associados deixarem de confiar uns nos outros, em seus dirigentes ou na instituição, alguma coisa fundamental começa a desaparecer. O cooperativismo possui, portanto, uma dimensão econômica evidente, mas também uma infraestrutura moral sem a qual dificilmente consegue sobreviver.

Mudaram as palavras. O problema, nem tanto.

Hoje discutimos inclusão financeira, microcrédito, juros, endividamento das famílias, financiamento do pequeno produtor, educação financeira e desenvolvimento local. Em 1920, discutia-se essencialmente a mesma questão: como fazer com que o dinheiro chegue a quem precisa dele sem transformar a necessidade de crédito em instrumento de dependência?

É justamente nesse ponto que o economista francês Charles Gide oferece uma interessante chave de leitura. No final do século XIX e início do XX, Gide tornou-se um dos principais formuladores da chamada Escola de Nîmes e colocou a solidariedade no centro de sua concepção cooperativista. Para ele, a cooperação não deveria resultar de imposição, mas da adesão consciente de indivíduos que percebem sua interdependência e decidem organizar economicamente essa solidariedade.

Gide enxergava a cooperativa não apenas como uma forma empresarial capaz de proporcionar vantagens econômicas imediatas, mas também como uma escola de responsabilidade, administração e participação. Cooperar seria aprender a compatibilizar o interesse individual com o interesse coletivo. A organização cooperativa deveria produzir resultados econômicos, mas também formar comportamentos.

Essa reflexão parece especialmente oportuna no presente.

Vivemos um momento em que questões de ética, integridade, governança e responsabilidade ocupam espaço crescente nas organizações. Criamos códigos de conduta, programas de compliance, controles internos, auditorias, políticas de integridade e sofisticados sistemas de fiscalização. Tudo isso é necessário.

Mas a experiência cooperativa de 1920 nos recorda uma questão anterior a qualquer mecanismo de controle: nenhuma regra consegue substituir completamente uma cultura de responsabilidade.

A Caixa Raiffeisen descrita pelo Correio da Manhã funcionava em uma comunidade delimitada. Quem emprestava conhecia o território. Quem tomava o crédito fazia parte daquela organização. Os resultados retornavam para a própria estrutura coletiva. A inadimplência de um não era apenas um dado estatístico distante: afetava o grupo.

Isso produzia algo que hoje poderíamos chamar de responsabilidade compartilhada.

Evidentemente, não seria possível simplesmente transportar aquele modelo para a sociedade contemporânea. As cooperativas cresceram, profissionalizaram-se e passaram a administrar estruturas muito mais complexas. Tecnologia, regulação prudencial, proteção de dados, governança e gestão de riscos são indispensáveis.

O que não deveria desaparecer é o princípio.

Quanto maior se torna uma cooperativa, maior é o risco de o associado deixar de enxergá-la como "nossa organização" e passar a percebê-la simplesmente como "a organização". Nesse momento, a relação de pertencimento pode transformar-se em uma relação convencional entre cliente e fornecedor.

Talvez esteja aí um dos grandes desafios do cooperativismo contemporâneo.

Charles Gide já advertia, em sua reflexão sobre cooperação e economia social, que a cooperação precisava de convicções morais suficientemente fortes para impedir que a busca pelo poder ou pelo benefício particular se sobrepusesse ao propósito coletivo.

Mais de cem anos depois da pequena Caixa do Engenho Novo, continuamos precisando de crédito acessível, financiamento produtivo, poupança, desenvolvimento local e instituições financeiras eficientes.

Mas continuamos precisando também daquilo que nenhuma tecnologia financeira conseguiu substituir: confiança para depositar, responsabilidade para tomar emprestado, prudência para administrar e compromisso para devolver à comunidade aquilo que ela ajudou a construir.

Em 1920, isso ajudava a resolver o problema do crédito popular e agrícola.

Em 2026, talvez continue sendo uma das respostas para um problema ainda maior: como reconciliar eficiência econômica com responsabilidade moral.

"Confiança para depositar, responsabilidade para tomar emprestado, prudência para administrar e compromisso para devolver à comunidade aquilo que ela ajudou a construir."

Aqui Tem Coop



Jose Flávio Linhares
Presidente da CREDCONSULT, Diretor de Intercooperação Onde Tem Coop

Dia Internacional do Cooperativismo de Crédito reforça a importância do setor no Brasil

As cooperativas de crédito comemoram sua data especial em outubro, com muitos motivos para celebrar, pelos números conquistados e crescimento vigoroso dentro do mercado financeiro brasileiro. De acordo com o Anuário Coop 2026, o Ramo Crédito fechou 2025 representado por 682 cooperativas e quase 23 milhões de cooperados, somando R$ 1,15 trilhão em ativos. Além disso, o setor superou a marca de R$ 516 bilhões em carteira de crédito, com mais de 10 mil postos de atendimento distribuídos em todo o território nacional, presença certa em quase 60% dos municípios brasileiros.



Diante dessa forte expansão, novos desafios se apresentam para garantir um futuro de prosperidade, tais como reforçar a identidade cooperativista no meio de um cenário capitalista, criar nos cooperados um sentimento de pertencimento para que ele se veja como sócio do negócio cooperativo, implementar tecnologias que sejam capazes de resolver as dores dos associados e manter o quadro social coeso, ofertar crédito acessível e de baixo risco, garantindo a perenidade da instituição, manter o status de conformidade em dia com os órgãos reguladores, entre outros.

No modelo brasileiro em que convivem cooperativas sistêmicas com as cooperativas de crédito independentes, a garantia de que todas possam conviver nesse meio econômico e cumprir seu papel, conforme esperado pelos associados, faz com que a INTERCOOPERAÇÃO seja uma ferramenta ainda mais necessária na visão dos seus dirigentes. Aqui me dedico um pouco mais a tratar das cooperativas independentes, que representam aproximadamente 30% do ramo crédito na quantidade, mas apenas respondem por cerca de 3% do crédito e dos ativos do setor. Entretanto, essas organizações possuem uma relação direta no foco dos seus cooperados, criando fidelização por muitos anos, devido à proximidade e velocidade no atendimento de suas demandas, que vão muito além do crédito.

Portanto, as novas estruturas tecnológicas disponibilizadas pelos sistemas cooperativos de crédito precisam chegar também às mãos das cooperativas independentes, através de propostas de intercooperação que contribuam para a preservação das centenas de cooperativas pequenas, que atendem nichos específicos, realizando um grandioso serviço ao cooperativismo brasileiro há muitas décadas. Podem ser disseminados ainda, avanços e projetos entre as próprias cooperativas independentes, para que sejam compartilhadas também idéias e soluções entre elas. Algumas tem sido precursoras de boas alternativas nos serviços financeiros prestados aos seus associados. Essas iniciativas não podem ficar esquecidas, ao contrário, devem ser potencializadas.

Comemorar mais um Dia Internacional do Cooperativismo de Crédito nos leva a refletir sobre o futuro que estamos criando hoje. Importante é dar os primeiros passos no seu projeto de intercooperação. Lembre-se: um planejamento bem estruturado e uma comunicação efetiva são fundamentais. A curiosidade em aprender com os outros e a disposição para abrir diálogos reforçam a rede de suporte que se deseja construir. É assim que se inicia uma jornada poderosa, repleta de possibilidades e intercâmbios autênticos. E quem sabe, no final, o que se constata é que, juntos, os desafios podem ser superados de forma mais suave e cativante. Junte idéias, pessoas e propósitos. Cooperativas que se unem transformam sonhos em realidade, com menos esforço, em menor tempo!



Rota de Valor



Filipe Pires
Doutorando em Comportamento do Consumidor e mestre em Economia. Cooperado fundador, Superintendente Comercial e Diretor Acadêmico da Execoop.

O valor em contrato que nenhum chinês precisa assinar



Em 1985, na cidade portuária de Qingdao, no leste da China, um gerente de fábrica chamado Zhang Ruimin reuniu todos os funcionários no pátio. Diante deles estavam enfileiradas 76 geladeiras com defeito, e em cada uma havia um bilhete colado descrevendo a falha e o nome do trabalhador responsável por ela. Zhang pegou uma marreta e destruiu as geladeiras, uma a uma, na frente de todos. Aquela fábrica quase falida viraria a Haier, hoje uma das maiores fabricantes de eletrodomésticos do planeta, e a cena da marreta virou lenda nas escolas de negócios do mundo inteiro.

Quando contam essa história no Ocidente, quase sempre a leem como um gesto de autoridade, quase de medo. Confesso que, por muito tempo, também a li assim. Hoje enxergo outra coisa naquele pátio, algo muito mais poderoso do que a marreta: os nomes nos bilhetes. Numa cultura em que errar diante dos colegas significa envergonhar a si mesmo, a própria família e o coletivo ao qual se pertence, o bilhete pesava mais do que o golpe. Ninguém ali precisou ler um código de conduta para entender o recado, porque cada operário sabia que, naquela noite, voltaria para casa carregando junto o nome da família.

Agora pense na sua cooperativa. Se amanhã a diretoria enfileirasse no pátio os erros do último ano, quantos cooperados, colaboradores e dirigentes sentiriam o peso daquilo como algo pessoal, que diz respeito à própria honra e à honra de quem está em casa esperando por eles? E quantos dariam de ombros, convencidos de que o problema é sempre do setor ao lado?

Guarde essa resposta, porque é nela que mora a lição que a China tem a oferecer ao cooperativismo brasileiro.

Para entender por que os chineses colaboram como colaboram, é preciso voltar uns dois milênios e meio, até Confúcio. O pensamento confuciano organiza a vida em relações que carregam deveres de mão dupla: entre governante e governado, pai e filho, marido e mulher, irmão mais velho e irmão mais novo, amigo e amigo. Nenhuma pessoa existe sozinha nesse modelo; cada um se define pelo lugar que ocupa numa rede de obrigações, e a virtude consiste em cumprir bem o papel que lhe cabe. No centro dessa ética está a piedade filial, o xiao, o dever de honrar pais e antepassados, que na prática se traduz numa meta de vida muito clara para o cidadão comum: dar orgulho à família.

Há um texto clássico, o Grande Aprendizado que resume essa lógica numa escada que todo estudante chinês conhece. Primeiro se cultiva a si mesmo; depois se põe ordem na família; em seguida se governa bem o Estado; e, por fim, se leva paz a tudo o que está sob o céu. Repare que não há ruptura entre os degraus. O bom filho e o bom servidor são a mesma pessoa em escalas diferentes, e não por acaso a palavra chinesa para país, guojia, junta os ideogramas de nação e de família. Para o chinês médio, servir com eficiência ao Estado e honrar a casa onde nasceu são duas faces de um único compromisso, e é esse compromisso, colocado acima de ambições estritamente individuais, que funciona como cola social.

O sociólogo Fei Xiaotong, um dos pais da sociologia chinesa, ofereceu no fim dos anos 1940 a imagem que melhor descreve essa cola. Ele comparou a sociedade chinesa às ondas que se formam quando jogamos uma pedra num lago: cada pessoa está no centro dos próprios círculos concêntricos, e a força do vínculo diminui à medida que os círculos se afastam, começando pela família, passando pelos parentes, pelos colegas de escola, pelos conterrâneos, até chegar aos desconhecidos. Fei chamou isso de chaxu geju, algo como "padrão de associação diferenciada", em livre tradução. E é justamente nesses círculos que circula o conceito que todo executivo ocidental ouve na primeira reunião em Xangai ou Pequim: guanxi.

Guanxi significa, em livre tradução, "relações" ou "conexões", mas a tradução literal empobrece a ideia. Guanxi é a rede de relações pessoais de confiança e reciprocidade que alguém constrói ao longo da vida, e que funciona como um capital tão real quanto o dinheiro no banco. Ela se alimenta de outros dois conceitos. O primeiro é o renqing, o favor que gera uma dívida moral: quem recebe ajuda sabe que, cedo ou tarde, deverá retribuir, e quem não retribui perde lugar na rede. O segundo é o mianzi, a "face", a reputação pública de alguém, que se ganha cum prindo a palavra e se perde ao falhar diante dos outros. Os três operam juntos: o favor cria o vínculo, a face garante que o vínculo será honrado, e a rede inteira guarda a memória de quem honrou e de quem falhou.

Sinto falta de uma tradução melhor para o que isso produz, mas talvez a mais próxima seja esta: na China, a confiança é tratada como infraestrutura. Por isso quem negocia com chineses aprende cedo que o contrato raramente é o começo da conversa. Antes dele vêm os jantares longos, os brindes, as visitas, as perguntas sobre a família, as conversas que parecem não ter nenhuma relação com o negócio. Para o ocidental apressado, aquilo é perda de tempo; para o chinês, é a etapa mais importante, porque ali se decide se o outro merece entrar no círculo. Uma vez dentro, o contrato assinado vale menos do que a relação que o sustenta, e muitas vezes é tratado como um ponto de partida que pode ser revisto conforme as circunstâncias mudam. Daí o título desta coluna: há acordos na China que nenhum papel seria capaz de garantir, porque a garantia está na face de quem deu a palavra e na rede que testemunhou o compromisso.

Esse arranjo tem uma consequência econômica que interessa diretamente a quem dirige cooperativa. Onde há confiança, cai o custo de fazer negócio: gasta-se menos com advogados, auditorias, garantias e cobranças, e as decisões andam mais rápido porque cada parte sabe o que esperar da outra. Durante décadas, em que as instituições formais chinesas eram frágeis, o guanxi fez o papel que em outros países caberia aos tribunais e aos cartórios. E mesmo hoje, com um aparato jurídico muito mais robusto, a rede de confiança segue sendo o lubrificante que faz a engrenagem girar.

O outro pilar dessa filosofia é o respeito. Respeito às regras, às leis e ao Estado, que na cultura chinesa aparece menos como imposição externa e mais como parte da ordem natural que o pensamento confuciano descreve: cada um no seu papel, cumprindo o seu dever, para que o todo funcione. Respeito à família, que é a primeira escola dessa ordem. E respeito ao trabalho, que talvez seja o traço mais visível para quem visita o país. Os chineses têm uma expressão para isso, chiku, literalmente "comer amargura", que descreve a capacidade de suportar sacrifícios hoje em nome de um resultado amanhã. O jovem que passa anos estudando para o gaokao, o exame nacional de acesso à universidade, não está estudando apenas para si; está carregando a expectativa de pais e avós que, muitas vezes, abriram mão de quase tudo para que aquele momento chegasse. O sucesso é coletivo, o fracasso também, e essa conta compartilhada é um motor de esforço que ne nhum bônus de fim de

ano consegue replicar sozinho.

A Haier, aliás, voltou a surpreender o mundo vinte anos depois da marreta. Em setembro de 2005, Zhang Ruimin propôs o modelo que batizou de RenDanHeYi, cuja ideia central é unir cada colaborador diretamente ao usuário final. A empresa removeu camadas intermediárias que somavam mais de 12 mil pessoas e se reorganizou em milhares de microempresas autogeridas, cerca de 4 mil segundo o próprio Zhang, cada uma responsável pelo próprio resultado, mas obriga da a colaborar com as demais num ecossistema comum. Olhe para esse desenho com olhos de coo perativista e diga se ele não lembra alguma coisa: unidades com autonomia, ligadas por um propó sito compartilhado, em que cada um responde diretamente a quem serve e ninguém prospera sozi nho. Zhang conta que leu muito Peter Drucker ao longo da vida; eu acrescentaria que ele também parece ter lido, mesmo sem saber, os pioneiros de Rochdale.

E aqui chegamos a um dado que deveria nos fazer pensar. A China tem hoje cerca de 2,14 milhões de cooperativas de agricultores registradas, segundo o Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais, num movimento que ganhou corpo depois que a Lei das Cooperativas Profissionais de Agricultores entrou em vigor, em julho de 2007. É um número que impressiona por qualquer régua. Ainda assim, em abril deste ano, uma conferência nacional realizada em Chengdu reuniu especia listas e lideranças com um tema revelador: fazer as cooperativas chinesas migrarem do cresci mento em quantidade para a melhoria em qualidade. Pesquisadores do próprio país reconhecem que uma parte relevante dessas cooperativas existe no papel sem prestar serviço efetivo aos asso ciados. Ou seja, nem mesmo uma cultura que respira colaboração escapa da armadilha de confun dir registro com pertencimento, e essa é uma lição que vale tanto lá quanto aqui.

Traga tudo isso para o nosso quintal. O cooperativismo brasileiro, curiosamente, já nasceu com muito daquilo que os chineses chamam de guanxi. Está no compadre que indica o vizinho para a cooperativa, no acordo fechado no fio do bigode na porta do armazém, no produtor que entrega a safra mesmo quando o atravessador acena com alguns centavos a mais, porque sabe que a coope rativa esteve ao lado dele no ano da geada. Está nas colônias do Sul, onde famílias de imigrantes construíram cooperativas sobre redes de parentesco e vizinhança que lembram muito os círculos concêntricos de Fei Xiaotong. Está, enfim, em dois dos nossos princípios: a intercooperação, que



nos pede para fortalecer o movimento trabalhando juntos, e o interesse pela comunidade, que nos lembra que a cooperativa existe para algo maior do que o resultado do exercício.

O problema é que, em muitas cooperativas, essa matéria-prima foi sendo deixada de lado à medida que crescemos. Profissionalizamos a gestão, e fizemos bem; adotamos governança, compliance e indicadores, e fizemos muito bem. Mas, no caminho, algumas cooperativas passaram a tratar o cooperado como cliente de balcão, o relacionamento como canal de vendas e a assembleia como for malidade estatutária. A confiança deixou de ser infraestrutura e virou, quando muito, um tema de campanha institucional. E sem ela o custo de fazer negócio volta a subir: o associado compara taxa com o banco digital a cada operação, entrega a produção a quem pagar mais naquele mês e só apa rece na assembleia quando há sobras a distribuir.

O que a China nos ensina, então, é que colaboração em larga escala não brota apenas de estrutura, contrato ou incentivo financeiro. Ela brota de um senso de dever compartilhado que conecta o in divíduo a algo maior do que ele, e que faz do comportamento de cada um uma questão de honra perante os seus. Para o chinês médio, esse "algo maior" tem dois nomes: a família e o Estado. Para o cooperado brasileiro, ele poderia ter três: a família, a comunidade e a cooperativa da qual ele é dono.

Imagine o que muda quando uma cooperativa passa a trabalhar deliberadamente essa ponte. A su cessão familiar deixa de ser assunto exclusivo da família e vira projeto da cooperativa, com o filho e a neta do associado frequentando programas de formação, conhecendo a história do lugar e

en tendendo que herdaram não apenas uma propriedade, mas um assento. A assembleia volta a ser um rito de pertencimento, aquele dia em que o cooperado leva a família e mostra, com orgulho, aquilo que ajudou a construir. O cumprimento do estatuto, da fidelidade de entrega ao pagamento em dia, passa a ser percebido como questão de face, de reputação diante dos pares, e não como cláusula que só se respeita sob ameaça de multa. E a indicação de um novo associado ganha o peso de um aval pessoal, porque quem indica empenha o próprio nome, exatamente como no guanxi.

Nada disso exige marreta. Exige, isso sim, que a cooperativa crie ocasiões para que a confiança seja construída, testemunhada e lembrada. Os chineses fazem isso com banquetes, chá e visitas; nós te mos o dia de campo, a reunião de núcleo, o café da manhã na agência, o encontro de jovens e de mulheres cooperativistas. A diferença está menos no instrumento e mais na intenção com que ele é usado: ou como evento de marketing, ou como investimento deliberado no capital mais valioso que uma cooperativa possui, que é a disposição das pessoas de colaborar umas com as outras sem precisar ser vigiadas para isso.

Há, porém, uma ressalva que considero indispensável, e que nenhum dirigente deveria pular. Ins pirar-se num modelo não significa importá-lo por inteiro, e o modelo chinês tem pontos que se chocam frontalmente com a identidade cooperativista.

O primeiro é a relação com o Estado. Na China, a lealdade ao Estado é um valor central da ordem social, num sistema político que concentra poder de maneira que não se compara ao nosso. O coo perativismo, por sua vez, tem como quarto princípio a autonomia e a independência: cooperativas são organizações controladas pelos seus membros, e qualquer acordo com governos precisa pre servar esse controle democrático. O que podemos aprender com os chineses é o respeito às regras do jogo e a disposição de servir a algo maior do que a si mesmo, lembrando que o "algo maior" do cooperado é o quadro social que ele integra, qualquer que seja o governo da vez.

O segundo ponto é o lado sombrio do próprio guanxi. Uma rede de confiança baseada em círculos concêntricos favorece quem está dentro e, por definição, desfavorece quem está fora. Quando degenera, vira nepotismo, favorecimento e corrupção, e a própria China reconhece o problema, a ponto de ter transformado o combate à corrupção numa das principais campanhas do governo desde 2012. Uma cooperativa que confunde relacionamento com compadrio fere dois princípios de uma vez: a adesão livre e voluntária, que manda abrir as portas a todos que possam usar os servi ços e aceitar as responsabilidades de associado, e a gestão democrática, que dá a cada cooperado o mesmo voto, independentemente de sobrenome, tamanho ou proximidade com a diretoria. Por isso o guanxi que nos interessa é o da confiança e da reciprocidade, submetido à transparência e à governança, longe da panelinha que decide tudo na mesa do almoço.

O terceiro ponto é mais sutil e diz respeito à pessoa. A cultura do sacrifício, do chiku, produz resul tados admiráveis, mas também cobra um preço alto em saúde mental, em pressão sobre os jovens e em jornadas exaustivas que a própria sociedade chinesa vem questionando. O cooperativismo nasceu para colocar a pessoa no centro da atividade econômica, e convém lembrar que orgulho pelo trabalho bem-feito pode conviver com descanso, saúde e tempo para a própria família que se quer honrar.

Feitas as ressalvas, o essencial continua de pé. Os chineses descobriram, ao longo de séculos, que uma sociedade colabora melhor quando cada pessoa sente que o próprio comportamento diz algo sobre a família que a criou e sobre a comunidade que a acolhe. Nós, cooperativistas, temos uma vantagem que eles não têm: aqui, o coletivo ao qual o cooperado presta contas é um negócio do qual ele mesmo é dono, onde ele vota, fala e decide. Se o chinês colabora para honrar uma ordem que recebeu pronta, o cooperado pode colaborar para honrar uma obra que ajudou a erguer, e poucas fontes de orgulho são tão duradouras quanto essa.

O desafio está em fazer o cooperado sentir isso de verdade, no cotidiano, e não apenas ouvir falar no discurso do presidente na assembleia. Isso começa quando a cooperativa decide tratar o relaci onamento como investimento; que a palavra empenhada vale tanto quanto a assinatura; que a fa mília do associado faz parte do quadro social mesmo que não esteja na ficha de matrícula; e que cada colaborador, como os operários de Qingdao, deve sentir o próprio nome colado no resultado que entrega.

A marreta de Zhang Ruimin destruiu 76 geladeiras. O que ela ergueu em troca foi uma cultura em que ninguém queria ver o próprio nome no próximo bilhete.

Por isso deixo uma pergunta para você levar à próxima reunião de diretoria: se o seu cooperado ti vesse que explicar ao filho, no almoço de domingo, por que sente orgulho de ser dono da sua coo perativa, ele teria o que dizer?



Hélio Gomes de Carvalho
Consultor em Gestão da Inovação

Os sete passos para implantar a cultura da inovação na cooperativa

Sabemos que a inovação é importante para a competitividade e sobrevivência da Cooperativa. Alguns consultores afirmam que é só "virar a chave", "mudar o mindset" para a inovação e que está resolvido. Mas, as perguntas que não querem calar: Como é essa chave? Onde está essa chave? Quem vai virar essa chave?

Por isso, julgamos que é importante ter um plano para implantação da cultura de Inovação na Cooperativa. Não dá para jogar toda a história já consolidada de 20, 30 ou 50 anos e pensar que a cooperativa nunca fez nada em termos de inovação e que agora é o momento de começar a fazer. Nenhuma organização cresce e alcança o tamanho das nossas cooperativas sem que tenha lançado produtos e serviços novos ou implementado processos operacionais, administrativos e industriais totalmente novos. Ou seja, as cooperativas já vêm inovando, mas talvez não de forma contínua e sistemática, que é o que o momento de mercado exige.



Sugerimos sete passos nessa Jornada da Inovação na cooperativa.

1. Sensibilizar a alta direção, as lideranças superiores da cooperativa: presidente, diretores, gerentes do primeiro escalão. Com isso, pretende-se que haja um sponsor, patrocinador da inovação.
2. Sensibilizar o conselho da cooperativa, para que haja valorização e inserção da inovação nos valores e no planejamento estratégico e no orçamento.
3. Definição de uma estrutura de governança para a inovação, com clareza de papeis de todos os colaboradores, pois a inovação deve ser sistêmica e não concentrada em uma área específica.
4. Formalização de um comitê estratégico de inovação, com regras de funcionamento, com papeis e responsabilidades dos integrantes.
5. Levantamento do grau de maturidade em Gestão da Inovação da Cooperativa, para termos clareza de como estamos frente às diferentes dimensões e identificarmos nossos pontos fortes e fracos. Esse diagnóstico nos ajudará nos esforços de melhoria do ambiente propício à cultura da inovação.
6. Elaboração do Plano de Inovação a Cooperativa (PIC). Com a governança definida e com o diagnóstico, podemos definir o conjunto de programas específicos e ações estruturantes para disseminar a cultura da inovação e o conjunto de projetos de oportunidades que podem vir a ser desenvolvidas.
7. Estruturação e organização da área, setor, coordenação ou gerência que será responsável por tocar a inovação no dia a dia junto a todas as áreas da Cooperativa. Essa área não será a responsável por inovar na cooperativa, mas será responsável por organizar as iniciativas de projetos de inovação, dar apoio às áreas que desejem inovar, articular internamente para que o ambiente seja propício e também articular externamente em termos de inovação aberta.

Seguindo esses passos, creio que será possível consolidar a cultura da inovação de forma que inovar seja algo do dia a dia, sistemático e contínuo.

execoop
Executivos Formando Executivos

LIDERANÇAS QUE **TRANSFORMAM.**

COOPERAÇÃO QUE **MULTIPLICA RESULTADOS.**



MAIS DE **1 MIL** EXECUTIVOS FORMADOS | A MAIOR ESCOLA DE NEGÓCIOS COOPERATIVISTA DO BRASIL

DUPLA CERTIFICAÇÃO INTERNACIONAL
Formação reconhecida com dupla certificação com instituições internacionais de excelência.

MISSÕES INTERNACIONAIS
Vivências exclusivas em referências globais de inovação, liderança e cooperativismo.

CONEXÃO, NETWORK E ALTO IMPACTO
Uma comunidade de líderes que compartilha conhecimento, gera oportunidades e impulsiona o cooperativismo.

PÓS-GRADUAÇÃO MBA EM DIVERSAS ÁREAS
Formação estratégica para os desafios atuais e futuros do cooperativismo.

- MARKETING
- GESTÃO DE PROJETOS
- GESTÃO DE PROCESSOS
- ESG E SUSTENTABILIDADE
- CRÉDITO E FINANÇAS
- IA E DATA ANALYSIS
- GOVERNANÇA COOPERATIVA

MISSÕES INTERNACIONAIS QUE AMPLIAM HORIZONTES E GERAM INSPIRAÇÃO



CONTEÚDO ATUALIZADO E PRÁTICO | PROFESSORES REFERÊNCIA DE MERCADO | FORMAÇÃO COM VISÃO GLOBAL | FOCO EM RESULTADOS E IMPACTO REAL | REDE DE EX-ALUNOS ATIVA E COLABORATIVA

Educação que coopera com o futuro. • execoop Executivos Formando Executivos • www.execoop.com.br +55 21 99599-1001

Empreendedorismo Coop



Renato Regazzi
Gerente executivo do Sistema OCB-RJ

O aprendizado dos distritos industriais italianos e o cooperativismo como caminho para o desenvolvimento local no Brasil



O desenvolvimento de uma cidade ou região não depende apenas dos recursos que ela possui, mas da capacidade de transformar esses recursos em oportunidades compartilhadas. Empresas, produtores, trabalhadores, cooperativas, universidades, organizações sociais e poder público podem gerar resultados mais consistentes quando atuam de forma articulada. Essa é uma das principais lições dos distritos industriais italianos. A proximidade entre empreendimentos ganha força quando se converte em cooperação, aprendizagem, inovação e compromisso com o território.

Em diversas regiões da Itália, pequenas e médias empresas especializadas construíram relações produtivas que combinam concorrência e colaboração. Fornecedores, fabricantes, prestadores de serviços e instituições locais passaram a compartilhar competências, conhecimentos e, em alguns casos, estruturas de apoio. Essa dinâmica favorece a chamada eficiência coletiva na qual cada organização mantém sua autonomia, mas também se beneficia de um ambiente territorial que facilita a qualificação, a inovação, a circulação de informações e o acesso a mercados. O diferencial não está simplesmente em reunir empresas no mesmo lugar, e sim em desenvolver relações capazes de criar valor para o conjunto.

Essa experiência não deve ser copiada diretamente. Os distritos industriais italianos resultam de histórias, instituições e culturas específicas, e nem toda concentração de negócios constitui um distrito dinâmico. Para que um arranjo produtivo se fortaleça, são necessários confiança, especialização, governança, instituições de apoio, acesso a conhecimento e objetivos comuns. A principal lição para o Brasil é adaptar esses princípios às vocações e condições de cada território, sem supor que uma única fórmula sirva para realidades diferentes.

Nesse processo, o cooperativismo pode ser uma ferramenta estratégica. Cooperativas de produção, crédito, comercialização, compras ou serviços permitem que pessoas e empreendimentos compartilhem custos, ampliem sua capacidade de negociação e realizem iniciativas que seriam difíceis de sustentar individualmente. Podem apoiar pequenos negócios, individuais e coletivos, no acesso a financiamento, tecnologia, capacitação, certificação e novos canais de venda. Quando conectadas a uma estratégia de desenvolvimento local, ajudam a transformar interesses dispersos em ação coletiva organizada.

É importante distinguir os conceitos, visto que o distrito industrial é uma configuração territorial e produtiva, formada por empresas e instituições interligadas; o cooperativismo é uma forma de organização econômica e democrática que pode fortalecer essas conexões. Portanto, uma cooperativa não cria, por si só, um distrito industrial. Sua contribuição está em apoiar a cooperação dentro de um cluster ou arranjo produtivo local, oferecendo serviços compartilhados, criando pontes entre atores e ajudando a viabilizar projetos de interesse comum.

A construção dessa estratégia começa com um diagnóstico participativo. É preciso reconhecer as vocações econômicas, as competências existentes, os fornecedores, os mercados potenciais e os obstáculos enfrentados pelos empreendimentos. A partir desse retrato, os atores locais podem escolher prioridades concretas: compras coletivas, qualificação profissional, logística, transformação digital, inovação, padrões de qualidade, promoção comercial ou acesso conjunto a mercados. Uma governança representativa, com responsabilidades claras, transparência e prestação de contas, ajuda a transformar intenções em compromissos e resultados.

Projetos-piloto são especialmente úteis para criar confiança. Uma central de comercialização, uma iniciativa de capacitação compartilhada, um catálogo digital de produtores ou um programa conjunto de qualidade podem demonstrar benefícios em prazo relativamente curto. Os resultados devem ser acompanhados por indicadores, como redução de custos, aumento das vendas, novos mercados, produtividade, empregos, renda, participação dos pequenos negócios cooperativistas e melhoria das condições socioambientais. Medir resultados permite aprender, corrigir o caminho e manter a cooperação ligada às necessidades reais da comunidade.

O desenvolvimento local não pode ser reduzido somente à competitividade organizacional. Crescer de forma sustentável significa ampliar oportunidades, qualificar pessoas, gerar trabalho e renda, valorizar saberes locais e cuidar dos recursos naturais. Por isso, a articulação entre empresas, cooperativas, instituições de conhecimento e poder público deve buscar não apenas maior eficiência, mas também a distribuição dos benefícios e a melhoria da qualidade de vida. A inovação tecnológica e as ferramentas digitais podem ajudar, desde que estejam a serviço de uma estratégia clara e não substituam a participação e a confiança.

O Brasil possui territórios com diferentes vocações industriais, agrícolas, comerciais, turísticas, culturais e tecnológicas, que podem se beneficiar de redes colaborativas. A tarefa é identificar complementaridades, conectar setores e construir uma agenda compartilhada, em vez de promover ações isoladas e descontínuas. O cooperativismo pode ser uma ponte entre os pequenos empreendimentos e as oportunidades de desenvolvimento, enquanto a governança territorial organiza prioridades, articula parcerias e cria reputação territorial.

A lição central dos distritos industriais italianos é que a força de uma economia local não está apenas em cada empreendimento, mas também na qualidade das relações entre eles. Para o Brasil, o caminho não é reproduzir um modelo estrangeiro, e sim adaptar seus princípios por meio de cooperação, instituições sólidas e participação democrática. Quando o cooperativismo se integra a uma estratégia territorial bem planejada, o território deixa de ser apenas o lugar onde a economia acontece e passa a ser protagonista do próprio desenvolvimento.

Saúde financeira na terceira idade: o valor de planejar hoje para viver melhor amanhã



Outubro começa com uma data importante para refletirmos sobre longevidade e qualidade de vida: o Dia Nacional da Pessoa Idosa. A data busca ampliar a conscientização sobre o envelhecimento e os desafios enfrentados por essa parcela da população.

O Brasil está envelhecendo cada vez mais. Hoje, as pessoas com 60 anos ou mais representam 16,6% da população brasileira, cerca de 35,2 milhões, segundo dados do IBGE referentes a 2024. Esse cenário reforça uma reflexão que precisa começar antes da aposentadoria: como queremos viver os próximos capítulos da nossa vida? Estamos nos preparando financeiramente para isso?

A aposentadoria pode representar uma nova fase, com mais liberdade para aproveitar o tempo, realizar planos e estar perto de quem importa. Mas, para ser vivida com tranquilidade, precisa ser planejada. As despesas não necessariamente diminuem com o fim da vida profissional e, em muitos casos, gastos relacionados à saúde e cuidados passam a ter um peso maior no orçamento. Ao mesmo tempo, a renda pode mudar. Por isso, construir uma estratégia financeira ao longo da vida é fundamental.

Os números do INSS ajudam a dimensionar esse desafio: em 2025, cerca de 70% dos beneficiários do Instituto recebiam o salário-mínimo, o que correspondia a aproximadamente 28,5 milhões de pessoas. Para muitas famílias, esse benefício representa uma importante fonte de renda e, em alguns casos, também contribui para o orçamento de filhos e netos.

Por isso, planejamento financeiro não deve começar quando a aposentadoria está próxima. Conhecer os próprios gastos, estabelecer prioridades, construir uma reserva, pensar na proteção da família e buscar alternativas de renda para o futuro são decisões que precisam ser tomadas ao longo de toda a vida.

A previdência complementar também deve fazer parte dessa estratégia. Na Unicred, o Precaver é um plano voltado aos cooperados para a construção de uma reserva de longo prazo e de uma renda complementar no futuro. A solução permite contribuições e aportes extraordinários com eficiência fiscal, ajudando a transformar planejamento em uma estratégia concreta para um amanhã mais seguro.

E, quando falamos em construção patrimonial, existe um ativo que muitas vezes é mais importante do que o dinheiro: o tempo. Quem começa tarde pode precisar de aportes muito maiores para alcançar seus objetivos, enquanto quem começa cedo pode contar com o efeito dos juros compostos para fazer o patrimônio crescer. Em um cenário de juros elevados como o brasileiro, essa prática faz toda a diferença.

Viver mais com tranquilidade, autonomia e liberdade para fazer escolhas exige preparo. E o planejamento financeiro, quando começa cedo e acompanha as diferentes fases da vida, pode ser um importante aliado para transformar longevidade em prosperidade.

@AuroraCoopOficial

A QUALIDADE É O QUE NOS MOVE

t12.com.br

Produzimos com responsabilidade, cuidado e respeito, entregando o nosso melhor todos os dias. Afinal, somos mais de 150 mil famílias unidas no mesmo propósito e na mesma essência: o **cooperativismo**.

Alcemir
Colaborador

Aurora
Aurora Premium
Aurora Bem Leve
Nobre
Alegra
Gran Mestri

AURORA COOP

Onde existe progresso, existe a força do coletivo.

Quando comunidades prosperam, o Brasil se desenvolve.
É essa lógica que nos une: enquanto o cooperativismo impulsiona o crescimento em todas as regiões do país, a Icatu Coopera protege quem faz isso acontecer.



15 de outubro | Dia Internacional do Cooperativismo de Crédito

O Cooperativismo desenvolve. A gente protege.

ICATU COOPERA

Icatu Seguros S.A (CNPJ/MF: 42.283.770/0001-39). SAC: 0800 286 0110 (2ª a 6ª: 8h às 20h; fins de semana e feriados: 8h às 16h). Nos demais horários ou Atendimento em libras: portal.icatuseguros.com.br/atendimento. Ouvidoria: 0800 286 0047 (2ª a 6ª: 8h às 18h, exceto feriados).